



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Miguel João Ferreira Ramos Alvarrão Jóia

A ARQUEOLOGIA URBANA EM SANTARÉM:
UM CASO PRÁTICO DE REABILITAÇÃO NO LARGO DE
SÃO JULIÃO

Relatório de Estágio do Mestrado em Arqueologia e Território, orientado pelo Professor Doutor Ricardo Costeira da Silva, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2023

FACULDADE DE LETRAS

A ARQUEOLOGIA URBANA EM SANTARÉM: UM CASO PRÁTICO DE REABILITAÇÃO NO LARGO DE SÃO JULIÃO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A Arqueologia Urbana em Santarém
Subtítulo	Um caso prático de Reabilitação no Largo de São Julião
Autor/a	Miguel João Ferreira Ramos Alvarrão Jóia
Orientador/a(s)	Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva
Júri	Presidente: Doutor Armando José Mariano Redentor Vogais: 1. Doutor Marco António Antunes Liberato 2. Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia Medieval e Moderna
Data da defesa	24-10-2023
Classificação do Relatório	17 valores
Classificação do Estágio e Relatório	17 valores



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Agradecimentos

O trabalho desenvolvido ao longo dos dois anos do Mestrado em Arqueologia e Território não teria sido possível sem acompanhamento e instrução, por isso:

Agradeço ao Dr. Nuno Santos e aos outros membros da empresa ArqueoScallabis por me receberem e apoiarem durante o estágio.

Agradeço aos vários professores que me lecionaram durante o mestrado e durante a licenciatura. Agradeço também ao excelentíssimo Professor Doutor Ricardo Costeira da Silva por orientar o estágio.

RESUMO

A Arqueologia Urbana em Santarém: um caso prático de reabilitação no Largo de São Julião

O presente relatório é resultado do estágio curricular realizado na empresa ArqueoScallabis, Lda. (Santarém), realizado no âmbito do Curso de 2º Ciclo em Arqueologia e Território da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, constituindo o trabalho final selecionado pelo mestrando para conclusão do mesmo.

A Arqueologia Empresarial é uma das áreas com maior taxa de empregabilidade após o término do ciclo de estudos em Arqueologia. A decisão de elaborar o presente relatório teve em consideração a necessidade de familiarização com toda a parte legislativa, prática e metodologia em arqueologia preventiva, nomeadamente na vertente de acompanhamento em contexto de obra, compondo também uma forma de consolidar a capacidade de aplicação de forma segura dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da vertente lectiva teórica, tanto do mestrado como da licenciatura que o precedeu.

O caso de estudo selecionado foi a intervenção arqueológica realizada em Santarém - no Largo de S. Julião n.º 1 a 5 e Travessa das Capuchas n.º 1-11 – que tinha por objectivo minimizar o possível impacte patrimonial e arqueológico decorrente da ampliação e requalificação de um edifício de habitação.

Apresentam-se os trabalhos realizados pelo mestrando que teve a oportunidade de acompanhar o processo em todas as suas fases, desde os trabalhos prévios de recolha bibliográfica, passando pelos trabalhos de campo de escavação e acompanhamento, até à realização dos trabalhos de laboratório de registo e tratamento dos dados e do espólio exumado. Estes trabalhos foram devidamente enquadrados no estado de arte da arqueologia na cidade, permitindo também problematizar alguns aspectos.

Estes trabalhos permitiram constatar que a maioria dos contextos se encontravam já remexidos e tinham pouco valor arqueológico. Os raros contextos que demonstraram ter valor arqueológico permitiram confirmar ou desmentir certas teses pré-estabelecidas por autores anteriores relativamente à cronologia de ocupação desta parte da cidade. O espólio exumado revela uma cronologia de ocupação do espaço desde o período Medieval Islâmico até à contemporaneidade.

Assim, neste relatório de estágio propõe-se também contribuir, ainda que modestamente, para o acréscimo de conhecimento desta parcela da cidade de Santarém, divulgando os resultados obtidos, analisando e problematizando os achados, integrando-os nas dinâmicas de ocupação deste espaço.

Palavras-chave: Santarém; Arqueologia urbana; Arqueologia Preventiva; Prática arqueológica

ABSTRACT

Urban Archaeology in Santarém: a practical case of rehabilitation in Largo de São Julião

This report is the result of the curricular internship carried out at the company ArqueoScallabis, Lda. (Santarém), as part of the 2nd Cycle of the Course in Archeology and Territory at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra, and is the final work selected by the master's student to complete the course.

Business Archeology is one of the areas with the highest employability rate after completing the Archeology study cycle. The decision to write this report took into account the need to familiarize myself with all the legislative, practical and methodological aspects of preventive archeology, namely in terms of accompaniment of construction work. It also comprised a way to consolidate the ability to apply, in a safe way, the theoretical knowledge acquired during the theoretical lectures of both the master's degree and the licentiate's degree that preceded it.

The case study selected was the archaeological intervention carried out in Santarém - in Largo de S. Julião n.º 1 to 5 and Travessa das Capuchas n.º 1-11 - which aimed to minimize the possible heritage and archaeological impact resulting from the extension and requalification of a residential building.

The work carried out by the master's student, who had the opportunity to accompany the process in all its phases, from the preliminary bibliographic collection work, through the excavation and accompanying of construction work, to the laboratory work of recording and processing the data and the exhumed remains, is presented here. This work was duly framed within the state of the art of archaeology in the city, and also made it possible to problematize certain aspects.

This work showed that most of the contexts were already distorted and had little archaeological value the rare contexts that proved to have archaeological value allowed us to confirm or disprove certain theses established by previous authors regarding the chronology of occupation of this part of the city. The exhumed remains reveal a chronology of occupation from the Medieval Islamic period to the present day.

Thus, this internship report also aims to contribute, albeit modestly, to increasing knowledge of this part of the city of Santarém, disseminating the results obtained, analyzing and problematizing the finds, and integrating them into the dynamics of occupation of this space.

Keywords: Santarém; Urban archaeology; Preventive archaeology; Archaeological practice

Índice

1. Introdução	1
1.1 Conteúdos e Estrutura do Relatório	1
2. Enquadramento histórico-arqueológico de Santarém	3
3. História da investigação arqueológica em Santarém	10
4. Estágio num contexto de arqueologia preventiva	17
4.1. Objectivos	17
4.2. Metodologia	19
4.2.1. Trabalhos Prévios	21
4.2.2. Trabalhos de Campo	26
4.2.3. Trabalhos Laboratoriais	30
4.3. Condicionantes e Oportunidades	31
5. Uma intervenção arqueológica no nº 1-5 do Largo de São Julião e 1-11 da Travessa dos Capuchos	32
5.1. Condicionantes e Oportunidades da intervenção	34
5.2. Trabalhos de escavação manual	36
5.2.2. Descrição dos trabalhos e estratigrafia (por sondagem)	36
5.2.2.1. Sondagem 1	36
5.2.2.2. Sondagem 2	38
5.2.2.3. Sondagem 3	39
5.2.2.4. Sondagem 4	40
5.2.2.5. Sondagem 5	41
5.2.2.6. Sondagem 6	42
5.2.2.7. Sondagem 7	44
5.2.2.8. Sondagem 8	46
5.3. Sondagens parietais	48
5.3.1. Descrição dos trabalhos (por sondagem)	48
5.3.1.1. Sondagem 9	48

5.3.1.2. Sondagem 10.....	48
5.3.1.3. Sondagem 11.....	49
5.3.1.4. Sondagem 12.....	50
5.4. Acompanhamento arqueológico.....	51
5.5. Classificação sumária do espólio.....	52
6. Análise dos resultados obtidos.....	60
7. Considerações finais.....	66
BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS.....	68
ANEXOS	74
Anexos I- Registo Gráfico e Fotográfico da Intervenção	75
Anexos II- Inventário do Espólio Exumado.....	164
Anexos III- Registo Fotográfico do Espólio	187
Anexos IV- Registo gráfico do espólio	207

1. Introdução

O presente relatório é resultado do estágio curricular realizado na empresa ArqueoScallabis, Lda. (Santarém), realizado no âmbito do Curso de 2º Ciclo em Arqueologia e Território da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, constituindo o trabalho final selecionado pelo mestrando para conclusão do mesmo.

O referido estágio foi realizado sob a orientação científica do Prof. Doutor Ricardo Costeira da Silva e teve o acompanhamento e supervisão do arqueólogo e sócio-gerente da ArqueoScallabis, Dr. Nuno Santos.

A decisão de elaborar o presente relatório teve em consideração a necessidade de familiarização com a área com maior taxa de empregabilidade em arqueologia, a Arqueologia Empresarial, nomeadamente na vertente de acompanhamento de obras, compondo também uma forma de consolidar a capacidade de aplicação de forma segura dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da vertente lectiva teórica, tanto do mestrado como da licenciatura que o precedeu. A procura de uma experiência prática de trabalho de campo como complemento das outras vertentes de aprendizagem foi decisiva na selecção desta opção. Para esse efeito foi feita a candidatura a um estágio na empresa de arqueologia ArqueoScallabis, Lda., sendo o presente relatório o resultado do trabalho realizado e que contemplou o desempenho de tarefas associadas a uma intervenção arqueológica em meio urbano. Para além das sondagens arqueológicas mais clássicas, foi possível realizar o acompanhamento arqueológico de sondagens parietais e desenvolver todo o trabalho de gabinete prévio e posterior ao trabalho de campo.

A componente de estágio teve início no dia 5 de Novembro de 2022 e terminou no dia 5 de Março de 2023, com a duração total de 327 horas. Os trabalhos arqueológicos realizados estavam enquadrados nas obras de requalificação do n.º 1-5 do Largo de S. Julião e n.º 1-11 da Travessa dos Capuchos na cidade de Santarém, cujo promotor é a IIFPG- Sociedade de Investimentos.

1.1 Conteúdos e Estrutura do Relatório

O projeto do n.º 1-5 do Largo de S. Julião implica o completo rejuvenescimento do imóvel, tanto da parte construída, como do seu logradouro. Assim, a envergadura do que está planeado fazer-se para a requalificação do imóvel e a sua adaptação ao estilo de vida moderna, pressupõe um elevado grau de afectação do subsolo, obviamente tendo impactes directos e irreversíveis sobre o

património arqueológico eventualmente existente. Estes impactes são inerentes, essencialmente, ao projecto de estabilidade e comum a todos os edifícios a reabilitar, e à construção de um edifício novo (de raiz) e de uma piscina. Por sua vez, estas construções/reformulações implicam a abertura de valas para instalação de infraestruturas de drenagem de águas residuais domésticas e abastecimento de água e a regularização e modelação do terreno que têm particular impacto no subsolo.

Assim sendo, estabeleceu-se um programa de sondagens de diagnóstico e sondagens parietais, para registo e leitura dos diferentes momentos construtivos do imóvel. Adicionalmente, e por se desconhecer a localização das necrópoles pertencentes às antigas igrejas de S. Julião (localizada à frente do edificado) e de S. Lourenço (instalada a tardoz do mesmo), foi solicitada a inclusão de uma antropóloga física no projecto.

Neste relatório serão apresentados os resultados das actividades realizadas, bem como as respectivas metodologias e procedimentos utilizados. Para esse propósito o trabalho foi estruturado em 7 partes, designadas como capítulos, tendo como ponto de partida o primeiro capítulo onde é feita uma introdução ao tema do relatório de estágio, procurando expor o objetivo primordial deste estudo e as metodologias adotadas. O segundo capítulo refere-se ao enquadramento histórico e arqueológico de Santarém, de modo a inteirarmo-nos das principais problemáticas e do potencial arqueológico deste local.

O terceiro capítulo expõe a história da investigação/estado da arte apresentando, de forma sintetizada, a maneira como esta evoluiu desde a sua génese e que extrapola a mera atividade arqueológica aqui realizada. Se assim fosse, correr-se-ia o risco de acabar por ser demasiado anorético devido à deficitária conversão de intervenções na cidade em produções bibliográficas, algo que se tornará evidente mais adiante, bem como ao facto de que a atividade arqueológica da cidade de Santarém ter a sua explosão com um projeto de classificação da cidade a Património Mundial. Este estado da arte foi elaborado com o propósito de estabelecer uma cronologia de eventos que permita o entendimento do que antecedeu aquele projecto e a forma como este afectou, posteriormente, a forma como a arqueologia e o património são vistos e entendidos actualmente pela população.

O quarto capítulo é pertinente às metodologias e objetivos da realização deste estágio. Neste capítulo são também apresentados de forma descritiva e sistemática os contextos dos trabalhos prévios, de campo e laboratoriais da intervenção.

No subsequente quinto capítulo tentámos fazer uma descrição do decurso dos trabalhos realizados, por sondagem, bem como da sua estratigrafia. Também é feito um balanço das principais condicionantes gerais e específicas da intervenção realizada, bem como as oportunidades que a mesma poderia trazer para a arqueologia no concelho de Santarém. Neste particular, refira-se a forte possibilidade que esta pudesse providenciar conhecimento que permitisse alterar um dos mais antigos paradigmas estabelecidos na arqueologia em Santarém: a de que a presença romana está concentrada na Alcáçova e nas zonas ribeirinhas, sendo a sua presença próxima do local onde a intervenção foi realizada, desacreditada segundo a maioria dos autores. Para além disso, é feita uma classificação sumária do espólio arqueológico recolhido durante a intervenção. Por fim, no sexto capítulo tem lugar a discussão e síntese dos dados e são expostas as conclusões possíveis.

Os anexos deste relatório estão organizados da seguinte forma: Anexo I (Figuras), Anexo II (Inventário), Anexo III (Fotografias) Anexo IV (Estampas). No Anexo I estão representadas as imagens, mapas e tabelas que apesar de ajudarem na compreensão do que é exposto ao longo do trabalho, não são cruciais o suficiente para estarem presentes em corpo de texto, designadas como figuras. Aqui se incluíram as fotografias da intervenção e o todo o registo gráfico de campo realizado: planos, perfis e alçados. No Anexo II incluímos o inventário dos materiais, identificados pelo seu número. No Anexo III incluem-se as fotografias dos materiais, designadas como Foto ao longo do texto. No Anexo IV incluem-se as estampas que reúnem o desenho gráfico de uma selecção de materiais recolhidos durante a intervenção.

Assim, neste relatório de estágio propõe-se contribuir, ainda que modestamente, para o conhecimento do estado atual da actividade arqueológica na cidade de Santarém, não só através da divulgação dos resultados obtidos durante a realização dos trabalhos arqueológicos que tivemos oportunidade de acompanhar, mas também através da problematização e análise dos achados, da sua inserção nas dinâmicas de ocupação do espaço correspondente à cidade de Santarém e comparação com o estabelecido anteriormente por outros autores.

2. Enquadramento histórico-arqueológico de Santarém

Tanto o património como a importância histórica da cidade de Santarém são já bastante conhecidos, tendo ambos sido progressivamente reforçados pelos vários achados provenientes de trabalhos de arqueologia em obra realizados na sua malha urbana.

Localizada próxima da foz do Rio Tejo, na sua margem direita, o local onde a cidade de Santarém se encontra sempre foi propício à ocupação humana e a sua situação sempre foi favorável em termos estratégicos e de acessibilidade (Arruda *et al.*, 2002: 69), algo refletido pelos achados arqueológicos encontrados na região que ilustram uma cronologia de ocupação extensa e diversificada.

A singularidade geográfica do sítio onde hoje se ergue Santarém terá sido uma das principais razões para a sua precoce ocupação humana: uma elevação de difícil acesso e fácil defesa (Viana, 2007: 45). Adicionalmente, as suas características naturais contribuíram também para que a cidade se desenvolvesse como uma estrutura polinucleada, entre o planalto e o rio (Arruda *et al.*, 2002: 69).

Assim, é possível fazer a divisão da cidade em três núcleos arqueológicos distintos: a Alcáçova, o planalto de Marvila e as zonas ribeirinhas. Apesar de a sequência cronológica ser muito semelhante entre os vários pontos conhecidos em cada um dos núcleos, apresenta contudo, diferenças assinaláveis entre eles. Em conjunto com a topografia acentuada, que não facilitaria as acessibilidades entre os diferentes “núcleos arqueológicos”, reforça a ideia de que, durante a Antiguidade e a Idade Média, estes foram unidades de certa forma autónomas. (Almeida, 2002a: 83).

Em termos geológicos, o planalto onde se localiza o núcleo histórico da cidade alta é constituído por uma mesa calcária pliocénica (um calcário muito brando, resultante do afloramento de um complexo lacustre Miocénico devido a movimentos epirogénicos) (Cardoso, 2001: 23) (Figura 1). Devido a estas características este tipo de calcário é bastante susceptível à degradação quando exposto aos elementos, um dos principais motivos que explica o grau de degradação dos edifícios e monumentos da cidade construídos com este material.

A geologia de Santarém

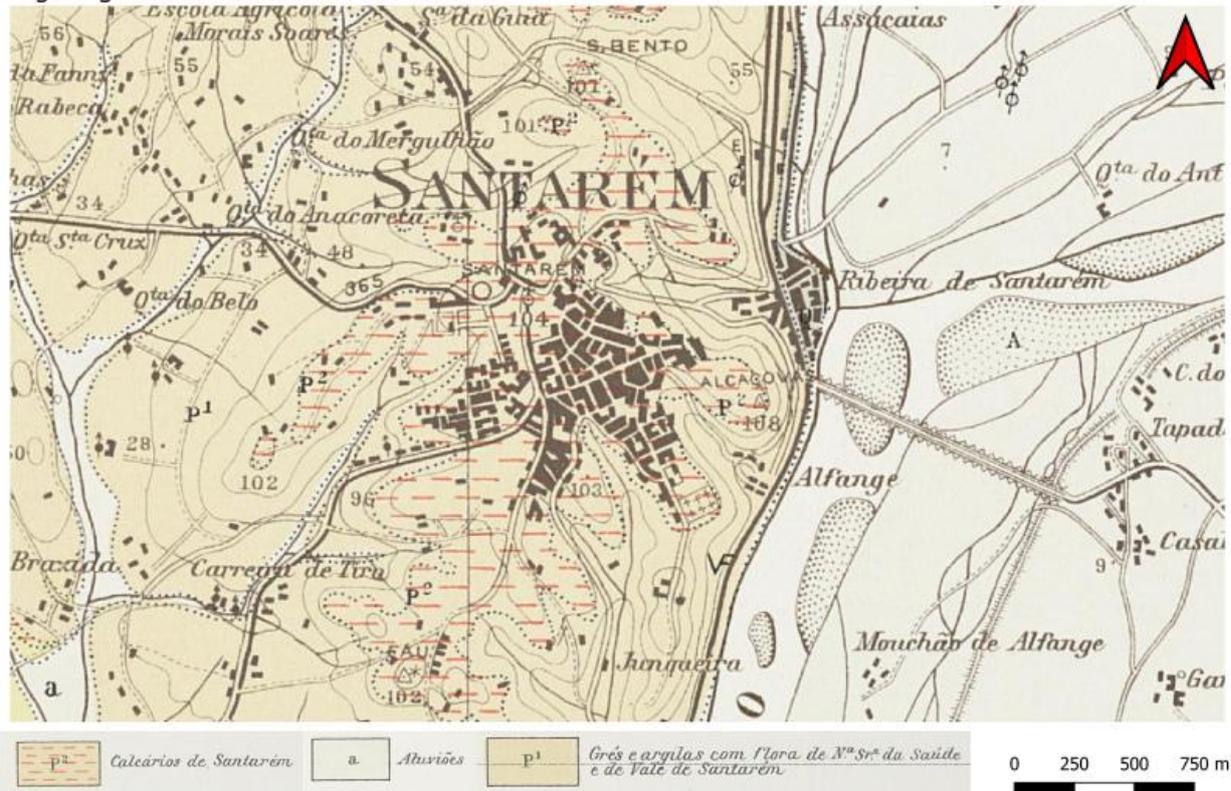


Figura 1 – Potencial geológico do Concelho de Santarém (adaptado da carta militar 1:50'000 disponível no LNEG)

Os indícios da ocupação humana do planalto de Santarém, e dos vales ladeantes do monte da Alcáçova, em épocas anteriores ao Calcolítico, são escassos. Mas existem vestígios da vivência humana nas proximidades. Nos terraços fluviais do Tejo Médio existem indícios de ocupação do Paleolítico Inferior e Médio e nas proximidades de Almeirim e Muge, a existência de concheiros aponta para uma cronologia do Mesolítico (Rodrigues e Custódio, 1996a: 171). As evidências arqueológicas parecem sugerir que durante estes períodos a maioria das populações estaria instalada na parte mais meridional do território (Carvalho, 2018: 108). É possível que devido à maior atenção dada a épocas mais recentes (sobretudo épocas históricas como a romana, a medieval e a moderna) o estudo da pré-história em Santarém tenha ficado por desenvolver (Pereira, no prelo: 98), tendo também em conta a riqueza singular desta região ao nível das matérias-primas utilizadas nestas cronologias mais recuadas (*ibid.*, no prelo: 101).

A tese mais defensável faz crer que a passagem de ocupação das margens do Tejo para o planalto ocorreu entre o Neolítico Final e o Calcolítico, há cerca de 3000 a.C. (Rodrigues e Custódio, 1996a: 172), havendo uma concentração de sítios desta cronologia na margem direita do Tejo (Carvalho, 2018: 108).

Como já se sublinhou, conhece-se muito pouco sobre as populações pré-históricas de Santarém (Carvalho, 2018: 109). Os dados arqueológicos para este território não vão para além do Calcolítico, momento que tem correspondência com os primeiros desenvolvimentos da agricultura nos terrenos de aluvião do Tejo. Por volta do segundo milénio a.C. já se praticava a agricultura próximo de Santarém, como por exemplo nas lezírias de Alpiarça, a cerca de 10km de distância (Rodrigues e Custódio, 1996a: 173).

As ocupações posteriores estão mais bem fundamentadas, sendo as influências orientalizantes no período da Idade do Ferro profundamente reconhecidas (Rodrigues e Custódio, 1996a: 175). Esta cronologia está maioritariamente concentrada na área da Alcáçova e nos Chões de Alpompe, ambos tendo cotas altas, boas condições naturais de defesa e compondo planaltos mais ou menos recortados por linhas de água (Arruda, 2018: 113). Em particular, a Alcáçova continuou a ter uma ocupação contínua até à época Romana. As intensas escavações aqui realizadas permitiram recolher um espólio abundante de época pré-romana e romana e pôr a descoberto estruturas de grande importância e dimensão, nomeadamente o *podium* de um templo romano. (Arruda e Almeida, 1998: 205).

Com efeito, a ocupação humana do espaço correspondente à atual cidade de Santarém remonta comprovadamente à Idade do Ferro, apesar de existirem indícios que indicam possível ocupação anterior (Arruda, 2002b: 35). A Idade do Ferro deste local é marcada por uma forte influência oriental durante o I milénio a. C. (Arruda, 2002b: 29; Arruda, 2005: 10). Está assim imbuída de um profundo orientalismo (Arruda, 2002b: 30) sendo representativa da precocidade da presença fenícia durante a Idade do Ferro no estuário do Tejo (Arruda, 2002b: 34).

A ocupação do espaço que hoje corresponde à cidade de Santarém e de áreas próximas é contínua ou ininterrupta desde então, existindo, contudo, alterações à densidade dessa ocupação. As várias intervenções arqueológicas indicam a existência de uma evolução constante do traçado urbanístico da cidade ao longo do tempo desde o período romano até à época medieval (Liberato, 2012: 1-4). Exemplos como os das necrópoles visigótica e islâmica do Alporão apontam nesse sentido e demonstram uma intensificação no processo de urbanização nos séculos XIII-XIV (Liberato, 2012: 4).

Durante o período Romano a conquistada *Scallabis* passa a capitalizar um vasto território em termos administrativos, correspondendo a uma capital de *civitas* e de um *conventus juridicus*. Este lugar de relevo, marcado economicamente pelo cultivo de cereais e vinha nas suas lezírias férteis, logo no principado de Augusto passa a sede de *Conventus* com destacadas funções

administrativas e judiciais (Viegas *et al.*, 1996: 64-65). O facto de a cidade constituir troço comum a importantes vias de comunicação (identificadas, por exemplo, no itinerário de Antonino Pio – a ligação *Olissipo -Bracara Augusta* e *Olissipo - Emerita Augusta* passavam pelo território que hoje corresponde à cidade de Santarém (Rodrigues e Custódio, 1996b: 180) contribuíram para tal importância. Apesar disso, Santarém não tem capacidade para assegurar esta preponderância regional aquando do estabelecimento da sede episcopal, perdendo-a para Lisboa (Liberato, 2018: 134).

Posteriormente, a ocupação visigótica marca um período tumultuoso na história da cidade, mas ainda assim, as evidências providenciadas pelos elementos arquitectónicos que neste período subsistem em Santarém indiciam a existência de um importante centro cultural, religioso e artístico (Viegas *et al.*, 1996: 67).

Apesar dos pormenores da sua conquista em época árabe não serem conhecidos, Muhamed ibn Musa al-Razirefere refere que ao invés de ser utilizada a força estabeleceu-se um acordo entre vencedores e vencidos (*apud* Viegas *et al.*, 1996: 68). Durante os quatro séculos de ocupação islâmica a realidade político-administrativa, bem como a morfologia da cidade alterou-se significativamente (Viegas *et al.*, 1996: 68). A área da cidade reduz-se, ficando confinada ao que será o seu termo medieval.

São raras as estruturas em cota positiva datadas deste período. Pelo contrário, os silos são um achado frequente (sobretudo na Alcáçova), como é verificável na intervenção realizada em 2004 na praça Sá da Bandeira (Batata, 2020: 37) e na recente intervenção na avenida António dos Santos onde foram identificados mais de 100 silos (Santos e Luciano, no prelo). A maioria destas estruturas aparentam ter sido utilizadas como lixeiras, a partir dos momentos finais da ocupação islâmica, estando o seu interior preenchido com restos de lixos domésticos, parecendo evidente que a sua função original foi abandonada (Arruda e Viegas, 2002: 81).

Durante o período da reconquista cristã, a cidade, então chamada de Shantarin, continua a ter um valor estratégico, sendo sublinhado por Sir Ibn Abe Bakr “a sua situação comandara todo o acesso ao Sul do Tejo, ligando a sorte de Lisboa, Sintra e Balata a esta cidade”, funcionando, assim, como cidade fronteira tanto para islâmicos como para cristãos (Viegas *et al.*, 1996: 71).

A considerável presença de instituições islâmicas em Santarém influenciará as características da organização concelhia do município após a sua conquista por D. Afonso Henriques e confere-lhe um importante papel na história do municipalismo português medieval (Viegas *et al.*, 1996: 72). Contudo, a alteração da conjuntura política não é sinónimo de fim da presença muçulmana na

cidade. A necrópole identificada no Largo Cândido dos Reis, implantada no exterior do perímetro amuralhado dos finais do séc. XII, corresponderia ao local de enterramento da comunidade dos mouros forros, da qual existem testemunhos documentais que atestam a sua presença até ao final da Idade Média (Barros, 2004, *apud* Santos e Liberato, no prelo: 146). Talvez por isso seja notório a sua influência cultural na cidade nas épocas vindouras, persistindo muitas das suas técnicas decorativas e ornamentais como demonstram as produções cerâmicas dos séculos XIII-XIV ou *maqabrinya* recuperada na Avenida 5 de Outubro, 2-8 (Santos e Liberato, no prelo: 146).

Durante a Idade Média a cidade continua a centralizar influências de paragens distantes mas, simultaneamente, assiste-se a um atrofiamento das suas respectivas funções urbanas (Liberato, no prelo: 136-137). Os vestígios associados a este período e expostos pelos trabalhos arqueológicos têm-se limitado mais frequentemente a necrópoles de cronologia medieval-cristã (Batata, 2020: 39). Ainda assim, fontes historiográficas permitem caracterizar este período da cidade, indicando-a como uma das localidades preferidas dos monarcas e que se constituiu como uma localidade central do reino durante todo o período medieval. A cidade tem até uma importância estratégica na política expansionista para o Norte de África, sendo que a decisão e os preparativos das expedições de Ceuta e Tânger, respectivamente por D. João I e D. Duarte, se operaram a partir desta localidade (Viegas *et al.*, 1996: 79).

Esta preferência perdura durante os séculos seguintes, sendo um importante contribuidor para o desenvolvimento da então vila. Durante o séc. XVI, as receitas provenientes das propriedades da vila colmatavam apenas uma parte das suas despesas, devido a uma exploração inadequada dos seus recursos (Viana, 2000: 579), mas ainda assim a economia local mantinha-se à tona. A frequente presença do rei em Santarém teria um papel crucial na manutenção da economia local (Viana, 2000: 580), pois apesar do carácter deambulatório da corte antes do séc. XVI, existiu uma preferência por certos centros urbanos. Para além de ser palco das decisões expansionistas tomadas ainda em Quatrocentos, Santarém também participou activamente no culminar da odisseia dos Descobrimentos, ao contribuir com meios humanos e materiais para a descoberta e futuro governo dos territórios paulatinamente anexados ao reino de Portugal (Viegas *et al.*, 1996: 84). Os achados encontrados nas escavações da casa do Brasil, onde surgiram outros elementos de grande interesse, incluindo um conjunto composto por 189 fragmentos cerâmicos pertencentes a faianças e porcelanas, encontradas num espesso nível de entulho, facto que inviabilizou que se pudessem determinar sequências estratigráficas que fossem de alguma forma conciliáveis com a análise formal e decorativa do conjunto (Carneiro, 2002: 114), reforçam a

tese de que a urbe se encontrava plenamente integrada nos grandes circuitos trans-continentais de comércio por via marítima, facilitado pela localização estratégica da cidade. (*ibid.*: 115)

Os vestígios arqueológicos de cronologia moderna são muito parcelares, podendo ser encontrados em vários pontos do centro histórico, mas não estão sistematizados. Os mais significativos dizem respeito a algumas necrópoles que têm vindo a ser identificadas nos trabalhos arqueológicos de natureza preventiva (Batata, 2020: 40). Neste período terão ocorrido mudanças significativas no traçado da urbe associadas às alterações sociais vividas durante a época, que fortemente influenciaram a utilização do espaço urbano (Santos *et al.*, 2013: 64-66).

Esta contínua ocupação da cidade e constante alteração da sua malha urbana como forma de refletir a densidade da população e as suas vivências, culmina na fixação do traçado em período moderno e contemporâneo (Santos *et al.*, 2013: 62).

A área a intervencionar localiza-se a sul do Bairro do Pereiro, na zona Sul do centro histórico da cidade que, de acordo com o estabelecido no artigo 17º do Regulamento do PDM do município (2021), serve de justificação para que seja proposto a realização de trabalhos preliminares de abertura de sondagens. Até ao séc. XVIII esta estaria delimitada por duas igrejas, a de S. Julião a Norte e a de S. Lourenço a Sul (Beirante, 1980: 21). Ambas com uma cronologia do séc. XIII (Viana, 2007: 88), foram demolidas posteriormente em 1890 e por volta de 1865 respectivamente (Custódio, 1996a: 20), estando ainda por identificar ou confirmar a localização das suas necrópoles. A Oeste, está delimitada pelo Vale de Torres, que proporciona uma boa visibilidade da encosta nessa direção ao local.

O esparso número de locais próximos com potencial histórico arqueológico, já anteriormente intervencionados ou com CNS (Matias, no prelo), reforçam a necessidade de realizar um trabalho preventivo neste local. Como exemplo, poderá referir-se a intervenção no nº 14 da Rua Tenente Valadim, onde foi identificada a presença de silos e uma ocupação dos períodos medieval islâmico e moderno (Mendes e Almeida, 1999: 16-17). Também pertinentes são os trabalhos de acompanhamento arqueológico realizados no próprio Largo de S. Julião em 2007 (onde foram identificados dois silos e a presença de um pavimento de argamassa esbranquiçada (Barradas e Borges, no prelo). Já um pouco mais distante foi realizada uma sondagem realizada em 2013 no cemitério dos Capuchos, onde foram identificadas 2 estruturas negativas (silos) associados a estruturas habitacionais (Matias, 2013: 42). De qualquer modo, o potencial arqueológico do centro histórico de Santarém é, no geral, elevado. Situação também constatada pela grande quantidade de silos encontrada na intervenção realizada na recente obra de

Qualificação da Avenida António dos Santos e Ruas adjacentes (Santos e Luciano, no prelo) (Figura 12).

3. História da investigação arqueológica em Santarém

Apesar do interesse pelo património da cidade remontar à época manuelina (tendo como exemplo documentos onde são estipuladas normas para a proteção do património eclesiástico de Santarém) (Custódio, 1996a: 17), este não é o sentimento normalmente ilustrado ao longo do tempo, sendo frequentes as situações de desprezo pela riqueza patrimonial desta urbe.

Esta mentalidade é caracterizada da seguinte forma: *se ainda está de pé, utiliza-se, mesmo que esteja quase a cair ou a precisar de restauros e, quando finalmente cair, constrói-se de novo em cima, ou destrói-se para reaproveitar os materiais*. Apesar de caricatural esta atitude é perceptível em vários pontos e durante diversos momentos históricos da cidade. Durante os preparativos para a visita de D. Maria I à Colegiada de Santa Maria da Alcáçova e aos antigos Paços Reais de D. Afonso Henriques foi demolida a Porta de *Alpram* (bem como a torre adossada à Igreja com o mesmo nome) e parte da muralha seiscentista porque o coche real não passava nesse locais devido às suas generosas dimensões (Luciano, 2020: 16-17). Também a Porta da Atamarma, em 1865, ao ter caído em ruína, logo foi demolida e substituída por um memorial, que atualmente serve de área de ferro-velho e lixo (Luciano, 2020: 17). E já em 1837 a Câmara decretou a demolição da Porta de Valada “para com a sua pedra se consertarem as calçadas” (Cardoso, 2001: 88). Esta postura para com o património é denunciada por vários autores como José Rodrigues (2020: 81) que aponta que “os elementos urbanos mais distintos da cidade encontram-se fechados ou ao abandono”.

Só durante os finais do séc. XIX é que a mentalidade de alguns habitantes locais se alterou, com a institucionalização do Museu Distrital de Santarém (1876-1889) (Custódio, 1996a: 24), de modo a salvaguardar um importante templo das origens de Portugal, para impedir sangria do património da cidade, para guardar espólios resultantes de demolições na cidade antiga e para criar um movimento cultural descentralizado de âmbito local e regional (Custódio, 1996c: 39-40). É na primeira metade do século XX o momento em que se oficializa o valor patrimonial de alguns dos seus imóveis (Fonte das Figueiras, Igreja de Santo Agostinho e Torre das Cabaças, em conjunto com outros dez edifícios), ao serem elevados a Monumento Nacional (Custódio, 1996: 48).

Em 1977 é realizada a exposição “Santarém, a Cidade e os Homens” cujo propósito era motivar a defesa e o estudo do património histórico-cultural da cidade. Também foram realizadas várias conferências para as quais foram convidados vários investigadores cujo trabalho já tinha incidido sobre a cidade (Almeida, 2002b: 61). Para os organizadores do ciclo de colóquios com o mesmo nome, a destruição do património municipal de Santarém pode ser dividida em 4 fases: a primeira fase corresponde à segunda metade do séc. XVIII, cujos principais factores foram o terramoto de 1755 e a visita oficial de Maria I; a segunda fase corresponde ao período das invasões francesas, lutas liberais e a guerra civil de 1832-34 (Martins *et al.*, 1977: 163); a terceira fase corresponde à modernização urbanística e monumental levada a cabo durante o resto do séc. XIX (Martins *et al.*, 1977: 164) e a última fase corresponde à destruição que ocorre até ao presente (1977 para os autores) (Martins *et al.*, 1977: 165), mas que facilmente é verificada nos dias de hoje, associada às obras de requalificação da cidade, nas quais a salvaguarda do património é frequentemente ignorada.

O interesse pelo património é de novo reforçado em 1978, com a fundação da Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém (AEDPH-CS)¹, associação essa que esteve na vanguarda da proteção e valorização do património da cidade, como o contributo para a criação do Gabinete de Planeamento Municipal e pela delimitação do Centro-Histórico da cidade (Decreto-Lei n.º426/89 de 89/12/06, Diário da República n.º 116 - IIª Série B).

É durante este período, na década de 80, a que remontam os primeiros trabalhos arqueológicos realizados na cidade. São casos ainda muito pontuais (Pereira *et al.*, 2013/2014: 13), sendo um dos trabalhos de maior destaque a escavação realizada por Jorge Custódio na Alcáçova com o propósito de completar o conhecimento histórico que havia sobre a povoação (Base de dados Endovélico). De certa forma, acaba por ser seguido pelo projeto de investigação arqueológica “Colónias, Feitorias e Indígenas na Idade do Ferro do Centro/ Sul de Portugal” coordenado por Ana Margarida Arruda que efetua trabalhos arqueológicos também na Alcáçova. O projecto teve início em 1983 e decorreu até 1991 (Viegas, no prelo: 125), correspondendo a um total de 8 campanhas nas quais foi escavada uma área total de 437 m² (Arruda e Almeida, 1998: 203). Assim, a atividade arqueológica em Santarém encontra-se praticamente adormecida até ao último quartel do século XX e até então, são raras as vezes em que os materiais arqueológicos são identificados nos seus contextos originais (Almeida, 2002b: 63)

¹ <http://www.patrimonio-santarem.pt/cat.php?catid=24>

Apesar de não diretamente relacionados com a arqueologia é neste momento que Maria Ângela Beirante publica os livros *Santarém Medieval* (1980) e *Santarém Quinhentista* (1981), nos quais realiza uma reconstituição do traçado da cidade durante aqueles períodos históricos. Apesar destas edições contarem já com mais de 40 anos, os seus conteúdos continuam a ser relevantes e incontornáveis para o estudo da cidade durante estas cronologias.

É mais tarde, nos anos 90, que se dá o apogeu da arqueologia na cidade. O motivo? Houve uma candidatura da cidade a Património Mundial da Unesco, algo que fez parte da estratégia governamental de José Miguel Noras. Esta iniciativa que foi dirigida pelo professor Jorge Custódio e para a qual foram produzidas três publicações em 1996 (*Santarém Cidade do Mundo*, volumes 1, 2 e 3), contou com a colaboração de vários arqueólogos. Estas obras tinham o propósito de fundamentar a candidatura apresentada pela cidade. É durante este período que se concretiza o maior investimento local na realização de trabalhos de arqueologia urbana, sendo mesmo justo afirmar que é neste momento que verdadeiramente nasce a arqueologia urbana na cidade. Em 1992 teve início um novo projeto de arqueologia urbana municipal, coordenado por Catarina Viegas (que então era arqueóloga da autarquia), vocacionado para as intervenções no Centro Histórico de Santarém (Viegas, no prelo: 125).

É durante este período que se publica a *História e Monumentos de Santarém* (1993) e se realiza o colóquio *Santarém na Idade Média* (1998). Em 1994 é aberto o Museu Municipal de Santarém, com o seu primeiro núcleo museológico em S. João do Alporão (Custódio, 1996b: 53) e são adquiridos os números 13 e 15 da Rua Vila de Belmonte (a residência de Pedro Álvares Cabral em Santarém) em 1996 para que aí se instale a Casa-Memória dos Navegadores Scallabitanos e do Brasil (Mata, 1996: 153).

Pensar-se-ia que as mentalidades locais estariam a mudar e a despertar para o valor do património da cidade. Durante o período da candidatura a Património Mundial da Unesco foram autorizados 34 trabalhos arqueológicos (9 trabalhos de sondagem, 2 de prospeção, 19 de escavação, 2 levantamentos e 2 de salvamento) (Pereira *et al.*, 2013/2014: 14), sendo também durante este período que vimos uma maior ênfase na produção de conhecimento com base nas intervenções realizadas. Mas todo este interesse pelo património não passava de uma tentativa desesperada de tentar fundamentar tal iniciativa. Infelizmente o projeto falhou, algo que marcou a maneira como a cidade trataria a arqueologia e património local nos anos seguintes.

Poucos anos depois do fiasco da candidatura a Património Mundial Mário Cardoso, em 2001, na obra *As Muralhas de Santarém – Interpretação e Enquadramento Histórico-Arqueológico*,

avança com algumas hipóteses a propósito do traçado das muralhas da cidade ao longo do tempo. Este autor caracteriza também o interesse pelo património histórico-arqueológico da cidade da seguinte forma: “Sem tradição científica continuada no desenvolvimento da sua história local, para Santarém não tem emergido mais do que o interesse episódico de alguns investigadores que dela citam ou sublinham aspectos ocasionalmente extraídos e registados.” (Cardoso, 2001: 19).

São ainda realizadas várias exposições alusivas à história da cidade. Na exposição de 2002 “De Scallabis a Santarém” é feita uma divulgação do conhecimento da história da cidade desde o período romano até à atualidade. Em 2004, na exposição “Santarém e o Magreb - encontro secular (970-1578)”, dá-se um maior enfoque ao período de ocupação islâmica da cidade como foco de aproximação da cultura islâmica com a cristã.

Apesar de tudo, os trabalhos de arqueologia urbana têm sido desenvolvidos ainda assim, conforme o estabelecido no Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos, existindo uma contabilização progressivamente mais alta dos mesmos ao longo do tempo (Pereira *et al.*, 2013/2014: 13), verificando-se um significativo aumento das intervenções de carácter preventivo especialmente após a viragem do século. Adicionalmente, após o ano 2000, os tipos de projeto ao qual as intervenções estão mais frequentemente associadas são os de implementação de infraestruturas subterrâneas e os de construção ou remodelação de imóveis, sendo as intervenções associadas a projetos de investigação uma minoria (Pereira *et al.*, 2013/2014: 15). Contudo a conversão destes trabalhos em CNS ou na produção de conhecimento em si ainda está muito aquém do ideal, tal como o afirmado por Mário Cardoso (2001: 19), esta última está sempre associada ao interesse de investigadores externos que, de vez em quando, decidem estudar algum qualquer elemento da cidade. Este é o caso de Mário Viana (2007) que realiza um estudo sobre as relações da urbanidade da cidade na sua tese de Doutoramento: *Espaço e Povoamento numa vila portuguesa*.

Em 2013 foram contabilizadas um total de 329 autorizações concedidas (Pereira *et al.*, 2013: 12). No entanto, atualmente, o total de sítios arqueológicos referenciados na base de dados “Endovélico” para o concelho de Santarém é de apenas 175, o que quer dizer que existe uma clara desconexão entre o número de intervenções que resulta na produção de sítios com CNS e o número de intervenções realizadas no total. Por sua vez, na carta arqueológica de 2018 estão assinalados 257 sítios arqueológicos na união de freguesias da Cidade de Santarém, de um total de 461 sítios identificados no concelho estando a sua maioria concentrada (Figura 9) em solos de ocupação urbana (Matias, no prelo).

Curiosamente na Carta Arqueológica Concelhia podemos verificar que uma das maiores ameaças ao património local (Figura 10) continua a ser a construção civil. Continuam a existir frequentes casos de tentativa de evasão à lei por parte de promotores. Um dos casos mais recentes que podemos assinalar é referente à construção do W Shopping que se localiza muito próximo da necrópole do Largo Cândido dos Reis. Aqui, apesar do nível de intrusão da obra no subsolo, não foram identificadas quaisquer ocorrências arqueológicas pois não houve trabalhos preliminares ou de acompanhamento (Santos *et al.*, 2020: 19).

Não obstante, têm sido realizados vários trabalhos de arqueologia urbana em Santarém, particularmente por empresas privadas, que ilustram o importante contributo deste tipo de intervenções para a proteção e salvaguarda do património histórico-arqueológico.

Um dos melhores exemplos desta actividade será porventura a escavação realizada na avenida 5 de Outubro (nos nºs 2 a 8) que foi coordenada por Helena Santos entre Agosto e Novembro de 2007 e Junho e Setembro de 2008 (Liberato, 2011:10) e que permitiu registar a estratigrafia histórica da cidade de Santarém em cerca de 1730 m² (a área integral do projeto) (Liberato e Santos, 2017: 1393-1394). Nesta intervenção foi identificada uma necrópole que acolheu sucessivamente incinerações e inumações ao modo clássico, eventuais enterramentos paleocristãos e visigodos, bem como dos primeiros habitantes islamizados e que foi abandonada a partir do período taifa/almorávida, sendo intercetada por estruturas negativas tipo silo e outros equipamentos típicos de áreas periféricas como fornos (Santos e Liberato, no prelo: 144). Esta foi a maior área intervencionada em Santarém até ao momento. Próximo das dimensões desta só a intervenção realizada em 2021 no âmbito dos trabalhos de requalificação da Avenida António dos Santos e da área circundante (cuja área do projeto foi 1530 m² - também escavada integralmente). Aqui, para além dos vários silos e da necrópole, foi identificado o caso inédito na Península Ibérica de um enterramento de uma criança rodeado por 39 ossos de bovino em semicírculo (Santos e Luciano, no prelo).

São vários os trabalhos arqueológicos de menor dimensão que têm vindo a ser realizados, embora muitas das vezes sem resultados, com dados de menor relevância, ou mesmo desconhecidos porque nunca foram divulgados ou publicados. Esta última situação constitui um entrave significativo à evolução do conhecimento arqueológico da cidade, pois são várias as intervenções sobre as quais os resultados estão limitados aos relatórios providenciados à DGPC.

É justamente a partir deste tipo de trabalhos que pode provir a maior quantidade de informação relativamente às vivências das comunidades que anteriormente habitavam o local onde hoje se situa Santarém.

Ano em que ocorreram	Acontecimentos notáveis do ponto de vista da arqueologia na cidade
1876	Institucionalização do Museu Distrital de Santarém, iniciativa do Governador Civil de Santarém, José Ferreira da Cunha e Sousa (Custódio, 1996c: 39) como forma de estancar a sangria de património de Santarém para Lisboa (e travar o processo de centralização lisboeta sobre a província). Estabelecido na Igreja de S. João do Alporão após a conceção do mesmo por parte do governo (Custódio, 1996c: 40).
1977	Realização da exposição “Santarém, a Cidade e os Homens”, organizada por uma comissão composta por Bertino Martins, Florindo Custódio, João Moreira, Jorge Custódio, José Pereira e Mário Cardoso, em torno da qual foi realizado um ciclo de conferências com o propósito de motivar a defesa e o estudo do património histórico-cultural da cidade, que enriqueceu fortemente a crónica da cidade (Custódio, 1977: 7), contribuindo fortemente para a delimitação do seu Centro-Histórico (Almeida, 2002b: 61).
1978	Fundação da Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém, que se propôs a salvaguardar e valorizar os aspectos monumentais, urbanísticos, etnográficos e culturais da cidade e tem tido um forte contributo para tal, tendo um papel ativo na criação do Gabinete de Planeamento Municipal, na delimitação do centro histórico da cidade e que, através de um protocolo com a câmara municipal, tem o poder de emitir pareceres consultivos relativos aos processos de obras efectuadas no centro histórico (Pereira <i>et al.</i> , 2013/2014: 7).
1979	Início da escavação da Alcáçova no âmbito do “Projeto de Estudo da Alcáçova de Santarém” da responsabilidade de Jorge Custódio e José Garcia, com o objetivo de colmatar a falta de conhecimentos dos textos clássicos relativamente à história da cidade mediante a recolha de testemunhos arqueológicos. Durante esta foi possível comprovar o potencial arqueológico deste local através da descoberta de cerâmica pintada orientalizante e vestígios de época romana. (<i>Endovélico</i>) ² , apesar destes materiais não possuírem contexto estratigráfico pois encontravam-se num nível de entulho. Os materiais provenientes da Idade do Ferro foram estudados por Ana Arruda e Helena Catarino (1982) (Viegas, 1996: 17).
1980	Maria Ângela Beirante publica a obra <i>Santarém Medieval</i> , um das obras basilares no que toca ao estudo da cidade de Santarém durante este período histórico,

² <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=122118>

	avançando com importantes hipóteses quanto à planta da cidade e a estrutura da sociedade.
1981	Maria Ângela Beirante publica a obra <i>Santarém Quinhentista</i> , um seguimento do livro publicado no ano anterior.
1983-1991	Intervenção “Colónias, Feitorias e Indígenas na Idade do Ferro do Centro/ Sul de Portugal” coordenada por Ana Arruda. É uma colaboração entre a Câmara Municipal de Santarém e a Universidade de Lisboa (Almeida, 2002b: 64) a que corresponderam várias campanhas arqueológicas que incidiram maioritariamente sobre a área da Alcáçova (Viegas, 1996: 17) e a partir das quais foi possível estabelecer grande parte do conhecimento sobre o período de ocupação romana da cidade, apesar de terem sido produzidos resultados pertinentes à ocupação do espaço através de diferentes cronologias.
1994	Abertura do Museu Municipal de Santarém, repartido em vários núcleos museológicos, com o seu primeiro núcleo na Igreja de S. João do Alporão, enquadrado no novo “Plano Museológico para a Cidade”, que visa a transformação dos monumentos em potenciais centros de cultura, enquanto é realizada uma conservação dos mesmos (Custódio, 1996c: 50)
1996	Candidatura da Cidade a Património Mundial e Publicação dos três volumes de <i>Santarém Cidade do Mundo</i> . O evento que despoleta o aumento do interesse no património histórico-arqueológico da cidade. Prospectam-se a história, o tempo, o espaço, a arte e as mudanças da cidade, estudam-se os fundamentos e as interpretações e aprofundam-se as matérias numa perspectiva multidisciplinar, sendo o foco a construção do conhecimento (Custódio, 1996e: 26).
1998	Realização do colóquio <i>Santarém na Idade Média</i> , uma iniciativa da Comissão das Comemorações dos 850 Anos da Reconquista de Santarém onde, através de várias comunicações ao longo de 2 dias, foram apresentados os avanços conseguidos no âmbito do estudo da cidade durante esta época em vertentes organizacionais, da urbanidade e sociedade (Beirante, 2006: 11).
2001	Mário Cardoso publica a obra <i>As Muralhas de Santarém- Interpretação e Enquadramento Histórico-arqueológico</i> , na qual avança fortes hipóteses quanto ao traçado das muralhas da cidade nos seus diversos momentos históricos e apresenta um enquadramento das estratégias defensivas utilizadas e da organização geral da urbe.
2002	Realização da exposição “De <i>Scallabis</i> a Santarém”, comissariada cientificamente por Ana Margarida Arruda, Catarina Viegas e Maria José de Almeida, que correspondeu a um somatório da história da cidade até ao momento, focada na forma como ocupação do espaço, actividades económicas, vivências quotidianas e religião foram efectuadas na cidade ao longo do tempo, tendo como base os trabalhos realizados pela UNIARQ na Alcáçova (Arruda, 2002a: 7,8). Trata-se de

uma exposição resultante da ação executiva da Câmara Municipal de Santarém e do Museu Nacional de Arqueologia.

- 2004 É realizada a exposição “Santarém e o Magreb- encontro secular (970-1578)”, uma iniciativa da Câmara Municipal de Santarém, comissariada por Luís Mata e Carla Ferraz. O seu objetivo foi elaborar uma sumarização da ocupação islâmica da cidade, a importância histórica de Shantarín no contexto da presença muçulmana na Península Ibérica, bem como a presença de escalabitanos no Norte de África durante a expansão portuguesa, procurando uma aproximação da cultura cristã e islâmica (Barreiro, 2004: 7).
- 2007 Mário Viana apresenta a sua tese de Doutoramento *Espaço e Povoamento numa vila portuguesa*, consagrada à história medieval de Santarém de 1147 a 1350, elaborando uma hipótese sobre a esquemática de ocupação do planalto e áreas envolventes e relacionando a mesma com as evoluções sociais que motivaram tais alterações.
- 2007/2008 Intervenção preventiva nos nº 2 a 8 da avenida 5 de Outubro, coordenada por Helena Santos, a maior área escavada em Santarém até ao momento, na qual foi possível identificar uma complexa estratigrafia pertinente a várias cronologias, ilustrando a evolução da utilização do espaço desde necrópole até área agrícola, cujos dados publicados infelizmente estão limitados a alguns textos que nunca chegam a estudar a totalidade da informação recolhida na intervenção, como é o caso da tese de mestrado de Marco Liberato *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*, na qual ele analisa uma pequena parte dos materiais provenientes da intervenção, e alguns outros textos publicados em conjunto com a coordenadora, como o “A reafirmação da centralidade regional: Séculos X-XII”.
- 2021 Trabalhos de requalificação da Avenida António dos Santos e da área circundante, a segunda maior área escavada até ao momento no concelho de Santarém, na qual foram identificados vários achados relativos à ocupação islâmica da cidade (verificou-se a presença de mais de 100 silos) e durante os quais foi identificado o caso único de um enterramento de uma criança rodeado de ossos de bovídeo.
-

4. Estágio num contexto de arqueologia preventiva

4.1. Objectivos

A actividade Arqueológica em Portugal está tutelada pela Direcção Geral do Património Cultural (DGPC) e regulamentada principalmente pelo Decreto-lei n.º 164/2014 de 4 de Novembro. Foi uma das disposições legais deste diploma que motivou a realização deste estágio. No seu Art.º 4.º, n.º 2, constam as habilitações necessárias para o exercício da profissão de Arqueólogo, com capacidade para Direcção Científica de trabalhos., especificando-se na sua alínea b) que: “Os

titulares do grau de mestre conferido no âmbito da organização de estudos do ensino superior introduzida pelo Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 107/2008, de 25 de agosto, 230/2009, de 14 de setembro, e 115/2013, de 7 de agosto, que, no conjunto da sua formação académica, tenham 180 créditos curriculares na área da Arqueologia e experiência comprovada de trabalho de campo de 120 dias;” estão habilitados para a Direção Científica de trabalhos arqueológicos.

No caso específico do mestrando, que realizou este estágio profissional, apesar de ter concluído a licenciatura, ainda não é detentor do grau académico de Mestre, nem tem experiência comprovada de trabalho de campo, não sendo ainda considerado apto a dirigir cientificamente trabalhos arqueológicos, uma vez que não dispõe da experiência nem das qualificações necessárias para assumir a responsabilidade científica exigida pela Tutela.

Assim sendo, neste momento e à luz da legislação, apenas pode realizar trabalhos sob a direcção de um Arqueólogo de facto.

Este estágio tem assim como vocação garantir a experiência de campo requerida (pelo menos parcialmente), de modo a capacitar-me para assumir as tarefas e responsabilidades inerentes ao exercício da profissão de arqueólogo. Está inerente o desejo de que haja um desenvolvimento profissional e ao mesmo tempo, realizar trabalho que componha um efectivo avanço no conhecimento científico tendo como base a experiência do estágio. Assim, o estágio foi vocacionado para toda uma série de aprendizagens que não se desenvolvem em âmbito académico e que só podem ser praticadas num contexto prático, devidamente tutorado. Assim, as actividades desempenhadas pelo aluno durante este estágio foram acompanhadas por Arqueólogos profissionais com experiência comprovada e reconhecida pela DGPC. O estágio teve um foco maior na realização dos trabalhos arqueológicos de âmbito preventivo, enquadrado em contexto de obra, por ser a área com maior taxa de empregabilidade após o fim do curso.

Desta forma, o objetivo principal deste estágio é que, para além do cumprimento parcial do requisito legal acima descrito (a aquisição do grau de mestre e de experiência de trabalho de campo de 22 dias), o aluno possa aportar uma série de conhecimentos que o capacitará para o exercício da sua actividade – tais como as várias fases da realização dos trabalhos de arqueologia preventiva, a execução das mesmas, as nuances do diálogo entre os vários intervenientes numa obra e o diálogo constante e necessário com a Tutela.

Com efeito, o aluno participou em várias fases dos trabalhos associados à realização do projecto de requalificação do nº 1-5 do Largo de São Julião e 1-11 da travessa dos Capuchos,

principalmente na fase da abertura de sondagens preventivas e tratamento do espólio aí recolhido.

Para além disso, potenciar também a inter-relação pessoal do formando com terceiros, tentando um claro contraste com o que normalmente é visto como normal num Arqueólogo, que tem a imagem de um indivíduo pouco acessível e que corresponde a um dos maiores entraves que uma obra pode ter. Ou seja, apesar de o Arqueólogo ter funções e responsabilidades muito concretas perante a Tutela, na maioria dos casos estão integrados numa equipa com um objectivo comum: fazer a obra e salvaguardar o Património a montante, muitas das vezes com consultoria, promovendo alterações de projecto que levem à não interferência com os vestígios arqueológicos existentes, sendo nesse sentido importante a fomentação do diálogo e da interação com os outros intervenientes na obra, bem como ter em atenção a forma como este é realizado, de modo a salvaguardar mais facilmente o património e permitir o desenvolvimento fluido da obra, sem comprometer a protecção do mesmo.

4.2. Metodologia

A metodologia aplicada durante o programa de estágio visou preparar o aluno para a elaboração de um relatório científico, de modo a familiarizá-lo com a criação dos vários pontos/itens requeridos por lei durante diferentes fases dos trabalhos, visando já a sua prospectiva profissão, cujos objetivos são registar, salvaguardar, estudar, publicar e divulgar as intervenções arqueológicas que realiza.

Como é óbvio, esta formação foi enquadrada na realização dos trabalhos no largo de S. Julião, tendo sido priorizado um estilo de aprendizagem prático. Deste modo, a aquisição de conhecimento durante o estágio foi focada nas seguintes metodologias de trabalho, nas suas diversas fases – prévio, o trabalho de campo (sondagens) e trabalho laboratorial (tratamento de espólio, organização dos registos e redação do relatório técnico-científico) sendo o aluno incentivado a realizar cada uma o mais autonomamente possível.

Tendo por conta o desenvolvimento de boas práticas de pesquisa, todos os trabalhos arqueológicos requerem a consulta prévia de fontes bibliográficas ou artigos sobre a área onde se localiza a intervenção, não só como forma de contextualizar o sítio, mas para que seja possível entender os contextos encontrados durante o trabalho de campo e inseri-los numa conjuntura mais ampla. Esta prática evita que os trabalhos de arqueologia se tornem meras sínteses estratigráficas e de materiais, desconectados dos elementos existentes na área do projecto. Teve-

se assim como meta, instruir o aluno sobre a capacidade e ferramentas necessárias para realizar este tipo de pesquisa de forma proveitosa.

O registo documental dos trabalhos arqueológicos compõe uma parte importante das intervenções, devendo ser realizado o registo da informação recolhida diariamente durante a abertura das sondagens manuais, com os dados gerais dos trabalhos de Arqueologia, as características dos depósitos removidos, a sua relação com os outros depósitos, croquis e as ocorrências registadas em fichas de [UE] e cadernos de campo, algo que o mestrando foi incentivado a fazer durante toda a duração da intervenção. Este tipo de registo, bem estruturado, permite-nos evitar perdas de informação e a sua fácil compreensão por qualquer outro que tenha de trabalhar os dados posteriormente.

O registo do trabalho de campo não é só documental, sendo também importante a realização de um registo fotográfico e gráfico da realização dos trabalhos (Anexo I), pois é a mais eficaz garantia da realização dos trabalhos perante a Tutela e não só. Estes registos permitem o fácil enquadramento das várias realidades identificadas de forma fidedigna. Para que as fotografias tenham melhor leitura, devem ser tiradas na horizontal, com escala, Norte e uma lousa descritiva. Devem evitar captar elementos desnecessários e devem ser tiradas múltiplas cópias de modo a evitar perdas de informação ou problemas de nitidez nas fotos. Assim, durante a escavação foram tiradas fotos de cada uma das [UE]s, dos perfis de cada sondagem e de pormenores, quando necessário (Anexo I). Durante o trabalho de laboratório o espólio foi inventariado (Anexo II), fotografado com escala (Anexo III) e desenhada uma selecção de materiais mais representativos (Anexo IV).

Foi realizada a instrução sobre o desenho técnico, tendo o aluno contribuído para a realização do mesmo sobre a estratigrafia mais representativa da intervenção, de modo a facilitar a compreensão da área intervencionada. Os desenhos (Figuras n.º 98 a 110) foram realizados à escala 1:20, utilizando papel milimétrico e um eixo escalonado, de modo a captar as realidades dos cortes de forma precisa. A execução do desenho durante o trabalho de campo requer destreza da parte do arqueólogo de modo a evitar constrangimentos e paragens de obra (e não só pois o desenho pode ter de ser executado em qualquer tipo de trabalho e a qualquer momento). Na tipologia do desenho de campo também está inserido o desenho de planos à escala 1:20. Posteriormente os desenhos foram tintados digitalmente utilizando o programa Inkscape, de modo a torná-los mais legíveis.

O aluno foi instruído sobre os cuidados a ter durante o processamento do espólio arqueológico durante a sua recolha, lavagem, etiquetagem, inventariação e o seu acondicionamento em local próprio. Como exercício prático os materiais mais relevantes foram fotografados e desenhados com escala. A formação neste sentido passa não só pelo processamento dos materiais recolhidos durante o trabalho de campo, mas por aprender a distinguir o simples “caco” que ajuda a caracterizar uma [UE] daquele que efectivamente tem valor histórico, científico e expositivo, de modo a evitar a saturação dos depósitos arqueológicos.

Foi também realizada a instrução sobre os cuidados a ter para a conservação de estruturas (positivas e negativas) que sejam identificadas no decurso da obra. Caso estas devam ser preservadas, devem ser devidamente acondicionadas e protegidas com recurso aos materiais mais adequados para tal, de forma a mantê-las nas melhores condições de conservação possíveis (areia, leca, geotêxtil, manta de lã, etc.), sendo também necessário procurar o aval do promotor da obra, quando for necessário realizar este tipo de alterações ao projeto.

O aluno foi também alertado para a necessidade de georreferenciar as sondagens, com indicação das coordenadas, sistema, *datum* do sítio, a sua altimetria absoluta e a sua implantação em planta de projeto, o que permite que, de futuro e caso fiquem contextos por escavar, seja possível a futuros arqueólogos identificar quais as áreas onde será necessário ter mais cuidado.

4.2.1. Trabalhos Prévios

É necessária a realização de toda uma componente de trabalhos prévios antes da realização dos trabalhos de arqueologia em si. É importante notar que o mestrando não teve um envolvimento tão significativo nesta fase dos trabalhos. O PATA para a intervenção já estava elaborado, pois a realização dos trabalhos estava inicialmente programada para 2021. Tal não se concretizou, o que levou a que o PATA caducasse, tendo sido necessário proceder-se à sua renovação. Foram reenviados todos os elementos necessários para a Tutela, sendo após isso aprovada a realização dos trabalhos.

Estes elementos correspondem a todos os que foram inicialmente enviados para a primeira autorização dos trabalhos. Fazemos uma breve resenha destes elementos.

Primeiro que tudo, devem ser notados os antecedentes associados aos trabalhos arqueológicos desenvolvidos. Neste caso os antecedentes foram os seguintes.

Data	Antecedentes
25-01-2021	Despacho superior “Aprovo nos termos propostos pelo Chefe da DSPA” Inf. n.º 66/DSPA/2021 de 12-01-2021 com o CSP: 206712- Projecto de Arquitetura relativo a alteração, com ampliação, do edifício sito no Largo de São Julião n.1 a 5, tornejando para a Travessa dos Capuchos, n.º 1 a 11 – Santarém.
13-10-2021	Despacho Superior “Aprovo Condicionado nos termos propostos” Inf. n.º 1539688/DBC/DIESPA/ TORRES NOVAS/2021 de 30-09-2021 como CSP. 226438 – PATA (sondagens e acompanhamento) – Requalificação do Largo de S. Julião n.º 1-5 e Travessa dos Capuchos, n.º 1-11 – Santarém. Trabalhos autorizados aos arqueólogos Dr. Dr. Nuno Rafael Ribeiro dos Santos, Dra. Vanda Bela Luciano e Dra Jana Farinha Gomes.
20-10-2022	Correio eletrónico do Dr. Nuno Rafael Santos a informar que os trabalhos arqueológicos aprovados pelo ofício com o n.º S-2021/565778 (C.S: 1543207) de 13 de Outubro de 2021 não foram realizados e que iria ser submetido novo PATA para o efeito
07-11-2022	Despacho Superior “Aprovo condicionado nos termos propostos nos pareceres de arqueologia e antropologia” Inf. n.º 1626106/DBC/DPAA/TORRES NOVAS/ 2022 de 27-10-2022 com o CSP: 244116- PATA (sondagens e acompanhamento) em imóvel no Largo de São Julião nº 1/5 e Travessa dos Capuchos nº1/11, Santarém. Trabalhos autorizados aos arqueólogos Dr. Nuno Rafael Ribeiro dos Santos, Dra Vanda Bela Luciano e Dra. Joana Farinha Gomes.

Para a realização de trabalhos de arqueologia é necessário obter a autorização da Tutela. Neste caso em particular, devido às condicionantes relativas à localização do local a intervencionar, foi elaborado um relatório prévio, conforme estabelecido no Decreto-Lei n.º 140/2009, de 15 de junho, uma Memória Descritiva e um Relatório Prévio de Arqueologia e História.

Após isto foi realizado o envio do pedido de autorização com os elementos e documentação estabelecidos no artigo 7.º do Decreto-Lei n.º164/2014, de 4 de novembro. Só assim a aprovação do projeto foi colocada à consideração superior da arqueóloga Alexandra Estorninho da DGPC.

Foram vários os pontos considerados pela Tutela para a aprovação dos trabalhos. Em primeiro lugar teve-se em conta o facto do imóvel onde foram realizadas as sondagens não ter quaisquer antecedentes no âmbito da salvaguarda do património arqueológico.

Foram também consideradas as várias características da proposta. Esta é caracterizada pela alteração e ampliação do edifício sito no Largo de São Julião nº 1 a 5, tornejado para a travessa dos Capuchos, nº 1 a 11. De acordo com a Memória Descritiva e Justificativa a construção da casa principal será contemporânea da demolição de ambas as igrejas. Adicionalmente, a atual área de jardim pode possivelmente ter pertencido à propriedade da Igreja de São Lourenço como “quintal” ou como necrópole. Apenas através da realização de sondagens seria possível averiguar tais asserções.

Como o imóvel está inserido na Área urbana a preservar, estando adicionalmente condicionado por se integrar na área de reabilitação urbana (ARU do Planalto de Santarém) e no conjunto do centro Histórico (atualmente em vias de classificação, de acordo com o Anúncio nº 13747/2012 de 29 de Novembro), os trabalhos arqueológicos tornam-se ainda mais necessários.

Durante a apreciação da proposta foram considerados também o Relatório Prévio; Memória Descritiva e o Relatório Prévio de Arqueologia e História, da autoria do arqueólogo Nuno Ribeiro dos Santos.

A localização da área de projeto, que se encontra inserida num local sensível do ponto de vista patrimonial e arqueológico, também foi considerada.

Durante a ponderação da autorização foram consideradas também as seguintes intervenções em locais próximos deste. O Largo de São Julião (CNS 32204), que corresponde a uma área onde foram realizadas intervenções arqueológicas dirigidas por Elisabete Barradas e Néilson Borges (2007) que revelaram vestígios de época medieval cristã e islâmica. O nº 14 da Rua Tenente Valadim (CNS 12277), um trabalho de acompanhamento realizado por Henrique Mendes e Maria Almeida (1998) onde foi identificada uma sequência de ocupação já verificada em outros pontos do planalto de Marvila. E por último, a Igreja dos Capuchos (CNS 11711), na qual foram identificados silos de cronologia medieval islâmica.

Foi ponderado o facto de que um projecto de requalificação destas dimensões poderia englobar um grau elevado de afetação do subsolo, tendo impactes directos e irreversíveis sobre o património arqueológico eventualmente existente.

Assim, a elevada sensibilidade arqueológica da área foi tida em consideração durante a elaboração do programa de diagnóstico. O carácter intrusivo da intervenção e a necessidade de uma adequada caracterização da situação existente e do seu potencial para a correta análise do projeto, levou a que fosse proposta a apresentação de um programa de diagnóstico consentâneo com o projeto apresentado. O programa de diagnóstico a apresentar deveria envolver: sondagens arqueológicas nas áreas de afetação do subsolo, até à profundidade das cotas de afetação ou até ao nível geológico / arqueologicamente estéril, em quantidade e extensão que permitissem a adequada avaliação dos impactes patrimoniais arqueológicos em causa e leituras parietais com vista ao registo e interpretação de aparelhos construtivos, com recurso à metodologia da “Arqueologia da Arquitetura”.

Assim sendo, o parecer de arqueologia veio condicionado à entrega de elementos adicionais, antes de ser aprovado.

Estes elementos adicionais foram remetidos com sucesso juntamente com o envio do plano de trabalhos arqueológico, sendo possível passar para a fase seguinte.

Para além do preenchimento dos requisitos pedidos pela Tutela para a realização dos trabalhos arqueológicos é necessária efectuar uma pesquisa bibliográfica sobre a área a intervencionar, de modo a estar efectivamente preparado para tratar de forma apropriada os vários contextos arqueológicos que podem ser encontrados.

A pesquisa bibliográfica realizada deve ser enquadrada na intervenção a realizar. Neste caso teve por base todas as referências já mencionadas e pertinentes para o estudo da cidade de Santarém, para além dos relatórios mencionados. São poucas as menções feitas à área da intervenção, para além daquelas que se debruçam nas duas igrejas que a delimitam (a de S. Julião a Norte e a de S. Lourenço a Sul). Para este efeito, as obras de Maria Ângela Beirante (1980, 1981), bem como as teses de Mário Viana (2007) e de Mário Cardoso (2001) e o livro *Património Monumental de Santarém* (Coord. Jorge Custódio, 1996) provaram ser cruciais. O livro *Património Monumental de Santarém* permitiu estabelecer a cronologia de fundação das referidas igrejas, bem como a datação da sua demolição. As obras de Maria Ângela Beirante (1980, 1981) e as teses de Mário Viana (2007) e de Mário Cardoso (2001) avançaram várias hipóteses quanto o traçado urbano e das muralhas de Santarém durante o período medieval, algo que se revelou bastante pertinente para o estudo da intervenção.

Nos casos em que os trabalhos de arqueologia são desenvolvidos em contextos de obra também é importante ter em conta os projectos que serão realizados. Só assim é possível adaptar as

medidas de minimização ao tipo de trabalhos. É ilógico implantar uma sondagem de 2m de profundidade num local onde a afectação da obra irá apenas até aos 20cm, por exemplo.

Observemos assim a área onde a intervenção será realizada. Atualmente esta encontra-se bastante degradada. A maioria dos edifícios circundantes tem uma cronologia que remonta aos anos 60 (do séc. XX) e muito provavelmente não receberam trabalhos de restauro desde esse período.

O mesmo é aplicável ao imóvel onde foi realizada a intervenção. Apesar de ter uma cronologia distinta, que remonta ao séc. XIX (altura em que foram demolidas as igrejas de S. Julião e S. Lourenço), encontra-se bastante degradado, tal como os edifícios da área circundante. Apesar de ter sido habitado pelo menos até 2014, o estado de despreparo do imóvel levou a que fossem necessárias obras profundas que permitam a sua utilização com um novo propósito.

Assim, o imóvel será alvo de várias alterações estabelecidas em projeto de estabilidade: fundações; escavação e contenção periférica; um projeto de redes predial de águas para modernizar o sistema de abastecimento do imóvel; e um projeto de esgotos e/ou águas pluviais. Simultaneamente será alvo de melhorias com a realização de projetos de distribuição de energia elétrica, de infraestruturas de telecomunicações, instalação de gás, comportamento térmico e acondicionamento acústico.

Para além dos projetos estabelecidos, também serão levadas a cabo uma série de obras que permitam requalificar o espaço para que este sirva os novos propósitos entendidos pelo promotor da obra.

A Travessa dos Capuchos, a rua que delimita o terreno a oeste, encontra-se preparada para o trânsito automóvel muito embora, na prática tal não seja possível por a rua ser demasiado estreita. Assim, o promotor da obra cederá parte do terreno à câmara para que esta possa alargar a via de trânsito. Adicionalmente, serão também criados lugares de estacionamento anexos à via pública para os residentes do edifício, a partir dessa cedência.

O anexo 1, que atualmente compõe a área de habitação principal, será requalificado e dividido em duas áreas habitacionais (Figura 13). O anexo 2 será parcialmente demolido para dar lugar a várias residências com uma área comum, que serão alugadas no futuro (Figura 13). Para além disso, será aberta uma piscina no fundo do terreno (Figura 13).

O despreparo do terreno atrasou a implantação das sondagens, sendo necessário realizar uma desmatação e limpeza dos locais onde estas seriam implantadas. Só após estes trabalhos foi possível realizar a marcação das sondagens no terreno. Foi durante este processo de limpeza que

foi identificado um arco na parede Sul de um dos compartimentos do anexo 2 onde seriam implantadas as sondagens de tipo B (Figura 2). Esta descoberta levou a um diálogo com a Tutela com o propósito de alterar a implantação das sondagens, para assim se delimitar a totalidade do arco identificado (motivada também por questões de segurança associadas à estabilidade das paredes).

4.2.2. Trabalhos de Campo

Como já estabelecido no ponto anterior, os trabalhos de campo devem ser planeados tendo em conta as afectações da obra. Assim, foi elaborado um plano de medidas de minimização a aplicar preventivamente e durante a realização dos trabalhos de execução do projecto. Estavam previstas 14 sondagens manuais, que se dispersavam ao longo da área de projecto e que deveriam alcançar uma profundidade variável e que se ajustaria à cota de afectação (+10cm de profundidade) (Figura 2).

No edifício principal não estavam propostas sondagens, uma vez que a afectação prevista é apenas de 20 cm, preconizando-se o acompanhamento dos trabalhos durante essa fase da obra. O mesmo acontece com os restantes elementos estruturais mencionados no projeto de estabilidade, correspondentes a sapatas de pequenas dimensões para pilares de sustentação de estruturas de deque.

Sondagem	Localização	Dimensões	Cota de afectação
A1	Anexo 2 (a construir)	1m x 1m	0,60m
A2	Anexo 2 (a construir)	1m x 1m	0,60m
A3	Anexo 2 (a construir)	1m x 1m	0,60m
A4	Anexo 2 (a construir)	1m x 1m	0,60m
B1	Anexo 2 (a construir)	1m x 1m	0,50m
B2	Anexo 2 (a construir)	1m x 1m	0,50m
B3	Anexo 2 (a construir)	1m x 1m	0,50m
B4	Anexo 2 (a construir)	1m x 1m	0,50m
C1	Anexo 1 (a reabilitar)	1m x 1m	0,40m

D1	Piscina	2m x 2m	1,90m
E1	Piscina	2m x 2m	1,00m
F1	Anexo 1 (a reabilitar)	0,85m x 1,70m	0,50m
G1	Anexo 1 (a reabilitar)	2,70m x 1,35m	0,75m
H1	Anexo 1 (a reabilitar)	1,65m x 1,65m	0,85m

Figura 2 - Dimensão das sondagens e a sua localização

Também foi proposta a realização de uma sondagem mecânica com 2m x 2m e uma profundidade de 2,25m (a cota de afectação+10cm), na área a regularizar (Figura 3), uma vez que esta foi criada no século XX como forma de regularizar o terreno (com um declive acentuado de Oeste para Este). Caso se verificassem contextos preservados nesta área os trabalhos prosseguiriam de forma manual.

Sondagem mecânica	Localização	Dimensões	Cota de afectação
M1	Tardoz do anexo 1	2m x 5m	2,25m

Figura 3 - Dimensão da sondagem mecânica e sua localização

Estava também planeada a realização de 5 sondagens parietais, implantadas no corpo principal do imóvel, coincidindo com o alçado voltado para o Largo de S. Julião e nas paredes-mestras (Figura 4). O objetivo destas seria identificar as diversas fases de ocupação do imóvel, bem como a possibilidade de existirem elementos arquitetónicos reaproveitados (possivelmente pertencentes a uma das antigas igrejas demolidas).

Assim a organização inicialmente estabelecida para as sondagens parietais foi a seguinte:

Sondagem parietal	Localização	Dimensões
SP1	Alçado fontal casa principal	1m x 1m
SP2	Alçado fontal casa principal	1m x 1m
SP3	Alçado confinante casa principal/anexo 1	1m x 1m
SP4	Alçado fontal anexo 1	1m x 1m
SP5	Alçado confinante casa principal/anexo contemporâneo	1m x 1m

Figura 4 - Dimensão das sondagens parietais e a sua localização

A distribuição das sondagens no terreno pode ser encontrada na Figura 13.

A metodologia de escavação seguiu o que é preconizado por E. C. Harris (1989) e A. Carandini (1991). A escavação dos estratos, interfaces ou estruturas foi feita seguindo uma lógica inversa ao seu processo de formação, sendo a primeira camada a ser decapada a última a ser formada. Utilizando este método de trabalho procedeu-se à identificação de Unidades Estratigráficas, individualizadas tendo em conta as suas características físicas, sendo feito um registo das mesmas, dos materiais nelas incluídos e da sua relação estratigráfica com as outras [UE] em fichas apropriadas (Figura 16).

A atribuição das [UE's] foi feita por ordem sequencial crescente, sem repetições, seguindo a ordem da escavação. Todas foram cotadas altimetricamente e as sondagens e estruturas foram georreferenciadas a um sistema geodésico nacional.

Após a intervenção os cortes foram fotografados e os mais representativos de cada sondagem foram desenhados, tal como sucedeu com os alçados de elementos construtivos detectados.

Convencionou-se a seguinte numeração de [UE's] (Figura 5).

Sondagem A1	[100] a [199]
Sondagem A2	[200] a [299]
Sondagem A3	[300] a [399]
Sondagem A4	[400] a [499]
Sondagem B1	[500] a [599]
Sondagem B2	[600] a [699]
Sondagem B3	[700] a [799]
Sondagem B4	[800] a [899]
Sondagem C1	[900] a [999]
Sondagem D1	[1000] a [1099]
Sondagem E1	[1100] a [1199]
Sondagem F1	[1200] a [1299]
Sondagem G1	[1300] a [1399]
Sondagem H1	[1400] a [1499]

Sondagem parietal 1	[1500] a [1599]
Sondagem parietal 2	[1600] a [1699]
Sondagem parietal 3	[1700] a [1799]
Sondagem parietal 4	[1800] a [1899]
Sondagem parietal 5	[1900] a [1999]
Sondagem mecânica 1	[2000] a [2099]

Figura 5 - Numeração de [UE's] estabelecida para cada sondagem

Planeava-se que todas as estruturas negativas fossem escavadas apenas até à cota de afectação (+10cm), mesmo que tal contrariasse o estabelecido no projeto.

As sondagens seriam georreferenciadas, com indicação das coordenadas, sistema, datum do sítio, a sua altimetria absoluta e implantadas em planta de projeto.

O acrónimo definido para inventariação do espólio exumado era: LSJ1-5/21

Para além da realização de sondagens também foi estabelecido o acompanhamento arqueológico das seguintes fases de construção como medida de minimização (Figura 6).

Acompanhamento Arqueológico

Abertura de fundações para projecto de estabilidade

Abertura de fundação de piscina

Abertura de valas para instalação da rede de drenagem de águas residuais domésticas

Abertura de valas para instalação da rede drenagem de águas pluviais

Abertura de valas para instalação da rede de abastecimento de água

Abertura de valas para instalação da rede de electricidade

Abertura de valas para instalação da rede de telecomunicações

Demolições

Picagens de paramentos.

Figura 6 - Fases da obra para o qual se estabeleceu a necessidade de acompanhamento arqueológico

Previa-se a possibilidade de interrupção dos trabalhos mecânicos e a sua continuação através de escavação manual caso fossem detectados vestígios arqueológicos ou patrimoniais que assim o determinassem.

A metodologia a utilizar durante o acompanhamento arqueológico teria também como base o estabelecido por E.C. Harris (1989) e A. Carandini (1991): seriam identificadas Unidades Estratigráficas (estratos, interfaces ou estruturas), onde a última camada a formar-se corresponde à primeira a ser decapada. As [UE's] seriam distinguidas de acordo com as suas características físicas, os materiais nelas incluídos e a sua relação estratigráfica com as outras [UE's].

A atribuição de [UE's] seria feita segundo uma ordem sequencial crescente, sem repetições, segundo a ordem de escavação. Caso necessário seriam cotadas altimetricamente. Adicionalmente a numeração estabelecida para as [UE's] do acompanhamento seria: Acompanhamento: [000] a [099].

Após terminado o acompanhamento, os perfis estratigráficos seriam fotografados, estando preconizado serem desenhados caso se avaliasse serem relevantes, sendo o mesmo aplicado ao alçado dos elementos construtivos detectados.

4.2.3. Trabalhos Laboratoriais

O espólio recolhido durante o trabalho de campo foi bastante diminuto. Apesar de existente, especialmente no logradouro do terreno, este encontrava-se descontextualizado e excessivamente fragmentado devido ao revolvimento de terras utilizadas para a prática agrícola. Assim, a maioria do espólio arqueológico recolhido provém das sondagens realizadas nos anexos, onde os contextos arqueológicos se encontravam mais preservados.

Após o trabalho de campo os materiais cerâmicos recolhidos foram lavados utilizando água fria e uma escova de cerdas macias. Quando possível, foi realizada a colagem das peças cerâmicas utilizando cola UHU. O espólio metálico foi limpo utilizando uma escova de cerdas moles seca.

A metodologia de triagem de materiais empregue pela empresa ArqueoScallabis visa um processamento dos materiais mais rápido e eficiente. Conforme estipulado na legislação, os materiais são lavados e inventariados, sendo depois separados em sacos por tipologia e por [UE] de proveniência e posteriormente acondicionados em caixotes por sondagem.

Em vez dos materiais serem marcados um a um, são preenchidas fichas sobre cada um dos sacos com informações como número dos materiais, a sua identificação, descrição, cronologia, [UE] e sondagem de proveniência. É nestas fichas que é atribuído um número de inventário sequencial ao espólio. Estas fichas acompanham posteriormente os sacos.

Depois da sua limpeza o espólio foi fotografado e o mais representativo foi desenhado à escala (Anexo III e Anexo IV).

Os registos realizados durante o trabalho de campo, nomeadamente as fichas de [UE], os desenhos dos alçados e dos planos e as fotografias (Anexo I), foram transpostos para o relatório final da intervenção. Os desenhos dos planos e dos alçados foram tintados digitalmente utilizando o programa Inkscape. As cotas das [UE's] foram inseridas durante estas tintagens (Figuras 111 a 127). A descrição e informação relativa às [UE's] foi inserida em tabelas que permitam o fácil entendimento das características estratigráficas de cada sondagem, sendo também utilizadas para elaborar a Matriz de Harris de cada sondagem (Figuras 128 a 139).

4.3. Condicionantes e Oportunidades

A realização do estágio no contexto da arqueologia preventiva traz consigo várias oportunidades para o mestrando. Primeiro que tudo, a realização de um estágio nesta vertente permite a preparação do aluno para o exercício da profissão no contexto do acompanhamento de obra, já que esta é a área com maior taxa de empregabilidade após a conclusão do curso. A escolha da elaboração de um relatório de estágio nesta temática também permite a familiarização do mestrando com o mundo da arqueologia empresarial. Assim, um estágio nesta vertente corresponde a uma opção segura para mestrandos que procuram entrar logo no mercado de trabalho, particularmente no mundo da arqueologia preventiva, ao invés de seguir uma carreira académica.

Um estágio em arqueologia preventiva também possibilita a familiarização do mestrando com os trabalhos de obra não enquadrados na vertente arqueológica. Isto facilita a realização do diálogo necessário com os vários intervenientes da obra, o que possibilita a elaboração de soluções de preservação do património mais harmoniosas com a realização da mesma e dota-o de conhecimentos que permitam executar tais soluções sem comprometer a salvaguarda do património.

O trabalho prático inerente à realização de um estágio também permite ao mestrando pôr em prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso, num ambiente controlado. Isto permite que seja realizada toda uma nova aprendizagem de carácter mais prático, conjugada com uma consolidação dos conhecimentos anteriormente adquiridos.

Adicionalmente, os dias de trabalho prático levado a cabo durante o estágio contribuem para o total requerido por lei para que a Tutela lhe reconheça habilitações suficientes para a coordenação de trabalhos de arqueologia.

Existem, contudo, condicionantes associadas à focalização do estágio nesta área, bem como à escolha da elaboração de um relatório de estágio. Entre esta, destaca-se a vertente generalista dos trabalhos que se sobrepõem à especialização num período cronológico ou numa prática arqueológica concreta. Apesar de em contextos urbanos ser mais comum serem encontrados vestígios correspondentes ao período pós-romano, existe uma necessidade de ter conhecimentos das cronologias anteriores, de modo a poderem ser eventualmente identificadas durante a realização dos trabalhos. É também necessário estar-se familiarizado com as várias nuances de cada período de ocupação das localidades onde se trabalha.

Apenas com os conhecimentos apropriados é possível proceder-se à correta salvaguarda do património. Assim, um arqueólogo que trabalhe em arqueologia preventiva não se pode ou consegue priorizar apenas os contextos que correspondam à sua especialização. Isto pode ser entendido como uma condicionante quando conjugada com a noção tida por alguns arqueólogos de que é possível que a arqueologia preventiva seja uma área da ciência com um tempo de vida limitado.

5. Uma intervenção arqueológica no nº 1-5 do Largo de São Julião e 1-11 da Travessa dos Capuchos

A abertura das sondagens manuais decorreu entre os dias 10 de janeiro de 2023 e 1 fevereiro de 2023. Durante o período da intervenção foram articuladas algumas mudanças, com o aval da DGPC, relativamente ao estabelecido no projeto, que influenciaram o número e a dimensão das sondagens. Estas alterações foram realizadas devido a questões de segurança relacionadas com a estabilidade das paredes dos anexos 1 e 2, o que levou a que as sondagens de tipo A e as de tipo B (Figura 2) fossem unidas, transformando-se na sondagem 2 e 1, respectivamente.

Com o aval do promotor da obra e da DGPC a sondagem 1 foi alargada em 2m x 1m e foram rebaixados mais 60 cm, de modo a permitir a captação da realidade total do arco, pois outra parte do mesmo fora identificada fora da área anteriormente estabelecida para a sondagem 1. Adicionalmente a sondagem E1, a realizar no anexo da piscina, foi desdobrada em duas (Figura 14).

Assim, a distribuição final das sondagens foi a seguinte:

Sondagem	Localização	Dimensões	Cota de afectação
1	Anexo 2 (a construir)	2m x 2m (+2m x 1m)	0,60m (+0,60m)
2	Anexo 2 (a construir)	2m x 2m	0,60m
3	Piscina	2m x 2m	1,90m
4	Piscina	1m x 2m	1,00m
5	Piscina	1m x 2m	1,00m
6	Anexo 1 (a reabilitar)	2,70m x 1,35m	0,75m
7	Anexo 1 (a reabilitar)	1,65m x 1,65m	0,85m
8	Anexo 1 (a reabilitar)	0,85m x 1,70m	0,50m

Também as sondagens parietais foram reajustadas da seguinte forma:

Sondagem parietal	Localização	Dimensões
9	Alçado interior da casa principal	1m x 0,80m
10	Alçado tardoz da casa principal	1m x 1m
11	Alçado tardoz do Anexo 2	2,5m x 7,5m
12	Alçado lateral direito do Anexo 2	1m x 1m

A sondagem mecânica manteve-se inalterada, contudo, por uma questão de conveniência para o promotor, a sua realização foi alterada para a fase de obra, para evitar que este tenha de custear a utilização da máquina durante um dia adicional.

Deste modo também a numeração de [UE's] foi alterada, sendo nova numeração a seguinte:

Sondagem 1	[100] a [199]
Sondagem 2	[200] a [299]
Sondagem 3	[300] a [399]

Sondagem 4	[400] a [499]
Sondagem 5	[500] a [599]
Sondagem 6	[600] a [699]
Sondagem 7	[700] a [799]
Sondagem 8	[800] a [899]
Sondagem 9	[900] a [999]
Sondagem 10	[1000] a [1099]
Sondagem 11	[1100] a [1199]
Sondagem 12	[1200] a [1299]
Sondagem mecânica 1	[1300] a [1399]

5.1. Condicionantes e Oportunidades da intervenção

A intervenção a realizar nos nº 1- 5 do largo de São Julião e 1-11 da Travessa dos Capuchos proporciona uma oportunidade única para a arqueologia em Santarém. Primeiro que tudo corresponde, actualmente, à maior área urbana à venda no centro histórico de Santarém.

O diminuto número de intervenções arqueológicas realizadas na área mais próxima, leva a que este seja um local com muito potencial em termos arqueológicos (Figura 12), existindo apenas um sítio arqueológico na rua Tenente Valadim nº 14 e os vestígios diversos no largo de São Julião e no cemitério dos Capuchos.

Adicionalmente, acresce de interesse o facto de esta intervenção ser realizada num local entre duas igrejas, das quais as necrópoles ainda não foram identificadas (Figura 15) (apesar de ser possível inferir que a necrópole da Igreja de São Julião não ocuparia este quadrante do terreno a sondar (Beirante, 1990: 67). Isto leva a que seja mais provável que a área que actualmente corresponde ao jardim pudesse ser o quintal tardoz ou necrópole da igreja de São Lourenço. Apenas com sondagens arqueológicas será possível averiguar mais.

Também é de realçar o facto da cronologia de demolição das igrejas coincidir com a data da construção do imóvel (Custódio, 1996a: 20), havendo a possibilidade de se identificarem elementos reaproveitados na sua alvenaria.

Para além disso, o terreno está localizado próximo de uma escarpa, sendo a maior parte das terras do local sustentadas por um muro relativamente fino e sem reforços. Apesar desta situação, o terreno encontra-se estável, algo que se pode justificar pela possível coincidência com o traçado das muralhas na zona do logradouro do terreno, tal como avança Maria Ângela Beirante (1980: 22) (Figura 15).

Uma intervenção neste local também pode apresentar dados únicos quanto ao período romano da cidade de Santarém. A teoria comum estabelece que a ocupação de Santarém durante o período romano está concentrada na Alcáçova (Alarcão, 2002: 37; Arruda; Viegas, 2014: 242). Existe, contudo, uma hipótese preconizada por Jorge Gaspar e que mais tarde foi perfilhada por José Manuel Garcia, que estabelece que o cruzamento das atuais ruas Capelo e Ivens, Miguel Bombarda, João Afonso e 1º de Dezembro criam um plano ortogonal, o que indicaria a presença romana fora da Alcáçova (Gaspar, 1975; Garcia, 1977 *apud* Viana, 2007: 53). A teoria mencionada colocaria o *Cardo* a passar próximo do sítio da intervenção, algo que seria totalmente inédito e inovador.

Como é óbvio também existem condicionantes associadas à realização dos trabalhos. Primeiro, temos o facto de as sondagens comporem uma área total de 25,82 m² a ser distribuída aleatoriamente pelo total de 3000 m² do terreno. As sondagens de diagnóstico cobrem apenas 0,86% da área a afectar pelo projecto. Sendo uma área tão infimamente menor da área total, poderá causar um diagnóstico deficitário.

Adicionalmente, o facto de só ser possível a abertura das sondagens até à cota de afectação +10cm pode condicionar a completa caracterização estratigráfica do local e deixar por identificar certas realidades arqueológicas.

Como condicionante, destacam-se ainda as questões de segurança associadas à instabilidade das paredes, que levaram a que fosse necessário alterar a localização de várias sondagens.

No geral existe sempre uma descontinuidade quanto ao que nos é apresentado na planta do projeto e as realidades encontradas quando se chega efectivamente ao terreno. No caso desta obra, o estado de despreparo do terreno, no qual crescia vegetação alta de forma abundante, se acumulava entulho diverso de ocupações contemporâneas anteriores e as já mencionadas questões de instabilidade das paredes do edificado levaram ao abrandamento dos trabalhos durante os primeiros dias da intervenção.

Temos ainda como condicionante final a abertura de um interface contemporâneo, que foi realizado sem a presença de um arqueólogo no local. Corresponde a uma afectação anterior à

realização dos trabalhos, que podem comprometer a identificação de realidades histórico-arqueológicas, já que corta parcialmente uma das sondagens.

5.2. Trabalhos de escavação manual

5.2.2. Descrição dos trabalhos e estratigrafia (por sondagem)

5.2.2.1. Sondagem 1

A sondagem 1 corresponde à união de todas as sondagens de tipo B, uma alteração levada a cabo com a aprovação da DGPC de modo a evitar problemas de segurança associados à estabilidade das paredes. Durante a visita das técnicas da DGPC ao local também foi solicitado o rebaixamento desta sondagem, de modo a que fosse possível definir o arco presente na parede Sul deste edifício na sua totalidade (Figuras 18, 19). A sua matriz de Harris pode ser consultada na Figura 128.

Assim, no dia da sua abertura foi escavada a extensão inicialmente estabelecida para esta sondagem (2m x 2m, até 60 cm de profundidade). Durante a escavação foram encontrados vários materiais cerâmicos contemporâneos, bem como metais, plásticos e vidros da mesma cronologia, particularmente na [100], [101] e [103]. A [102] correspondia a um pavimento composto por duas lajetas de cerâmica. Foi também identificada a estrutura [104] correspondente a um arranque de um arco de sustentação de um piso superior (Figura 17, 20, 22, 23, 111,112).

Debaixo de [103] encontrava-se [105]. Só em [105], um nível de derrube de telha, é que foi possível identificar contextos arqueológicos que não se encontravam remexidos (Figuras 20, 24, 25, 111). Imediatamente abaixo das telhas foi identificado um numisma de 1885 (X reis), de D. Luís (nº 98 e foto 41), fixando o *terminus post quem* deste derrube. Mais profundamente, na mesma [UE] foram encontrados dois numismas correspondentes a Ceitis de D. Manuel (séc. XV) (nº 99, 100; foto 42 e 43) e um alfinete (nº 101 e foto 44). As [UE]s [106] e [107], corresponderam aos últimos 20cm desta primeira fase (Figuras 21, 25, 111).

Posteriormente, foi realizado um alargamento da sondagem para Este (de 2m por 1m metro) para que fosse possível determinar toda a extensão do arco. Primeiramente, o alargamento foi escavado até á cota inicialmente estabelecida na primeira fase da abertura (60 cm de profundidade). A estratigrafia e os materiais identificados correspondem com o anteriormente constatado (nomeadamente cerâmica, metais e plásticos contemporâneos).

Após o alargamento, continuou-se o rebaixamento da sondagem nos 1m x 4m mais próximos da parede de modo a revelar o resto do arco (até 1m de profundidade). Após a decapagem de 20cm foi identificada a [108] (Figuras 28, 112), onde foi encontrada a maioria dos materiais recolhidos nesta sondagem. Estes correspondiam a fragmentos de cerâmica comum (nº1 a 74; fotos 1 a 29), vidrada (nº 82 a 96; foto 32 a 39) e faiança (nº75 a 81; fotos 30 e 31). Após um rebaixamento adicional de cerca de 30cm foi possível verificar que o arco [109] (Figura 31) assentava sobre o substrato geológico [111] (Figuras 30, 112), sendo que este último tinha sido cortado pelo interface [112]. Adicionalmente, foi colocado a descoberto o entaipamento do arco [110] (Figura 31).

Assim, a estratigrafia desta sondagem foi a seguinte:

Sondagem 1

[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
100	Depósito de terra castanha escura, pouco compacto, heterogéneo, arenoso, com deturpação de raízes, com fragmentos de cerâmica de construção (tijolo burro e telha meia cana) e comum, argamassa e materiais contemporâneos (madeira, vidro, plástico)	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [101], [102], [103], [104]
101	Depósito de derrube, composto por lajetas de cerâmica e argamassa de cal e areão alaranjada	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [100] • Cobre [103] • Encosta a [104]
102	Dois lajetas de pavimento, cerâmica de construção,	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [100] • Cobre [103]
103	Depósito castanho-escuro acinzentado, pouco compacto, heterogéneo, arenoso, com deturpação de raízes, com fragmentos de cerâmica de construção (tijolo burro) e comum, argamassa e materiais contemporâneos (madeira, vidro, plástico)	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [100], [101], [102] • Cobre [105]
104	Estrutura de pedra calcária ordinária, com lajetas de cerâmica, argamassa de cal e areão laranja para assentamento e argamassa de cal e areão amarelo para reboco de acabamento, com arranque de arco de sustentação de piso superior composto por lajetas de cerâmica e fundação de pedra calcária ordinária	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [100], [110] • Cobre [109] • Enche [112] • Encostada por [101], [105], [107], [108]
105	Depósito de derrube de telha meia cana, castanho, médio compacto, heterogéneo, arenoso, com nódulos de argamassa de argamassa branca, fragmentos de cerâmica de construção	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [103] • Cobre [106], [107], [108], [112] • Encosta a [104]
106	Depósito de argamassa bege, médio compacto, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [105] • Cortada por [112]
107	Depósito castanho-escuro, médio compacto, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [105] • Cobre [108] • Enche [112] • Encosta a [104]

108	Depósito castanho-escuro, compacto, heterogéneo, com fragmentos de cerâmica com e de construção (telha meia cana), pedra calcária solta, restos de argamassa.	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [107] • Cobre [109] • Enche [112] • Encosta a [104], [109]
109	Vão de porta de pedra calcária aparelhada com argamassa de cal, em arco gótico	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [104], [108], [110] • Cobre [111] • Enche [112] • Encostada por [100], [101], [103], [105], [107], [108] • Equivale a [1103], [1203]
110	Estrutura de pedra calcária ordinária com reaproveitamentos de pedra calcária aparelhada, provenientes de [109], com argamassa de cal e areão alaranjada, cimento de tipo Portland e lajetas de cerâmica	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [104], [109] • Encostada por [100], [101] • Equivale a [1205]
111	Substrato geológico, calcário brando, branco, compacto, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto pela [109] • Cortado pela [112] • Equivale a [201], [302], [403], [502], [712]
112	Interface para a construção da [104], limites desconhecidos	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [105] • Corta [106] • Cheio por [104], [107], [108], [109]

5.2.2.2. Sondagem 2

De modo a evitar problemas de segurança associados à estabilidade das paredes a DGPC permitiu que todas as sondagens de tipo A fossem combinadas e realizadas como uma só, num local mais seguro mas próximo do anexo onde inicialmente seriam implantadas. Assim sendo, esta sondagem foi realizada ao lado de um dos edifícios, ao invés de no interior do mesmo, tendo a dimensão de 2m x 2m e atingindo os 60 cm de profundidade.

Os materiais encontrados correspondiam a fragmentos cerâmicos contemporâneos encontrados em contexto de aterro.

Após a decapagem do depósito [200] (Figuras 37 e 113) foi encontrado o substrato geológico, arqueologicamente estéril (a cerca de 30 cm de profundidade) (Figuras 38 e 113), dando-se esta sondagem por terminada. A descrição minuciosa das características destas [UE's] pode ser vista abaixo:

Sondagem 2

[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
------	-----------	--------------------------

200	Depósito de terra vegetal castanho-escuro, pouco compacto, homogéneo, humoso com raízes e restos de cerâmica de comum e cerâmica de construção contemporânea	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [201], • Equivale a [300], [400], [500]
201	Substrato geológico, calcário brando, branco, compacto, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [200], • Equivale a [111], [302], [403], [502], [712]

5.2.2.3. Sondagem 3

Corresponde à sondagem com maior dimensão, tendo 2m x 2m e atingindo uma cota de 2 metros. A sua matriz de Harris pode ser consultada na Figura 130.

Durante a decapagem da [300] (Figura 114), um depósito de terra vegetal com características comuns com as outras [UE's] iniciais das sondagens realizadas no logradouro, foram encontrados vestígios cerâmicos de diversas cronologias, bem como outros materiais em metal e plásticos contemporâneos. Foram também encontrados vestígios de fauna malacológica.

Só na [301] (Figuras 39 e 114), 130cm abaixo da [UE] anterior, no lado Sul da sondagem, próximo de uma estrutura em negativo é que foi possível identificar um contexto arqueológico sem perturbações, o que permitiu a recolha de fragmentos de cerâmica comum e vidrada de cronologia medieval islâmica (nº 144 a 167; foto 66 a 71). Foram também recolhidas três ocorrências de ferro (nº168 a 170; foto 72) e uma de fauna malacológica (nº171 e foto 73).

A estrutura negativa identificada ([303] de 2m x 0,30m), de orientação Oeste-Este (com pendente para Este) no lado sul da sondagem, encontrava-se escavada no substrato geológico [302], 20cm mais fundo que [301]. A remoção do depósito [304] revelou a existência de uma superfície em argamassa de cal ([305]), cerca de 30cm abaixo do substrato geológico (Figuras 40, 41 e 115). A localização da piscina foi alterada para Norte, após solicitação ao promotor da obra, de modo a não afetar os contextos encontrados durante a escavação.

Abaixo encontra-se um descrição das [UE's] que compõe esta sondagem:

Sondagem 3

[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
------	-----------	--------------------------

300	Depósito de terra vegetal castanho-escuro, pouco compacto, homogéneo, humoso, com deturpação de raízes e restos de cerâmica de comum e cerâmica de construção	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [301] • Equivale a [200], [400], [500]
301	Depósito castanho, médio compacto, heterogéneo, fragmentos de cerâmica comum de cronologia medieval Islâmica e de construção (telha meia cana) e restos de argamassa:	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [300] • Cobre [302], [303], [304]
302	Substrato geológico, calcário brando, branco, compacto, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [301] • Cortado por [303], • Equivale a [111], [201], [403], [502], [712]
303	Interface de abertura para implantação da estrutura hidráulica, de orientação Oeste-Este, paredes côncavas, limites desconhecidos	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [301] • Corta [302] • Cheia por [304], [305]
304	Depósito de enchimento de [303], castanho, médio compacto, heterogéneo, com margas calcárias e restos de argamassa	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [301] • Cobre [305] • Enche [303]
305	Superfície de argamassa de acabamento, composta por cal e areão bege, com ligeira pendente	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [304] • Enche [303]

5.2.2.4. Sondagem 4

As suas dimensões 2m x 1m, com uma profundidade de 1m resultam da divisão da sondagem E1 em duas. A sua matriz de Harris pode ser consultada na Figura 131.

A remoção do depósito inicial [400] (Figuras 47 e 116) permitiu identificar vários materiais de cronologias modernas e contemporâneas com pouca relevância, pois encontravam-se em contexto secundário. No depósito [401] (Figuras 48 e 116), coberto pelo anterior, a 70cm de profundidade, os materiais também se encontravam destituídos de uma deposição lógica, pelo que não foram recolhidos.

O depósito de aterro [402], coberto por [401], 14cm abaixo desta, era composto por pedra calcária ordinária, argamassa de cal e areão e telha de meia cana e assentava sobre o substrato geológico [403], cerca de 26cm mais fundo que [401] (Figuras 49 e 116).

A estratigrafia constatada nesta sondagem foi a seguinte:

Sondagem 4

[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
400	Depósito de terra vegetal castanho-escuro, pouco compacto, homogéneo, humoso, com deturpação de raízes e restos de cerâmica de comum e cerâmica de construção	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [401] • Equivale a [200], [300], [500]
[401]	Depósito castanho-escuro, médio compacto, heterogéneo, areno-argiloso, com presença de margas calcárias	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [400] • Cobre [402]
[402]	Depósito de aterro, composto por pedra calcária ordinária, nódulos de argamassa de cal e areão e telha meia-cana	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [401] • Cobre [403]
[403]	Substrato geológico, calcário brando, branco, compacto, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [401], [402] • Equivale a [111], [201], [302], [502], [712]

5.2.2.5. Sondagem 5

A sondagem 5 acabou por contar com uma área de 2m x 1m (com uma profundidade de 1m), resultando da divisão da sondagem E1 em duas. A matriz de Harris desta sondagem pode ser consultada na Figura 132.

Os materiais exumados durante a escavação desta sondagem eram semelhantes aos presentes nas sondagens 2, 3 e 4, indicando uma amálgama confusa de contextos modernos e contemporâneos. Na [UE] inicial, [500], a uma profundidade de cerca de 17cm, encontrava-se integrada a [501], um tubo de drenagem de águas pluviais (Figuras 50 e 117).

Imediatamente abaixo de [500], a cerca de 90cm de profundidade estava o substrato geológico, [502]. Neste foi identificado, no canto sudoeste da sondagem, um corte que poderá corresponder a uma estrutura negativa [503] tipo silo, de forma circular e com cerca de 40 cm de diâmetro, (Figuras 51 e 117). A [504] corresponde ao respectivo enchimento do silo [503] (Figuras 56,117). A ausência de materiais impede que seja avançada uma cronologia de abandono para o silo.

Eis uma descrição mais pormenorizada de cada [UE] desta sondagem:

Sondagem 5

[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
500	Depósito de terra vegetal castanho-escuro, pouco compacto, homogéneo, humoso com raízes e restos de cerâmica de comum e cerâmica de construção	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto [502], [503], [504] • Integra [501] • Equivale a [200], [300], [400]
501	Infraestrutura de drenagem de águas pluviais, tubo de grés	<ul style="list-style-type: none"> • Integrada em [500]
502	Substrato geológico, calcário brando, branco, compacto, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [500] • Cortado por [503] • Equivale a [111], [201], [302], [403], [712]
503	Estrutura negativa, silo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [500] • Corta [502] • Cheio por [504]
504	Enchimento do silo, depósito castanho-escuro, areno-argiloso, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [500] • Enche [503]

5.2.2.6. Sondagem 6

A sondagem 6 apresenta uma dimensão de 2,70m x 1,35m, tendo atingido a profundidade de 75cm. É possível consultar a sua matriz de Harris na Figura 133.

Os depósitos iniciais revelam uma forte afetação por infraestruturas contemporâneas (ambas de drenagem de águas, uma datada de 2014 e a outra anterior). Abaixo do pavimento de lajes de calcário [600] superficial surge uma betonilha de cimento [601] (Figuras 57, 118) que, por sua vez, cobre um depósito castanho-escuro [602] com pouca espessura. Abaixo deste estava um pavimento de lajetas de cerâmica e tijolo burro [603] (Figuras 58 e 118).

O estrato [604] corresponde a uma superfície de argamassa de cal e areão (Figuras 59, 118). Atribuiu-se a u.e. [605] ao interface para colocação de um tubo de P.V.C. para drenagem de águas pluviais. Preenchem este corte as [UE's] [606], [607], [608] (Figuras 60, 62 e 119). Do mesmo modo, um outro interface para a colocação de uma estrutura de drenagem de águas pluviais [609] é preenchido pela u.e. [610] (Figuras 61, 62 e 119). Abaixo, encontra-se a u.e. [611], o preparado de assentamento de [604] (Figuras 63, 64 e 119).

Na [612] foi identificado um contexto com uma cronologia mais concisa. Os materiais recolhidos correspondiam maioritariamente a cerâmica vidrada e faiança (nº 134 a 137, 142 e 143; fotos 62, 63 e 65), de cronologia contemporânea e a outras categorias materiais como ferros

(nº 128 a 131; fotos 59, 60), vidro (nº 138 a 141; foto 64) e dois fragmentos de azulejo (nº 131, 132; foto 61).

A cerca de 50 cm de profundidade foram identificadas, no lado Oeste da sondagem, duas estruturas rectangulares [613] e [615] de pedra calcária (Figuras 65 e 120), com cerca de 60x80cm e 60x50cm, respectivamente. A altura destas estruturas foi impossível de verificar pois não foram colocadas a descoberto na sua totalidade. A estrutura [613] sobrepõe-se a uma outra de cronologia medieval - [614] - localizada na parte Sul da sondagem e com uma orientação Este-Oeste, (Figuras 66, 67 e 120). Esta estrutura também não foi delimitada na sua totalidade.

Abaixo encontra-se uma descrição detalhada das [UE's] que compõe esta sondagem.

Sondagem 6

[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
600	Pavimento de lajes de calcário	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [604], [605], [606] • Encostado por [601], [602] • Equivale a [703]
601	Betonilha de cimento de tipo "Portland"	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [602] • Equivale [701] • Encosta a [600]
602	Depósito castanho-escuro, pouco compacto, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [601] • Cobre [603], [604], [605] [606], [609], [610] • Encosta a [600]
603	Pavimento de lajetas de cerâmica e tijolo burro, com remendos de cimento de tipo "Portland":	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [602] • Cobre [604], [605], [606], [609], [610] • Equivale a [702]
604	Depósito de argamassa de cal e areão amarelado, compacta, homogénea	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [600], [602], [603] • Cobre [611] • Cortada por [605]
605	Interface para infraestrutura de drenagem de águas residuais domésticas de PVC	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [602], [603] • Corta [604], [611] • Cheio por [606], [607], [608]
606	Depósito castanho-escuro, médio compacto, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [600], [602], [603] • Cobre [607] • Enche [605]
607	Infraestrutura de drenagem de águas residuais domésticas de PVC	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [606] • Cobre [608] • Enche [605]
608	Depósito de areão bege	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [607] • Enche [605]
609	Interface para infraestrutura de drenagem de águas residuais domésticas (desactivada)	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [602], [603] • Corta [604], [611] • Cheia por [610]
610	Depósito de enchimento de [609], castanho-escuro, médio compacto, homogéneo, com fragmentos de canalização de grés	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [602], [603] • Enche [609]

611	Depósito de preparação de [604], castanho-escuro, compacto, heterogéneo, com fragmentos de cerâmica de construção e pedra calcária ordinária solta de calibre médio	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [604] • Cobre [612], [613], [615] • Cortado por [605], [609]
612	Depósito castanho, médio compacto, heterogéneo, com restos de argamassa de cal e areão, fragmentos de cerâmica de construção de cronologia indeterminada, pedra ordinária solta, fragmentos de faiança e metais	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [611] • Cobre [614] • Encosta a [613]
613	Estrutura de pedra calcária ordinária com argamassa de cal e areão laranja	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [611] • Cobre [614] • Encostada por [612]
614	Estrutura de pedra calcária ordinária com argamassa de cal	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [612], [613]
615	Estrutura de pedra calcária ordinária com argamassa de cal e areão laranja	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [611] • Encostada por [612]

5.2.2.7. Sondagem 7

A sondagem 7, de formato quadrangular, apresenta uma dimensão de 1,65m X 1,65m, tendo alcançado uma profundidade de 85cm. A sua matriz de Harris encontra-se na Figura 134.

A decapagem de [701], uma betonilha de cimento, revelou o aparecimento das [UE's] [702] (um pavimento de lajetas), [703] (um pavimento de laje calcária) e [704] (um depósito de areia amarela) (Figuras 68, 69, 70 e 121). Com a decapagem de [700] (Figura 68 e 121), um pavimento de calçada, foi posto a descoberto parte de um estrato de tonalidade castanho-escuro [705] (Figura 70 e 121).

A u.e. [706] corresponde ao preparado de assentamento em argamassa do pavimento de lajetas - [702] (Figura 70, 71 e 122). Este, por sua vez, cobria o depósito [705] onde foram encontrados os fragmentos de loiça de Sacavém (nº 109 a 116; fotos 50 a 52) e o prato que permitiu datar o conjunto com a cronologia posterior a 1886-1887 (nº 108 e foto 188). Neste estrato [705] foram também identificados fragmentos de cerâmica vidrada com cronologia similar (nº 117 a 121; foto 53 e 54) e cerâmica comum (nº 122,123 e foto 55). Também se encontravam presentes 2 fragmentos de azulejo (nº 125,126 e foto 196), 1 objecto em cobre (nº 124; foto 195), um vestígio de fauna malacológica (nº107 e foto 187) e um numisma (nº127 e foto 197).

Sob a [705] estava [707], um depósito castanho-escuro acinzentado que cobria [709] e encostava a [708] (Figura 72, 123). A [708], localizada no lado norte da sondagem, constituía um arco de sustentação (de alvenaria mista de pedra calcária ordinária, tijolo burro e lajetas de cerâmica)

com 165cm por 30cm. Este arco suportava o peso do edifício actual. Trata-se, pois, do embasamento do edifício que foi construído sobre uma estrutura negativa [710] mais antiga.

A [709] (Figura 73 e 123) correspondia a um depósito castanho-escuro acinzentado que assentava diretamente sobre o substrato geológico [712] e sobre duas estruturas negativas: [710] e [713] (Figura 74 e 124). Foi nesta [UE] ([709]), no canto Sudoeste da sondagem, onde foram identificados vários fragmentos de cerâmica comum de cronologia medieval islâmica (nº 102 a 106; fotos 45 a 47), destacando-se a presença de um aquamanil com lábio trilobado (nº102 e foto 45).

A [710] corresponde a uma estrutura em negativo, de formato circular com diâmetro de cerca 150cm, que poderá corresponder a outro silo. Encontra-se parcialmente coberto pelo perfil Norte da sondagem (Figura 75). A [UE] que a preenche - [711], não foi escavada.

No lado Sul da sondagem, coberta parcialmente pelo perfil Sul, localiza-se a [713]. Corresponde a uma estrutura em negativo de função indeterminada, que ocupa uma extensão de cerca de 165cm por 90cm. A [UE] que a preenche - [714] (Figura 123), não foi escavada.

A estratigrafia desta sondagem revelou-se do seguinte modo:

Sondagem 7

[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
700	Pavimento de calçada de pedra calcária de cubo irregular, com bordadura de tijolo burro	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [705] • Encostada por [701] • Encosta a [708]
701	Betonilha de cimento de tipo “Portland”	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [701], [703], [704] • Encosta a [700], [708] • Equivale a [601]
702	Pavimento de lajetas de cerâmica 12cm x 22cm	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [701] • Cobre [706] • Encosta a [708] • Equivale a [603]
703	Pavimento de laje calcária	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [701] • Cobre [705] • Encostado por [704] • Encosta a [706] • Equivale a [600]
704	Depósito de areia amarela	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [701] • Cobre [705] • Encosta a [703], [708]
705	Depósito castanho-escuro, pouco compacto, arenoso, homogéneo, com deturpação de raízes, pedra calcária ordinária miúda e fragmentos de cerâmica de construção	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [700], [703], [704] • Cobre [707] • Encostado por [706] • Encosta a [708] • Equivale a [804]

706	Superfície de argamassa de cal e areão bege para assentamento do pavimento [702]	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [702] • Cobre [705] • Encosta a [703], [708]
707	Depósito castanho-escuro acinzentado, médio compacto, heterogéneo, areno-argiloso, com nódulos de argamassa de cal e areão, pedra calcária ordinária de calibre médio e pequeno e fragmentos de cerâmica de construção	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [705] • Cobre [709] • Encosta a [708]
708	Estrutura de alvenaria mista de pedra calcária ordinária, tijolo burro e lajetas de cerâmica com arco de arco de sustentação composto por lajetas de cerâmica (edifício existente)	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [709], [712] • Encostada por [700], [701], [702], [704], [705], [706], [707], [709] • Equivale a [809]
709	Depósito castanho-escuro acinzentado, compacto, heterogéneo, areno-argiloso, com nódulos de argamassa de cal e areão, pedra calcária ordinária de pequeno e médio calibre e fragmentos de cerâmica de construção	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [707], [708] • Cobre [710], [711], [712], [713], [714] • Encosta a [708]
710	Estrutura negativa (silo)	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [709] • Cheia por [711] • Corta [712]
711	Depósito de enchimento de [710], castanho-escuro, pouco compacto, heterogéneo, arenoso	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [709] • Enche [710]
712	Substrato geológico, calcário brando, branco, compacto, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [708], [709] • Cortado por [710], [713] • Equivale a [111], [201], [302], [403], [503]
713	Interface de estrutura negativa indeterminada	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [709] • Corta [712] • Cheio por [714]
714	Depósito castanho-escuro, médio compacto, heterogéneo, areno-argiloso, com carvões	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [709] • Enche [713]

5.2.2.8. Sondagem 8

A sondagem 8 já tinha sido perturbada pela abertura de uma sapata [801] construída em momento anterior da entrada da equipa de arqueologia em obra. Ainda assim, prosseguiu-se com o planeado e implantou-se uma sondagem de 0,85x170m que atingiu os 0,60m de profundidade. É possível consultar a matriz de Harris desta sondagem na Figura 135.

Após a decapagem de uma superfície de cimento [800] (Figura 79 e 125), foi identificado um depósito castanho-escuro [802], (Figura 80 e 125). Este depósito, por sua vez, cobria a [803] - uma superfície de argamassa de cal e areão bege. Esta sobrepunha-se à [804] (Figura 81, 82, 83 e 125) que cobria um depósito de argamassa de cal e areão laranja – o estrato [805]. Este, por sua vez, sobrepõe-se às [UE's] [806], [807] e [808] (Figura 84 e 126). A [807] corresponde a uma estrutura de pedra calcária ordinária com argamassa de cal e areão amarelado (Figura 84 e 126) que se prolonga por baixo do edifício contemporâneo [809].

Por último, a [809], que encosta a [800] e cobre [807], corresponde ao edifício existente constituído por alvenaria mista de pedra calcária ordinária e tijolo burro, com argamassa de cal e areão laranja e cimento de tipo “Portland” (Figura 85, 89 e 105).

Apresenta-se a descrição mais pormenorizada de cada [UE] desta sondagem:

Sondagem 8

[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
800	Superfície de cimento	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [802], [803], [810] • Cortada por [801]
801	Interface para sapata	<ul style="list-style-type: none"> • Corta [800], [802], [803], [804], [805], [806], [808], [810]
802	Depósito castanho-escuro, pouco compacto, homogéneo, arenoso, com intrusão de raízes	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [800] • Cortado por [801] • Enche [810]
803	Superfície de argamassa de cal e areão bege	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [800] • Cobre [804] • Cortada por [801], [810]
804	Depósito castanho-escuro, médio compacto, homogéneo	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [803] • Cobre [805], [806] • Cortado por [801], [810] • Equivale a [705]
805	Superfície de argamassa de cal e areão laranja	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [804] • Cobre [806], [807] • Cortada por [801]
806	Depósito castanho-escuro acinzentado, pouco compacto, homogéneo, arenoso	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [804], [805] • Cobre [808] • Encosta a [807] • Cortado por [801]
807	Estrutura de pedra calcária ordinária com argamassa de cal e areão amarelado	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [805], [809] • Encostada por [806], [808]
808	Depósito castanho-escuro acinzentado, médio compacto, heterogéneo, arenoso, com nódulos de argamassa de cal e areão, pedra calcária de pequeno e médio calibre, fragmentos de lajetas de cerâmica e de telha meia cana	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [806] • Cortado por [801] • Encosta a [807]
809	Estrutura de alvenaria mista de pedra calcária ordinária e tijolo burro, com argamassa de cal e areão laranja e cimento de tipo “Portland” (edifício existente)	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [807] • Encostada por [800]
810	Interface para construção de [809]	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [800] • Cortado por [801] • Corta [803], [804] • Cheio por [802], [809]

5.3. Sondagens parietais

5.3.1. Descrição dos trabalhos (por sondagem)

5.3.1.1. Sondagem 9

A sondagem 9, localizada no alçado interior da casa principal, corresponde a uma das sondagens parietais que já tinha sido iniciada sem a presença do arqueólogo no local. A sua expansão, até às dimensões de 1m por 0,80m, foi realizada com a presença de profissionais qualificados. Através da sua realização foi possível identificar a alvenaria utilizada na construção do edifício contemporâneo (o existente) (Figura 90 e 106). A sua matriz de Harris pode ser consultada na Figura 136.

A tinta plástica branca de superfície [900], cobria uma superfície de reboco de cimento [901]. Esta cobria uma superfície de reboco de argamassa de cal e areão [902] que, por sua vez, assenta sobre a estrutura correspondente ao edifício atual, composta por pedra calcária, cerâmica de construção e argamassa de cal e areão [903]. A sequência estratigráfica aqui constatada assemelha-se ao que foi identificado na sondagem 10, realizada no mesmo edifício.

Abaixo encontra-se uma descrição das [UE's] que compõe esta sondagem.

Sondagem 9		
[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
900	Tinta plástica branca	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [901] • Equivale a [1000]
901	Superfície de reboco de cimento de tipo “Portland”	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [900] • Cobre [902] • Equivale a [1001]
902	Superfície de reboco de argamassa de cal e areão bege	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [901] • Cobre [903] • Equivale a [1002]
903	Estrutura de pedra calcária ordinária e cerâmica de construção (tijolo burro), de dimensão média, com argamassa de cal e areão	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [902] • Equivale a [1004]

5.3.1.2. Sondagem 10

Tal como a sondagem 9, também esta sondagem parietal foi iniciada sem a presença do arqueólogo no local. Localizada no alçado tardoz do edifício principal, a sua expansão até às

dimensões de 1m por 1m foi realizada sob a supervisão de um arqueólogo. A sua matriz de Harris encontra-se na Figura 137.

Foi possível identificar a alvenaria utilizada na construção do edifício (Figura 91 e 107) e a forma como esta era coincidente com a identificada na sondagem 9 (a [1000] tem uma equivalência com a [900]; a [1001] com a [901]; a [1002] com a [902]; e a [1004] com a [903]. A [1003] corresponde a uma infraestrutura de abastecimento de águas só aqui identificada.

Apresenta-se a descrição mais pormenorizada de cada [UE] desta sondagem:

Sondagem 10

[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
1000	Cobertura de tinta plástica branca	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [1001], [1002] • Equivale a [900]
1001	Superfície de reboco de cimento de tipo “Portland”	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [1000] • Cobre [1003], [1004] • Encosta a [1002] • Equivale a [901]
1002	Superfície de reboco de argamassa de cal e areão bege	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [1000] • Encostada por [1001] • Equivale a [902]
1003	Infraestrutura de abastecimento de água de PEAD	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto por [1001] • Cobre [1004]
1004	Estrutura de pedra calcária ordinária, de dimensão média, com tijolo burro e argamassa de cal e areão bege	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [1001], [1002], [1003] • Equivale a [903]

5.3.1.3. Sondagem 11

Na realização da sondagem parietal 11, realizada no alçado tardoz do anexo 2, foi picada a área da parede (2,5m por 7,5m) quase na sua totalidade. Esta sondagem teve como objetivos apurar da possível existência de elementos pertencentes às antigas igrejas de S. Julião e S. Lourenço na alvenaria do edificado ou de outros elementos construtivos associados ao arco. A sua matriz de Harris pode ser consultada na Figura 138.

Foi possível caracterizar as técnicas construtivas presentes nesta parede (Figuras 92 a 95 e 108) e constatar da presença de vários momentos construtivos diferenciados. Os níveis superficiais eram compostos por uma pintura de cal [1100], que se sobrepõe a uma superfície de reboco de acabamento [1101] que, por sua vez, cobre uma superfície de reboco mais grosseiro de enchimento [1102]. É particularmente notável o cunhal do lado Sul [1103] que, devido às suas

generosas dimensões, aparenta estar associado ao arco [109]. A [1104] trata-se de um alçado composto por uma alvenaria mista de pedra calcária ordinária, cerâmica de construção e argamassa de cal e areão. Neste, localiza-se um interface de vão de porta [1105] e um interface de vão de janela [1107]. Estes, encontram-se colmatados por [1106] e [1108] respectivamente, através de lajetas de cerâmica, pedra ordinária de dimensão média, argamassa de cal e areão amarelado.

A estratigrafia desta sondagem constitui-se da seguinte forma:

Sondagem 11

[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
1100	Pintura de cal	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [1101] • Equivale a [1200]
1101	Superfície de reboco acabamento de argamassa de cal e areão alaranjado	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [1100] • Cobre [1102]
1102	Superfície de reboco enchimento de argamassa de cal e areão laranja com inclusão de fragmentos de cerâmica de construção (telha meia cana)	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [1101] • Cobre [1103], [1104], [1105], [1106], [1107], [1108]
1103	Estrutura de cunhal composto por pedra calcária aparelhada de grandes dimensões, com argamassa de cal	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [1102] • Encostada por [1104] • Equivale a [109], [1203]
1104	Alçado de alvenaria mista de pedra ordinária, tijolo burro e lajetas de cerâmica, com argamassa de cal e areão amarelado, com vão de porta e janela formados por tijolo burro	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [1102] • Encosta a [1103]
1105	Interior de vão de porta (interface)	<ul style="list-style-type: none"> • Cheio por [1106]
1106	Enchimento do interface [1105], composto por lajetas de cerâmica, pedra ordinária de dimensão média e argamassa de cal e areão amarelado	<ul style="list-style-type: none"> • Enche [1105]
1107	Interior de vão de janela (interface)	<ul style="list-style-type: none"> • Cheio por [1108]
1108	Enchimento do interface [1107], composto por lajetas de cerâmica, pedra ordinária de dimensão média e argamassa de cal e areão amarelado	<ul style="list-style-type: none"> • Enche [1107]

5.3.1.4. Sondagem 12

A sondagem 12 foi realizada no lado oposto da parede onde se encontra o arco [109] - o alçado lateral direito do anexo 2. A picagem de uma área de 1m por 1m permitiu identificar o arco no lado oposto da parede, a relação do mesmo com o cunhal [1103], bem como o desnível no terreno (Figura 96 e 109). A matriz de Harris desta sondagem encontra-se na Figura 139.

A [1200] corresponde a uma pintura de cal que equivale a [1100]. Esta cobre a [1201] que corresponde a uma superfície de reboco de acabamento de argamassa que assenta sobre [1202] - uma superfície de reboco de enchimento. A [1203] equivale a [109], correspondendo ao lado oposto deste arco. Equivale também a [1103], pois apenas um cunhal massivo como este poderia estar associado a um arco destas dimensões. Por fim, um interface de vão de porta [1204] encontra-se preenchido por [1205] (equivalente a [110]) que é constituído por pedra calcária, lajetas de cerâmica e elementos arquitectónicos reaproveitados.

Abaixo encontra-se a descrição das [UE's] que compõe esta sondagem.

Sondagem 12

[UE]	Descrição	Relações estratigráficas
1200	Pintura de cal	<ul style="list-style-type: none"> • Cobre [1201] • Equivale a [1100]
1201	Superfície de reboco de acabamento de argamassa de cal e areão rosada	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [1200] • Cobre [1202]
1202	Superfície de reboco de enchimento de argamassa de cal e areão rosada, com fragmentos de cerâmica de construção (telha meia cana)	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [1201] • Cobre [1203]
1203	Estrutura de pedra calcária ordinária com argamassa de cal e vão de pedra aparelhada	<ul style="list-style-type: none"> • Coberta por [1202] • Equivale a [109], [1103]
1204	Interior de vão de porta (interface)	<ul style="list-style-type: none"> • Cheio por [1205]
1205	Enchimento de vão de porta composto por pedra calcária ordinária, lajetas de cerâmica e reaproveitamento de elementos arquitectónicos de pedra calcária, com argamassa de cal e areão laranja	<ul style="list-style-type: none"> • Enche [1204] • Equivale a [110]

5.4. Acompanhamento arqueológico

A participação do mestrando na fase da realização do acompanhamento arqueológico das obras era algo que estava inicialmente previsto acontecer durante o estágio. Contudo, o arranque destes trabalhos tardou, impossibilitando a participação do mestrando nesta fase e a consequente descrição, análise e apresentação destes resultados.

5.5. Classificação sumária do espólio

Os materiais identificados encontram-se na sua maioria muito fragmentados tendo sido directamente afetados por processos pós deposicionais, particularmente no logradouro do terreno pela prática agrícola.

Ainda assim, foi possível identificar materiais que permitem caracterizar alguns dos períodos de ocupação deste local. Os materiais mais significativos são provenientes das sondagens 1 (UE 108), 3 (UE 301), 6 (UE 611) e 7 (UE's 705 e 709).

Após a lavagem e colagem dos materiais recolhidos procedeu-se à sua inventariação. Cada bordo, asa e fundo que não foi possível colar com outro fragmento foi considerado como constituído uma realidade singular. Para cada um destes fragmentos foi procurado um paralelo que permitisse a identificação da sua forma e a atribuição de uma cronologia. As contabilizações presentes na Figura 7 têm como base esta metodologia.

Para além disso, foi realizada a descrição exaustiva do fragmento (Anexo II). Adicionalmente, a descrição do fabrico das pastas foi realizada com base nos critérios físicos destas como a coloração, compactação, frequência de elementos não plásticos (inclusões) e o tipo cozedura e arrefecimento. A descrição dos fabricos e o inventário e catalogação descritiva dos materiais pode e deve ser consultada de forma detalhada no Anexo II.

De todo o espólio recolhido foram seleccionadas algumas peças que foram desenhadas (Anexo IV). Para esta selecção teve-se em conta tanto as ocorrências notáveis, bem como os fragmentos que melhor ilustravam o conjunto de espólio recolhido.

As contabilizações do espólio recolhido foram as seguintes (Figura 7):

Sondagem	[UE]	Tipologia	Contabilização	
1	108	Cerâmica Comum	Forma	73 Total (5 alguidares, 2 bilhas, 14 caçoilas, 8 cântaros, 3 fogareiros, 1 garrafa, 6 indeterminada, 1 jarrinha, 1 malga, 19 panelas, 1 prato, 4 púcaros, 4 taças, 3 tachos, 1 tijela).
			Fragmento	23 Bordos, 14 bordos com asa, 6 bordos com fundo, 3 lábios, 1 lábio com asa, 6 asas, 1 bojos, 4 bojos com asa, 1 bojo com fundo, 13 fundos, 1 peça completa.
		Faiança	Forma	7 Total (1 Prato, 6 taças)

		Fragmento	5 Bordos, 1 bordo com fundo, 1 fundo
		Cerâmica vidrada	Forma 14 Total (4 caçoilas, 2 grande salgadeiras, 3 indeterminadas, 1 panela, 3 tijelas, 2 alguidar)
		Fragmento	5 Bordos, 1 bordos com asa, 1 bordo com fundo, 1 lábio, 2 bojos, 1 bojo com asa, 3 fundos, 1 fundo com asa
		Outros	1 Ferro (presilha de cinto)
	105	Outros	3 Numismas (2 ceitis de D.Manuel I, 1 X reis de D. Luís I), 1 alfinete.

Sondagem	[UE]	Tipologia	Contabilização	
3	301	Cerâmica Comum	Forma	21 Total (1 salgadeira grande, 3 taças, 2 caçoilas, 9 panelas, 1 indeterminado, 2 cântaros, 1 jarrinha, 2 pesos)
			Fragmento	4 Fundo, 10 bordos, 2 bordos com asa, 3 bojos com asa, 2 peças completas
		Cerâmica vidrada	Forma	3 Total (1 tijela, 1 panela, 1 taça)
			Fragmento	1 Bordo, 1 bordo com asa, 1 fundo
		Outros	1 Fauna malacológica. 3 Ferro- 2 presilhas, 1 prego.	

Sondagem	[UE]	Tipologia	Contabilização	
6	611	Faiança	Forma	3 Total (1 tijela, 1 pote, 1 indeterminado)
			Fragmento	1 Fundo, 1 bordo, 1 asa
		Outros	Forma	4 Ferro- 1 pega de plaina, 1 parte frontal de ferro, 1 prego, 1 ferro indeterminado. 2 Fragmentos de azulejo

Sondagem	[UE]	Tipologia	Contabilização	
7	705	Cerâmica Comum	Forma	2 Total (1 pote, 1 indeterminado.)
			Fragmento	1 Lábio com asa, 1 asa
		Faiança	Forma	9 Total (6 pratos de servir, 2 açucareiro, 1 indeterminado).
			Fragmento	1 Peça completa, 7 bordos com fundo, 1 bojo decorado

	Cerâmica Vidrada	Forma	5 Total (3 alguidar, 1 tacho, 1 frigideira.
		Fragmento	4 Bordos, 1 bordo com asa.
		Outro	1 Fauna malacológica, 1 peça de cobre, 2 fragmentos de azulejo, 1 numisma (Ceitil de D. Manuel I) Séc.xix
	709	Cerâmica Comum	Forma
		Fragmento	1 Fundo, 3 bordos, 1 peça completa

Figura 7- A contabilização dos materiais por sondagem

Como é possível verificar, a maioria dos materiais recolhidos provêm da sondagem 1, aquela que foi realizada na proximidade do arco. Contudo é difícil estabelecer qualquer tipo de correlação entre os materiais e aquela estrutura, pois as [UE's] onde foram exumados ([108] e [105]) não se relacionam com o arco. Adicionalmente, a categoria mais frequentemente identificada corresponde a cerâmica comum (Figura 8).

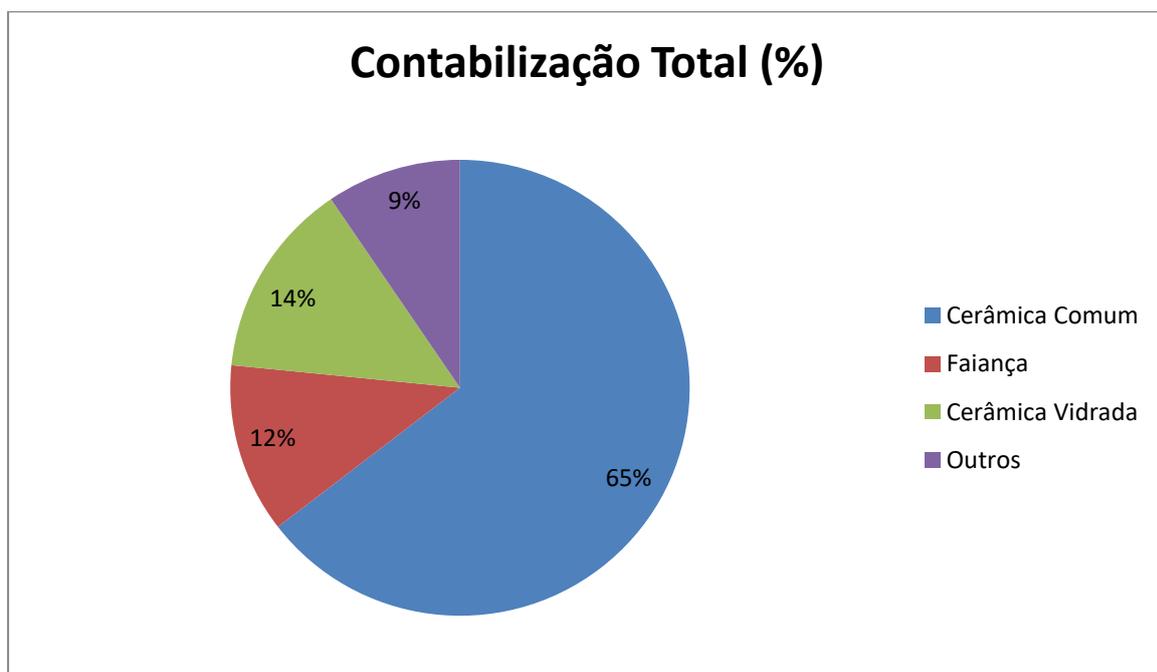


Figura 8- Contabilização percentual das tipologias de materiais encontradas

Nas [UE's] iniciais da sondagem 1 predominavam materiais (plástico, metal) de cronologia contemporânea com pouco valor arqueológico. Tal realidade também se verificava nas camadas iniciais das outras sondagens realizadas próximas do edifício principal (sondagem 6 e 7).

No lado Oeste da sondagem 1 foi identificada a ue [104] (Figuras 20, 34, 97 e 111) que corresponde a um arranque de um arco de sustentação de cronologia aparentemente moderna (a argamassa presente na sua alvenaria é composta por cal e areão, indicativa de tal cronologia) (Damas *et al.*, 2016:12) (Fontes *et al.*, 2020:7) (Veiga, 2012:22).

Só após a remoção da [105], um nível de derrube com datação posterior a 1885 (determinada a partir do numisma identificado - uma moeda de X reis, de D. Luís I) (nº 98 e foto 41), foi possível identificar contextos arqueológicos com menos perturbações. Nesta mesma [UE 105] foram também identificados outros dois numismas (dois Ceitis de D. Manuel I) (nº 99 e 100; foto 42 e 43) e um alfinete (nº 101e foto 44).

Na [108] os materiais identificados correspondiam maioritariamente a cerâmica comum de cronologia medieval islâmica (nº 1 a 74 e fotos 1 a 29). Tal cronologia foi-lhes atribuída devido às similaridades encontradas entre estes materiais e os identificados por vários autores em Santarém, noutras localidades banhadas pelo Tejo (Lisboa, Vila Franca de Xira) e no Baixo-Alentejo.

A predominância de formas como caçoilas, panelas, cântaros, alguidares, ou seja, formas que tiveram uma longa diacronia de utilização, dificulta uma classificação cronológica mais precisa.

Um bom exemplo da tipologia dos alguidares identificados nesta [UE] é o do alguidar nº 20 (foto 9 e estampa 3) com um bordo extrovertido sem inflexão com 30cm de diâmetro, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo recto e pasta H1, que apresenta semelhanças com uma peça proveniente do Corte 2, no horto do Jardim das Portas do Sol, da Alcáçova de Santarém (Viegas e Arruda, 1999: 171, nº3).

Como exemplo formal das panelas temos a panela nº 24 (foto 9 e estampa 2) caracterizada pelo bordo introvertido com inflexão sem ressalto de 20cm de diâmetro, lábio boleado inclinado para o interior com perfil externo convexo, com duas carenas decorativas e pasta B1. Apresenta vestígios de fuligem e um exemplar similar foi encontrado por E. Pires (2021: 29, nº7) em Vila Franca de Xira, nas escavações no edifício do antigo Ateneu Artístico Vila-franquense.

Os tachos desta [UE] frequentemente seguem a tipologia estabelecida pelo tacho nº 42 e pelo tacho nº 22. O tacho nº42 (foto 14 e estampa 1) possui um bordo extrovertido com inflexão com 14cm de diâmetro, lábio boleado inclinado para o interior com perfil externo convexo, asa triangular e pasta G1. O tacho nº 22 (foto 9 e estampa 3) é dotado de um bordo extrovertido sem inflexão com 20cm de diâmetro, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo

convexo, asa triangular e pasta C1. Ambas apresentam vestígios de carbonização e são similares a uma das peças encontradas no edifício do antigo Ateneu Artístico Vilafranquense por E. Pires (2021: 29, nº18).

As caçoilas recolhidas seguem o modelo tipológico da peça n.º 35 (foto 12 e estampa 2) com bordo extrovertido, sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior, perfil externo convexo, base plana de assentamento discoidal e pasta de fabrico H1. Apresenta vestígios de fuligem interior e paralelo com uma peça identificada no sítio dos Funchais 6, em Beringel (Cardoso, 2013: 101, nº35).

Uma das caçoilas apresenta perfil completo (n.º 49) de bordo extrovertido sem inflexão com 24cm de diâmetro, lábio arredondado voltado para o interior, asa triangular, base plana de assentamento discoidal, pasta do tipo G1 (foto 19 e estampa 3). Apresentava também vestígios de carbonização interna e externa. Possui um paralelo com uma peça identificada no Corte 2, na Alcáçova de Santarém (Viegas e Arruda, 1999: 142, nº3).

Um caso isolado, mas ainda assim importante, é o do gargalo de garrafa nº 26 (foto 10 e estampa 1). Tem um bordo introvertido com inflexão sem ressalto com 3cm de diâmetro, lábio triangular vertical com uma carena debaixo do lábio e pasta B1. É parecido com o gargalo de garrafa identificada no sítio dos Funchais 6 (Cardoso, 2013: 105, nº61).

Por último temos a taça nº 43 (foto 14 e estampa 1) de bordo extrovertido, lábio boleado vertical, perfil externo convexo, base plana de assentamento discoidal e pasta C1. Apresenta similaridades com um fragmento identificado no sítio dos Funchais 6 por A. Cardoso (2013: 108, nº102).

Os paralelos formais, tipológicos e tecnológicos das peças indicam a forte probabilidade destas corresponderem a indivíduos com cronologia medieval islâmica.

Para além da cerâmica de superfícies foscas, foram também identificados alguns fragmentos de cerâmica vidrada proveniente dos mesmos níveis e muito provavelmente da mesma cronologia (nº 82 a 96; foto 32 a 39). O revestimento vidrado presente nos fragmentos encontrados nesta [UE] está localizado predominantemente na superfície interior, predominando as cores verde-escuro e bege. A forma mais comum entre as cerâmicas vidradas é a caçoila.

Um destes fragmentos corresponde a uma caçoila (nº 83, foto 33, estampa 2) de bordo extrovertido, lábio boleado inclinado para o exterior, perfil externo convexo, asa plana que

arranca e termina no lábio, em pasta A3. Apresenta vestígios de fuligem exterior e tem paralelo com uma peça identificada na Alcáçova de Santarém (Viegas e Arruda, 1999: 134, nº2).

Nesta mesma [UE] foram também encontrados fragmentos de faiança de cronologia dos finais do séc. XVI/inícios do século de XVII (nº 75 a 81; fotos 30 e 31). Apresentam similaridades com alguns dos objectos encontrados em Lisboa por T. Casimiro e J. Sequeira (2016) e entre exemplares identificados por T. Casimiro (2013) em exportações para Inglaterra, mas com fabrico lisbonense. Este conjunto é composto maioritariamente por taças com bordos extrovertidos, lábio arredondados ou boleados e perfil externo côncavo.

A taça nº 76 (foto 30 e estampa 1) é um bom exemplo da morfologia e tipologia dos exemplares identificados. Apresenta bordo extrovertido com 14cm de diâmetro, lábio inclinado para o exterior, perfil externo côncavo, base côncava com assentamento em pé anelar e Pasta A2. Tem um paralelo com uma peça encontrada em Lisboa por T. Casimiro e J. Sequeira (2016: 262, fig.1B).

Nesta [UE] também foi identificada a presença de um elemento férreo que, pela sua forma, corresponde possivelmente a uma presilha de um cinto (nº 97 e foto 40).

O carácter bastante fragmentado e o número diminuto de peças completas ou a presença de vestígios de fuligem em várias das cerâmicas encontradas leva a crer que este local tenha sido uma lixeira ou sítio onde foram descartadas cerâmicas e outro tipo de lixos.

No logradouro do terreno, onde foi realizada a sondagem 3, havia uma presença considerável de fragmentos cerâmicos na [300]. Contudo, este contexto encontrava-se fortemente perturbado. Apesar de ser possível identificar fragmentos cerâmicos de várias cronologias, a inexistência de uma sequência estratigráfica lógica de deposição dos mesmos levou a que não fossem recolhidos. Esta realidade estende-se às outras [UE's] superficiais das sondagens realizadas no logradouro do terreno, onde também foram encontradas frequentes ocorrências de fauna malacológica.

Só na [301] foi possível identificar um contexto arqueológico mais restrito. Foram identificados fragmentos correspondentes a peças de cerâmica comum e vidrada de cronologia medieval islâmica (nº144 a 164; fotos 66 a 70), similares às encontradas em Santarém (Arruda e Viegas, 1999:115 a 162).

Entre estes fragmentos predominavam as painéis com bordos introvertidos e lábios triangulares. Destacam-se também dois pesos de pesca em cerâmica, com um perfil em elipse oblonga, dotados de um sulco no comprimento da peça, apenas em uma das faces, da mesma cronologia (nº 151, 152; foto 68 e estampa 1).

As cerâmicas vidradas são predominantemente vidradas no seu exterior, a verde-escuro e bege. Um item em particular, a taça nº 167 (foto 167 e estampa 1), é diferente dos outros itens. Tem uma base plana alargada com 12cm de diâmetro, assentamento discoidal com engrossamento externo, pasta C10 e um vidrado verde externo. Aquilo que a distingue dos outros fragmentos é um elemento decorativo indeterminado (aparenta ser uma estrela com elementos esféricos entre os seus vértices) no bojo. Em termos formais tem um paralelo com uma peça identificada por A. Cardoso (2013: 107, nº97) proveniente do Sítio dos Funchais 6.

A peculiar localização da maioria do espólio encontrado nesta [UE], no lado sul da sondagem, próximo da [305] e das [UE's] que lhes estão associadas, sugere uma possível correlação entre as mesmas. Relação que não pode ser comprovada pois, não se procedendo ao alargamento da sondagem, não foi possível delimitar aquele estrato [305] na sua totalidade.

Nesta [UE] também foi identificada a presença de fauna malacológica (nº171 e foto 73) e de alguns elementos em ferro (nº 167 a 170 e foto 72).

Tal como se verifica nas outras sondagens, também na sondagem 6 as [UE's] superficiais encontravam-se perturbadas por interferências contemporâneas, nomeadamente próximo do anexo 1 e muito particularmente as realidades estratigráficas relacionadas às infraestruturas de drenagem de águas pluviais e respectivos interfaces. Só na [612] foi verificado um contexto que não se encontrava remexido permitiu a recolha de materiais.

Os materiais recolhidos nesta [UE] têm uma cronologia contemporânea (de finais do séc. XIX), sendo possível que provenham do período de construção do edifício principal. Tal cronologia é atestada pelas semelhanças encontradas e paralelos com os provenientes dos Paços do Concelho, Almada (Reis, 2021: 131 a 133, fig. 20, 22) e de cerâmicas recuperadas ao longo do Tejo (Casimiro e Sequeira, 2016: 269, fig. 5, G).

Para além de fragmentos de cerâmica vidrada (nº142, 143 e foto 65) e faiança (nº134 a 136 e foto 62), foram também encontrados 4 fragmentos de vidro tingido de azul (nº138 a 141 e foto 64), 2 fragmentos de azulejo (nº132 a 133 e foto 61) e quatro ocorrências de ferro (nº128 a 131 e foto 59 e 60). Apesar do estado avançado de oxidação do ferro foi possível determinar a existência da

parte frontal de um ferro de engomar a carvão, de uma pega de uma plaina e um prego (o último elemento é indeterminado). Tal como na sondagem 7, não é possível determinar se os fragmentos dos azulejos correspondem a vestígios da demolição de uma das igrejas.

Os dois fragmentos de cerâmica vidrada são formalmente distintos: um corresponde a um alguidar com bordo extrovertido, lábio arredondado voltado para o exterior, pasta B9 e um vidrado interno de cor amarela; o outro é um fragmento de uma taça de bordo extrovertido, lábio boleado inclinado para o exterior, perfil externo convexo, pasta B11 e vidrado, em ambas as superfícies, de cor laranja.

Por sua vez, os fragmentos de faiança correspondem a uma tijela com base côncava, assentamento anelar com pé desenvolvido e a um pote de bordo extrovertido, lábio boleado pendente e decorado com uma linha azul.

Na sondagem 7 apenas a partir da [705] se verificaram contextos que não foram remexidos. Foi nesta [UE] que foi encontrado um prato que tinha um bordo extrovertido com 24cm de diâmetro, lábio boleado inclinado para o exterior, perfil externo côncavo, base plana de assentamento discoidal. A estampa no seu verso permitiu identificá-lo como sendo um prato de loiça de Sacavém (pasta A8) de cronologia de 1886-1887 (nº 108; foto 49; estampas 2 e 4).

Este achado serviu de *terminus post quem* para datar este contexto onde surgem outras louças de mesa (nº109 e 111 a 116; fotos 189 a 191). Destacam-se outros pratos semelhantes ao indicado e dois fragmentos de açucareiro de forma ovoide (nº109 e 111), com bordo introvertido, lábio boleado, base côncava com pé anelar. Como os dois fragmentos são formalmente iguais é possível que pertençam à mesma peça, apesar de não ter sido possível realizar a sua colagem.

Não conseguimos associar o fragmento de bojo decorado com um elemento vegetalista em azul a este conjunto (nº110; foto 189).

Foram também encontrados fragmentos de cerâmica vidrada correspondente a três alguidares, dois tachos e uma frigideira com uma cronologia estimada do séc. XIX (nº117 a 121; fotos 53 e 54). Entre estes fragmentos predominam os lábios boleados e os bordos extrovertidos.

Foram identificados também dois fragmentos de azulejo de cronologias distintas (de 1740-1790 e de 1490-1550) (nº 125, 126 e foto 57). O facto de não se identificar um número mais significativo deste tipo de ocorrência leva a que seja pouco provável que provenham da demolição das igrejas próximas.

A presença de cerâmica comum nesta [UE] era bastante diminuta, sendo apenas identificados dois elementos: um lábio com asa, pertencente a um pote e uma asa de forma indeterminada (nº122, 123 e foto 55).

Distingue-se igualmente a recolha de um numisma – um ceitil de D. Manuel I (nº127 e foto 58).

Na [709] foram recolhidos fragmentos cerâmicos que poderão corresponder a cerâmica comum de cronologia medieval islâmica (nº 102 a 106; fotos 45 a 47). O conjunto é maioritariamente constituído por panelas e um púcaro, destacando-se a presença de um aquamanil que apresenta perfil completo, produzido em pasta A7. Este exemplar (nº 102, foto 45 e estampa 2) assemelha-se a um indivíduo identificado em Santarém por A. Arruda e C. Viegas (1999: 129, n.º 12). Tem um bordo introvertido com banda decorativa e 3cm de diâmetro, lábio boleado trilobado, asa oval que arranca no bordo e termina no ombro, duas caneluras decorativas no ombro, base plana de assentamento discoidal e apresenta vestígios de fuligem.

Os outros fragmentos deste conjunto (correspondentes a panelas) também apresentam similaridades com peças identificadas nesta cidade pelas autoras acima referidas (*ibid*: 129, n.º1, 4, 9) provenientes do Corte 2. Apesar de este nível cobrir a estrutura negativa [713], não é possível relacionar estas peças com o preenchimento desta.

6. Análise dos resultados obtidos

Os resultados obtidos a partir desta intervenção são relativamente elucidativos quanto à ocupação desta parte da cidade de Santarém. Ao mesmo tempo, levantam também outras questões quando particularmente cruzadas com o anteriormente estabelecido por outros autores.

Começando pelo arco [109] identificado na sondagem 1, denota-se que este teria dimensões bastante generosas para estar integrado num edifício residencial. O próprio cunhal [1103] que lhe está associado indica a presença de um imóvel massivo, sendo pouco provável pertencer a um edifício religioso dada a proximidade das igrejas de S. Julião e S. Lourenço. De acordo com o traçado de muralhas estabelecido por Ângela Beirante (1980: 21) (Figura 13), seria possível imaginar a presença, neste local, de uma torre de cronologia medieval. A argamassa de cal utilizada na sua construção é diferente das outras identificadas e assume algumas características comuns com ligantes dessa cronologia (Damas *et al.*, 2016: 3; Melo e Ribeiro, 2012: 141; Veiga, 2012: 21). Contudo, não existem documentos que indiquem a presença de uma torre neste local.

Aliás, o facto do Vale de Torres delimitar o terreno a Este torna essa opção pouco provável. Mário Cardoso (2001: 86) menciona que na proximidade da Igreja de São Lourenço existia uma torre, mas não especifica a sua localização, de maneira que é difícil determinar a que estrutura o autor se está a referir – se a uma das torres do Vale de Torres ou a uma outra torre localizada nas proximidades.

Do ponto de vista militar a muralha de Santarém formava uma cerca aberta. Quer isto dizer que era uma obra de fortificação adaptada à topografia do terreno e só existente na área que fazia sentido defender, suportada por outras construções militares localizadas em áreas estratégicas e de modo a garantir a máxima segurança pelo menor custo construtivo (Custódio, 2002: 414). O Vale de Torres, assim designado porque “da Alcáçova aos Capuchos havia torres” (Custódio, 2002: 414), seria uma destas áreas onde construções militares suprimiam a necessidade de uma muralha. Adicionalmente, a sua proteção foi realizada com reparos efectuados na muralha que fechava o vale junto ao sopé do monte da Alcáçova (Cardoso, 2001: 127) e nunca foi protegido no seu perímetro superior por muralhas (Cardoso, 2001: 144).

Ao longo do tempo e até aos dias de hoje, sucessivos deslizamentos de terra no Vale de Torres, têm ocasionado desmoronamentos neste local (Cardoso, 2001: 176). Isto é relevante pois pode ter explicação na conjugação de propostas sobre o traçado de muralha avançadas por M. Cardoso (2001: 207) e Maria Ângela Beirante (1980: 21). Esta autora aponta para a existência de uma sobreposição entre o traçado da muralha e a fina parede actual que delimita o terreno a Este (Figura 13). É difícil acreditar que a parede actual consiga suportar aquele volume de terra sem ter um bom alicerce. Esse embasamento poderá ser a referida muralha. Este fenómeno acontece com as habitações suportadas pelos vestígios do troço de muralha que vai para além do outeirinho, na direção do cemitério (Cardoso, 2001: 85). Tal situação poderá vir a reforçar consideravelmente a hipótese de Maria Ângela Beirante quanto ao traçado da muralha de Santarém.

Também é importante realçar a importância da picagem das paredes no contexto da arqueologia urbana, por permitir identificar a reutilização de elementos de alvenaria. Apesar de não ter sido necessário para identificar o arco da sondagem 1 ([109]), a picagem parietal da sondagem 11 permitiu identificar o cunhal que lhe equivalia cronologicamente. Tal equivalência baseia-se na argamassa de cal branca de cronologia medieval (Damas *et al.*, 2016: 3; Melo e Ribeiro, 2012: 141; Veiga, 2012: 21) utilizada tanto no arco [109] como no cunhal [1103] e que não foi utilizada em nenhuma outra estrutura presente na área do anexo 2. Isto indica que muito provavelmente

não se tratava de um palimpsesto e comprova as generosas dimensões do edifício a que ambos pertenciam.

É importante notar que o arco assentava no nível geológico. Apesar de se ter escavado todo o espaço que lhe encosta a Norte, não foi detectada nenhuma vala fundação ou o nível de construção correspondente. O interface [112] corresponde ao interface de fundação do arco de sustentação [104]. Conjugando esta noção com o desnível no terreno verificado pela sondagem parietal 12 é possível afirmar que grande parte das [UE's] da sondagem 1 seriam posteriores ao entaipamento do arco.

Não obstante, o estrato inferior que assenta directamente no geológico [108] conta com espólio cronologicamente associado ao período islâmico ou medieval pleno. A presença quase exclusiva de cerâmica comum não permite refinar e esclarecer esta proposta cronológica. No entanto, a presença de fragmentos de faiança na parte superior desta [UE] sugere uma datação mais tardia, do século XVI/XVII.

Para o estrato [105] temos um bom indicador cronológico. Este depósito datará de período posterior a 1885, tendo em conta a presença da moeda de X Reis e não obstante os ceitis (do séc. XVI) aqui recolhidos.

O arco de sustentação [104] não aparenta estar relacionado com nenhuma das [UE's] correspondentes ao edificado atual. A sua presença parece ser indicativa de alguma instabilidade no terreno que não pode ser comprovada de momento dada a exiguidade do espaço intervencionado.

Na sondagem 3, para além de significativa quantidade de fauna malacológica foram também identificados dois pesos de pesca encontrados em [301]. Estes dados ajudam a suportar a ideia de que este logradouro possa ter sido aterrado com terra originária da lezíria. M. Viana (2007: 127) coloca as igrejas de S. Julião e de S. Lourenço nos arrabaldes planálticos, uma área que estaria desnivelada algumas dezenas de metros, reforçando a hipótese de existência de um grande aterro para nivelar este local.

É possível que [305] corresponda a um pavimento, apesar de ser pouco provável. A sua identificação nos últimos 30 cm do lado Sul impediu que fosse averiguada a totalidade da sua extensão. A pendente para Este, na direção do muro, parece indicar mais fortemente que seria uma estrutura de drenagem hidráulica. Contudo, o muro que delimita o terreno a Este não

apresenta quaisquer aberturas através da qual a água possa escoar. Sem a picagem do mesmo, para verificar se este foi entaipado posteriormente, tal torna-se impossível de comprovar.

É nesta sondagem que temos um exemplo claro do trabalho que um arqueólogo exerce na vertente da arqueologia preventiva: a localização da piscina é ligeiramente alterada de modo a evitar a destruição daquela ocorrência arqueológica. A realização de sondagens de diagnóstico prévias à execução de obra tornou isso possível. Existe assim um compromisso entre a procura do conhecimento arqueológico e a proteção dos interesses do promotor da obra. No entanto e neste caso, tal solução compromete a produção do conhecimento arqueológico, pois sem o alargamento da sondagem é impossível identificar com certeza ao que é que corresponde [305].

Na sondagem 5, a estrutura negativa [504] aparenta corresponder a um silo, semelhante ao que é comum ser encontrado escavado no substrato geológico de Santarém. Contudo, não tendo sido escavado torna-se arriscado avançar com essa interpretação e associar uma possível cronologia. Apesar disso, é possível afirmar que este antecederá o aterro realizado neste terreno.

Na sondagem 6, apesar das perturbações causadas pelo sistema de drenagem de águas pluviais contemporâneas, foi possível caracterizar o primeiro momento de construção da casa principal e datá-lo de época Contemporânea, tendo em conta os materiais exumados em [612]. Para além disso, pode ser atribuída a cronologia moderna as estruturas identificadas como [613] e [615], devido à utilização de uma argamassa de cal e areão na sua alvenaria (Damas *et al.*, 2016: 12; Fontes *et al.*, 2020: 7; Veiga, 2012: 22). A infraestrutura [614] terá uma cronologia medieval devido à argamassa de cal utilizada na estrutura (*ibid.*). Foi, contudo, impossível de determinar a que correspondiam as estruturas identificadas, particularmente a de época medieval, que não foi delimitada na sua totalidade.

Os restos dos azulejos identificados na [612] não são correspondentes com a cronologia das igrejas (um tem uma cronologia de 1600-1700, o outro uma cronologia de 1750-1790), de modo que é pouco provável que provenham do derrube das mesmas (a não ser que nelas tenham sido colocados novos azulejos posteriormente à sua construção). A escassa ocorrência deste tipo de vestígios no local torna também esta hipótese pouco plausível.

Os resultados obtidos a partir da sondagem 7 foram aqueles que mais cimentaram a cronologia inicial de construção do edifício principal, particularmente os encontrados na [705]. As [UE's] superficiais seguiam a norma já constatada nas outras sondagens realizadas próximas do edifício

principal, apresentando materiais com cronologias contemporâneas com pouco valor arqueológico.

Os fragmentos de alguma louça de mesa (especificamente loiça de Sacavém) identificados na [705], apresentam uma cronologia restrita (entre 1886-1887), próxima da data da construção do edifício principal (cerca de 1890). Foi possível determiná-la graças à estampa presente no fundo da peça completa. É bastante provável que tivessem sido descartados neste local durante o processo de construção da casa. Esta teoria pode ser estendida aos restantes fragmentos de cerâmica aqui recolhidos, bem como ao numisma identificado nesta [UE] (um Ceitil de D. Manuel I) que deverá corresponder a uma qualquer movimentação de terra que aqui terá ocorrido.

Os materiais provenientes de [709] pré-datam a construção do edifício, apresentando também uma cronologia mais restrita. A presença de um aquamanil com lábio trilobado e outros fragmentos com paralelos noutros conjuntos exumados em Santarém (Arruda e Viegas, 1999: 129, nº 12) aponta para uma cronologia medieval islâmica.

Nesta sondagem também foram identificadas duas estruturas em negativo escavadas no substrato geológico. A localizada no lado norte da sondagem (ue 710) corresponde a um possível silo sobre o qual foi construído um arco de sustentação ([708]) que suportava o peso do edifício atual. A argamassa do mesmo sugere que possa ser de cronologia moderna (Damas *et al.*, 2016: 12; Fontes *et al.*, 2020: 7; Veiga, 2012: 22), sendo possível que tivesse sido reaproveitado para a construção do edifício contemporâneo.

Este possível silo, bem como a outra estrutura negativa (ue 713), não foi escavado devido às orientações (e política seguida) pela extensão de Torres Novas da DGPC, que valoriza a conservação *in situ*. A afectação neste local seria apenas cerca de +10cm, contudo a sua escavação truncaria o contexto do silo e dificultaria o trabalho de futuros arqueólogos que realizem intervenções no local. Um silo corresponde a uma realidade que tem mais valor quando analisada na sua totalidade. A escavação integral até ao nível arqueologicamente estéril permite fazer uma caracterização completa das realidades arqueológicas e a sua conservação através do registo, contudo acarreta custos acrescidos para o promotor da obra e a destruição das referidas evidências.

A arqueologia parietal costuma ser o parente pobre da arqueologia urbana. Contudo, a realização de sondagens parietais compõe uma mais-valia. Para além de permitir caracterizar as técnicas de

construção e as diferentes fases construtivas do edifício, permite ainda (e entre outras coisas) verificar a reutilização de elementos de alvenaria na construção de edifícios. As sondagens parietais a realizar durante esta intervenção tinham como objetivo verificar se existiam elementos das antigas igrejas reaproveitados para a construção do edificado atual. Apesar de tal não se ter vindo a comprovar, as sondagens parietais realizadas providenciaram, ainda assim, uma melhor compreensão da área da intervenção, particularmente da área correspondente ao anexo 2.

A sondagem parietal 11, tal como já foi referido, teve uma importância crucial, pois permitiu provar que o arco da sondagem 1 se encontrava *in situ*, ao revelar um cunhal de generosas dimensões e com uma alvenaria com características iguais às do arco. Através desta sondagem também foi possível observar várias fases de ocupação do edificado. Através da observação da sua alvenaria podemos verificar que o edifício construído utilizando o cunhal medieval tinha tido, a dado ponto, uma janela e uma porta voltadas para o interior do terreno. Adicionalmente é possível especular que a construção do edificado e o entaipamento da porta e da janela ocorreu em período moderno, devido às características da argamassa utilizada.

A sondagem parietal 12 também revelou informações relativas ao arco detectado, na medida em que permitiu verificar a espessura do mesmo, comprovar o desnível no terreno relativamente ao local onde foi realizada a sondagem 1 e verificar que a argamassa utilizada para a sua construção (argamassa de cal medieval e a utilizada no seu entaipamento (argamassa de cal e areão, de cronologia moderna) era equivalente com a realidade existente do outro lado da parede.

Por último, verificou-se que a teoria preconizada por Jorge Gaspar e que mais tarde foi perfilhada por José Manuel Garcia, que estabelece que o cruzamento das atuais ruas Capelo e Ivens, Miguel Bombarda, João Afonso e 1º de Dezembro criam um plano ortogonal, o que indicaria a presença romana fora da Alcáçova e que o *Cardo* passaria próximo do sítio da intervenção (Gaspar, 1975; Garcia, 1977 *apud* Viana, 2007: 53) não pode ser comprovada. Assim sendo, o paradigma estabelecido pela teoria mais comumente reconhecida para ocupação de Santarém durante o período romano (Alarcão, 2002: 37; Arruda e Viegas, 2014: 242), continuará em vigor.

7. Considerações finais

A realização do estágio e posteriormente do respectivo relatório responderam ao inicialmente previsto quando este foi escolhido como opção para terminar o presente ciclo de formação académica do mestrando. O enquadramento e natureza da intervenção realizada constituíram um excelente contexto de aprendizagem, quer pela complexidade arqueológica do local onde foi realizada, como pela diversidade de actividades a efectuar durante os trabalhos. Os desafios e contextos de trabalho incitaram o desenvolvimento de conhecimentos e uma percepção da actual prática da arqueologia empresarial. As tarefas desempenhadas em campo e no laboratório permitiram ainda um maior enriquecimento da compreensão da dinâmica ocupacional da área da cidade de Santarém.

Pode considerar-se que as motivações que conduziram à sua realização foram assim, concretizadas. A realização do estágio compôs uma experiência de aprendizagem diferente e bastante gratificante, num âmbito de actuação arqueológica distinto do experienciado até ao momento através da realização de diversas actividades que integram o trabalho do arqueólogo, desde a actuação em campo aos trabalhos de gabinete.

A realização das actividades propostas foi sempre apoiada e acompanhada pelos elementos da equipa da ArqueoScallabis. Esta também teve a preocupação de proporcionar os ambientes apropriados à aquisição e desenvolvimento de técnicas e conhecimentos metodológicos e logísticos de escavação e noções acerca do funcionamento da prática empresarial da arqueologia.

Assim sendo, realça-se a contribuição que a arqueologia de acompanhamento de obras tem para a proteção do património e desenvolvimento da arqueologia em geral. Tendo os achados efectuados durante o âmbito deste estágio como exemplo, verificamos que o traçado medieval estabelecido por autores anteriores tem falhas, criadas pela existência do arco pertencente a um edifício medieval militar, presente na sondagem 1. Como tal, passa a ser necessário realizar uma reavaliação dos mesmos. Tal descoberta teria sido impossível sem o contributo da arqueologia de acompanhamento de obras.

Adicionalmente, é necessário notar a importância das sondagens parietais, pois permitiram verificar que o arco se encontrava *in situ*. Apesar de serem frequentemente menosprezadas durante a realização de trabalhos de arqueologia urbana, o seu valor é tremendo, sendo necessário apostar mais neste tipo de intervenção de futuro.

Destaco também a importância do diálogo com a tutela e com o promotor da obra, que neste caso permitiu a conservação de várias estruturas *in situ* ou, no caso do arco, permitirá a realização de um palimpsesto na parede Norte do anexo 2, que servirá na mesma como forma de conservação, para além de ser uma mais-valia para o promotor, pois aumenta o valor do imóvel. Aprendizagem deste tipo de conhecimentos é difícil em contexto meramente teórico, sendo necessária a experiência no terreno para a sua aquisição.

Termino assim, destacando o verificável potencial arqueológico deste local, comprovado pela realização desta intervenção e coincidente com o já anteriormente estabelecido por outros autores. Durante este trabalho foram identificadas várias estruturas (nomeadamente [305], [503, [614], [710] e [713]) que, apesar de não terem sido escavadas na sua totalidade, foram registadas de modo a facilitar e a incentivar futuros trabalhos neste local. As estruturas e os vários materiais encontrados permitem também traçar momentos distintos de ocupação do local, coincidentes com o que já fora estabelecido por outros autores.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

ALARCÃO, Jorge (2002) – “Scallabis e o seu território”, In ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; ALMEIDA, M. J. (Eds.), *De Scallabis a Santarém*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 37-46.

ALMEIDA, Maria (2002a) – “O Planalto de Marvila e os núcleos ribeirinhos”, In ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; ALMEIDA, M. J. (Eds.), *De Scallabis a Santarém*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 83-92.

ALMEIDA, Maria (2002b) “Santarém, a cidade e os homens: arqueologia 25 anos depois”, In ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; ALMEIDA, M. J. (Eds.), *De Scallabis a Santarém*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 61-66.

ARRUDA, Ana (2002a) – “De Scallabis a Santarém”, In ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; ALMEIDA, M. J. (Eds.), *De Scallabis a Santarém*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 7-10.

ARRUDA, Ana (2002b) – “A alcáçova de Santarém e os fenícios no estuário do Tejo”, In ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; ALMEIDA, M. J. (Eds.), *De Scallabis a Santarém*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 29-36.

ARRUDA, Ana (2005) – “O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século”, Lisboa. *O Arqueólogo Português*, Série IV.23, pp.9-156.

ARRUDA, Ana (2018) – “A Idade do Ferro”. In MATIAS, A. (Coord.), *Santarém, Carta Arqueológica Municipal*, Santarém, Município, pp. 112-117. (consultado em <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/35000/1/CARQSANTAREM1.pdf> a 24/03/2023).

ARRUDA, Ana; ALMEIDA, Rui (1998) – “As ânforas da classe 32 da Alcáçova de Santarém: (Campanhas de 1983-1991)”, Coimbra. *Conimbriga*. 37, pp. 201- 231.

ARRUDA, Ana; CATARINO, Helena (1982) – “Cerâmica da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém”, Lisboa. *CLIO- Revista de História da Universidade de Lisboa*. 4, pp. 35-39.

ARRUDA, Ana; VIEGAS, Catarina (2002) – “A Alcáçova”, In ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; ALMEIDA, M. J. (Eds.), *De Scallabis a Santarém*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp.73-81.

ARRUDA, Ana; VIEGAS, Catarina (2014) – “Santarém durante a Época Romano-Republicana”, *Cira Arqueologia*, Vila Franca de Xira. 3, pp. 242-255.

ARRUDA, Ana; VIEGAS, Catarina & ALMEIDA, Maria (2002) – “Ocupação do Espaço”, In ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; ALMEIDA, M. J. (Eds.), *De Scallabis a Santarém*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 69-72.

BARRADAS, Elisabete; BORGES, Néelson (no prelo) – *Acompanhamento Arqueológico no Largo de S. Julião*, Centro Histórico de Santarém, Relatório de Trabalhos Arqueológicos.

BARREIRO, Rui (2004) – “Nota de apresentação”. In AMADO, C.; MATA, L. (Coords.), *Santarém e o Magreb – encontro secular (970-1578)*, Santarém, Câmara Municipal, pp.6-7.

BATATA, Carlos (2020) – “A Caminhar pela Arqueologia de Santarém”, In PACHECO, M.; NEVES, E. (Coords.), *Santarém: Arte, História e Património*, Santarém: Câmara Municipal, pp.26-40.

BEIRANTE, Maria (1980) – *Santarém Medieval*. Lisboa: Universidade Nova.

BEIRANTE, Maria (1981) – *Santarém Quinhentista*, Lisboa: Universidade Nova.

- BEIRANTE, Maria (1990) – “Santarém”, In MARQUES, A.; GONÇALVES, I.; ANDRADE, A. (Coords.), *Atlas das Cidades Medievais Portuguesas (Séculos XII-XV)*, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, pp.65-67.
- BEIRANTE, Maria (2006) – “Discurso de Encerramento”, In FERRÃO, H. (Coord.), *Santarém na Idade Média: actas do colóquio*, Santarém, Câmara Municipal, pp.11-12.
- BOAVIDA, Carlos; CASIMIRO, Tânia; SILVA, Telmo (2013) – “Silos Medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): estruturas e cultura material”, In ARNAUD, J.; MARTINS, A.; NEVES, C. (Eds.) *Arqueologia em Portugal- 150 anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 937-945.
- CARANDINI, Andrea (1991) – *Storie dalla Terra: manuale di scavo archeologico*, Torino: Giulio Einaudi editore.
- CARDOSO, Alberto (2013) – *A Ocupação Rural Islâmica no Baixo-Alentejo: os materiais do sítio dos Funchais 6 (Beringel)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Lisboa, Faculdade de Letras.
- CARDOSO, Mário (2001) – *As Muralhas de Santarém – interpretação e enquadramento histórico-arqueológico*. Santarém, Câmara Municipal.
- CARNEIRO, André (2002) – “Cerâmicas de Vidro: sobre um conjunto de faianças e porcelana chinesa provenientes de escavações na Casa do Brasil (Santarém)”, In ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; ALMEIDA, M. J. (Eds.), *De Scallabis a Santarém*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 113-128.
- CASIMIRO, Tânia (2013) – “Faiança Portuguesa: datação e evolução crono-estilística”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp.351-367.
- CASIMIRO, Tânia; SEQUEIRA, João (2016) – “Faiança Portuguesa dos Séculos XVI-XVIII recuperada no Tejo”. *Cira Arqueologia*, Vila Franca de Xira. 5, pp. 260-273.
- CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos; SILVA, Telmo; NEVES, Dário (2018) – “Ceramics and cultural change in medieval (14th-15th century) Portugal – The case of post-Reconquista Santarém”. *Medieval Ceramics*. 37, pp. 21-36.
- CASIMIRO, Tânia; GOMES, Jorge (2022) – “Formas e Sabores: alimentação e cerâmica em Portugal (séculos XVI-XVIII)”, *Conimbriga*. 61, pp. 259-294.
- CARVALHO, António (2018) – “A Pré-História recente”. In MATIAS, A. (Coord.), *Santarém, Carta Arqueológica Municipal*, Santarém, Município, pp. 104-111. (consultado em https://www.researchgate.net/profile/Antonio-Carvalho-30/publication/346611063_A_Pre-Historia_Recente_Carta_Arqueologica_de_Santarem/links/5fc95a8845851568d13a6b2b/A-Pre-Historia-Recente-Carta-Arqueologica-de-Santarem.pdf a 24/03/2023).
- CUSTÓDIO, Florindo (1977) – “Nota Introdutória”, In MARTINS, B. (Ed.), *Santarém a Cidade e os Homens*, Santarém, Junta Distrital, pp. 7.
- CUSTÓDIO, Jorge (1996a) - “Antecedentes Históricos”, In CUSTÓDIO, J. (Coord.), *Património Monumental de Santarém*, Santarém, Câmara Municipal, cap.1, pp. 15-38.
- CUSTÓDIO, Jorge (1996b) - “Património Classificado da Cidade de Santarém”, In CUSTÓDIO, J. (Coord.), *Património Monumental de Santarém*, Santarém, Câmara Municipal, cap.3, pp.45-136.
- CUSTÓDIO, Jorge (1996c) - “S. João do Alporão: Realidade e Transformação de um Museu”. *Cadernos de Sociomuseologia*. 8, nº8, pp. 37-62.

CUSTÓDIO, Jorge (1996d) – “A Paisagem da Abundância”. In CUSTÓDIO, J. (Coord.), *Santarém Cidade do Mundo*. 1, cap.1, Santarém, Câmara Municipal, pp.48-50.

CUSTÓDIO, Jorge (1996e) – “Santarém Espírito do Lugar”. In CUSTÓDIO, J. (Coord.), *Santarém Cidade do Mundo*. 1, cap.1, Santarém, Câmara Municipal, pp.23-37.

CUSTÓDIO, Jorge (2002) – “As Fortificações de Santarém- Séculos XII-XIII”. In FERNANDES, I. (Coord.), *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos, Palmela, Câmara Municipal, pp. 405-420.

DAMAS, Ana; VEIGA, Maria; FARIA, Paulina (2016) – “Caracterização de argamassas antigas de Portugal – contributo para a sua correta conservação”. In Menezes, M.; Rodrigues, J.; Costa, D. (Eds.), *Actas do Congresso Ibero-Americano “Património, suas Matérias e Imatérias”*. Lisboa, LNEC, pp.1-19 (consultado em https://www.researchgate.net/publication/309718294_Caracterizacao_de_argamassas_antigas_de_Portugal_-_Contributo_para_a_sua_correta_conservacao a 12/09/2023).

FONTES, Luís; SILVA, Luís; MAGALHÃES, Fernanda; MASCHADO, Diego; ALVES, Alexandrina; CATALÃO, Sofia (2020) – *Salvamento de Bracara Augusta. Reconstrução e ampliação de edifício na Praça d República, Nº1, Braga. Relatório Final*, Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M./ Memórias. 91, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

HARRIS, Edward (1989) – *Principles of Archaeological Stratigraphy*, 2nd edition, London-San Diego: Academic Press.

LIBERATO, Marco (2011) - *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras.

LIBERATO, Marco (2012) – “Novos dados sobre a paisagem urbana da Santarém medieval (séculos V-XII): a necrópole visigoda e islâmica de Alporão”. *Medievalista Online*, nº11, pp.1-23. (consultado em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt/index.php/medievalista/article/view/293/280> a 19/12/2022).

LIBERATO, Marco (no prelo) – “Uma imagem em construção: funções urbanas e materialidades em Santarém durante a alta Idade Média”. In MATIAS, A. (Coord.), *Santarém, Carta Arqueológica Municipal*, Santarém, Câmara Municipal.

LIBERATO, Marco; SANTOS, Helena (2017) – “Evolução da Estrutura Urbana de Santarém entre os séculos VIII e XIII: uma análise macroscópica a partir da localização das necrópoles islâmicas”. *Arqueologia em Portugal 2017- O estado da questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1393-1403.

LUCIANO, Vanda (2020) - “Arqueologia em retrospectiva os importantes vestígios arqueológicos em Santarém”. In CUSTÓDIO, J.; DUARTE, J. (Eds.), *Santarém: rumo e itinerário histórico- 150 anos de cidade*, Associação Mais Santarém, pp.16-21.

MARTINS, Bertino; CUSTÓDIO, Florindo; MOREIRA, João; CUSTÓDIO, Jorge; PEREIRA, José; CARDOSO, Mário (1977) - “A Defesa do Património Municipal”, In MARTINS, B. (Ed.), *Santarém a Cidade e os Homens*, Santarém, Junta Distrital, pp.163-171.

MATA, Luís (1996) – “Casa-Memória dos Navegadores Scallabitanos e do Brasil”. In CUSTÓDIO, J. (Coord.), *Património Monumental de Santarém*, Santarém, Câmara Municipal, cap.4, pp. 153-154.

MATIAS, António (2013) – *Cemitério/ Convento dos Capuchos Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos*, Santarém, Câmara Municipal. Relatório Final apresentado à D.G.P.C.

MATIAS, António (no prelo) – *Carta de Sensibilidade Arqueológica*, Santarém, Câmara Municipal, Relatório Final apresentado à D.G.P.C.

MELO, Arnaldo; RIBEIRO, Maria (2012) – “Os materiais empregues nas construções urbanas medievais. Contributo preliminar para o estudo da região do Entre Douro e Minho”. In MELO, A.; RIBEIRO, M. (Coords.) *História da Construção: Os Materiais*, Braga, Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, pp.127-166.

MENDES, Henrique; ALMEIDA, Maria (1999) – *Rua Tenente Valadim nº14*, Relatório de Trabalhos Arqueológicos, Santarém, Câmara Municipal.

MENDES, Henrique; PIMENTA, João; VALONGO, António (2002) – “Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira nº 21 – Centro Histórico de Santarém”. *Revista de Portuguesa de Arqueologia*. 5, nº1, pp. 259-276.

PEREIRA, Álvaro; SANTOS, Ana; OLAIO, Ana; LOPES, André; VAGUEIRO, Cátia; SANTOS, Filipa; NOGUEIRA, Gonçalo; MONTEIRO, Nuno; ABADE, Pedro (2013/2014) – *Arqueologia urbana e divulgação: estado da arte e comparação entre as cidades de Santarém e Coimbra*, Lisboa, Faculdade de Letras.

PEREIRA, Telmo (no prelo) – “O Paleolítico”. MATIAS, A. (Coord.), *Santarém, Carta Arqueológica Municipal*, Santarém, Câmara Municipal.

PIRES, Eva (2021) – “O Quotidiano em Vila Franca de Xira nos Séculos XV e XVI”. *Cira Arqueologia*. 8, Vila Franca de Xira, pp.11-149.

REIS, Ana (2021) – *Tradição e Inovação Tecnológica e Cultural nos inícios do século XIX: Análise do sítio arqueológico dos Paços do Concelho (Almada)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa.

RODRIGUES, José; CUSTÓDIO, Jorge (1996a) – “Hipótese de Ocupação Humana na Pré e Proto-História”. In CUSTÓDIO, J. (Coord.), *Santarém Cidade do Mundo*. 1, cap. 3, Santarém: Câmara Municipal, pp.171-176.

RODRIGUES, José; CUSTÓDIO, Jorge (1996b) – “Hipótese de Ocupação Humana na Época Romana- Scallabis Colonia”. In CUSTÓDIO, J. (Coord.), *Santarém Cidade do Mundo*. 1, cap.3, Santarém: Câmara Municipal, pp.176-184.

RODRIGUES, José-Augusto (2020) - “Santarém: permanências, persistências e transformações urbanas”. In CUSTÓDIO, J.; DUARTE, J. (Eds.), *Santarém: rumo e itinerário histórico- 150 anos de cidade*, Associação Mais Santarém, pp.70-81.

SANTOS, Helena; LIBERATO, Marco; PRÓSPERO, Ricardo (2013) – “Alterações urbanísticas na Santarém pós-medieval. A diacronia do abandono de uma rua no planalto de Marvila”. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. M. (Coords.), *Actas de Velhos e Novos Mundos, Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Centro de História do Além-Mar da Universidade de Lisboa e da Universidade dos Açores, pp.61-66.

SANTOS, Helena; LIBERATO, Marco (no prelo) – “A reafirmação da centralidade regional: Séculos X-XII”. In MATIAS, A. (Coord.), *Santarém, Carta Arqueológica Municipal*, Santarém, Câmara Municipal.

SANTOS, Nuno; LUCIANO, Vanda (no prelo) – *Relatório Final do acompanhamento arqueológico e da escavação da Travessa de São Brás*. Santarém, trabalho policopiado.

SANTOS, Nuno; CARNEIRO, António; SOUSA, Vanessa & ARRAIS, José (2020) – “Um metro Atrás e Não Apanhavas Nada! Resultados preliminares de uma sondagem arqueológica”. *Al-Madan Online*, nº 23, tomo 1, pp.18-25. (consultado em <https://issuu.com/almadan/docs/ao23-1> a 23/03/2023).

SILVA, André (2019) – *As cerâmicas medievais dos antigos Armazéns Sommer, em Lisboa (Sécs. XIII-XIV)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

SILVA, Ricardo (2014) – “A cerâmica dos níveis alto-medievais do fórum de *Aeminium* (MNMC, Coimbra)”. In DE MAN, A.; TENETE, C. (Coords), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal – séculos XI a XII*, IEM – Instituto de Estudos Medievais, pp. 79-97.

VAZ, Joaquim; SALGADO, Javier (1987/1988) – *Livro das Moedas de Portugal*, Barbosa e Xavier Lda., Braga.

VEIGA, Maria (2012) – “Argamassas de Alvenarias Históricas. Funções e Características”. In PINHO, F.; LÚCIO, V.; RODRIGUES, C.; RAMOS, A.; FARIA, P.; BAIÃO, M.; LOURENÇO, P.; VARUM, H.; NUNES, A.; MOURA, L. (Eds.) *Conferência Internacional sobre Reabilitação de Estruturas Antigas de Alvenaria*, Fundação da FCT/UNL, Lisboa, pp.17-27.

VIANA, Mário (2000) – “A Propriedade do Concelho de Santarém em 1500”. *Arquipélago História*, 2ª série. 4, pp. 551-584.

VIANA, Mário (2007) – *Espaço e Povoamento numa vila portuguesa (Santarém 1147-1350)*, Caleidoscópio, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa.

VIEGAS, Catarina; ARRUDA, Ana (1999) – “Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2, nº 2, pp.105-186.

VIEGAS, Catarina (1996) – “Proposta de Actuação e Funcionamento da Área da Arqueologia”. In CUSTÓDIO, J. (Coord.), *Santarém Cidade do Mundo*. 2, cap. 4, Santarém: Câmara Municipal, pp.17-27.

VIEGAS, Catarina; CUSTÓDIO, Jorge & MATA, Luís (1996) – “Fundamentação Histórica”. In CUSTÓDIO, J. (Coord.), *Santarém Cidade do Mundo*. 1, cap. 2, Santarém: Câmara Municipal, pp.59-94.

VIEGAS, Catarina (no prelo) – “Breves apontamentos sobre o período romano imperial e a Antiguidade tardia de Santarém”. In MATIAS, A. (Coord.), *Santarém, Carta Arqueológica Municipal*, Santarém, Câmara Municipal.

Legislação

18.ª Alteração – Aviso N.º 10627/221 - 2.ª Alteração ao Plano Director Municipal de Santarém no âmbito do RERAE Regime Extraordinário da Regularização de Atividades Económicas. (2021). Regulamento do Plano Director Municipal, Artigo 17.º. 2021-06- 08 pp.12,13.

Decreto-Lei n.º 164/2014, de 4 de Novembro - Diário da República n.º 213/2014, Série I de 2014-11-04, Artigo 4.º.

Decreto-Lei n.º426/89, de 6 de Dezembro, Diário da República n.º 116 - IIª Série B de 1989-12-06.

Anúncio n.º 13747/2012- Diário da República, 2.ª série - N.º 231 - 29 de Novembro de 2012.

Decreto-Lei n.º 140/2009, de 15 de Junho - Diário da República n.º 113/2009, Série I de 2009-06-15.

Webgrafia

Base de dados “Endovélico”.

(consultado em
<https://patrimoniiodgpc.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=5cb4735d7d7743a39a16d7269a753a4a> a 27/03/2023).

Base de dados “Endovélico” sobre a Escavação da Alcáçova de Santarém (1979).

(consultado em <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=122118> a 29/03/2023).

Câmara Municipal de Loures (2016) – *Fábrica de Loiça de Sacavém: Para uma história da faiança em Portugal*, Loures, Museu de Cerâmica de Sacavém.

(consultado em <https://www.cm-loures.pt/media/pdf/PDF20160811105823828.pdf> a 03/05/2023).

Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50'000, Folha 31-A Santarém.

(consultado em https://geoportal.ineg.pt/pt/dados_abertos/cartografia_geologica/cgp50k/31-A a 20/04/2023).

VIGÁRIO, Edgar (2017) – *Dois séculos de faiança portuguesa*, Publicação Autónoma.

(consultado em
https://www.academia.edu/17487186/Dois_s%C3%A9culos_de_faian%C3%A7a_portuguesa a 03/05/2023).

Cronologia dos principais momentos da azulejaria portuguesa

(consultado em <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/timeline/> a 03/05/2023).

ANEXOS

Anexos I- Registo Gráfico e Fotográfico da Intervenção

Anexos II- Inventário do Espólio Exumado

Anexos III- Registo fotográfico do Espólio

Anexos IV- Estampas

Anexos I- Registo Gráfico e Fotográfico da Intervenção

Anexos I

Distribuição dos sítios por tipos de ocupação do solo	Número de sítios
Agrícola	94
Baldio	26
Diverso	1
Florestal	35
Industrial	1
Pastoreio	3
Pedreira	19
Sem atribuição	20
Turismo	2
Urbano	258
Vário	2

Figura 9 - Contabilização da distribuição dos sítios arqueológicos de Santarém por ocupação do solo (Matias, no prelo)

Tipo de ameaças	Número de sítios
Abandono	42
Agentes climáticos	234
Agricultura	81
Areiro	1
Construção civil	360
Erosão fluvial	16
Florestação	45
Gado	4
Pedreira	29
Rede viária	11

Vandalismo	51
Vegetação	97

Figura 10 - Incidência dos tipos de ameaças detetadas nos sítios arqueológicos (Matias, no prelo)



Figura 11 - Posição da Área de Projecto relativamente ao Largo de S. Julião

Sítios arqueológicos próximos do local da intervenção

- Sítios arqueológicos
- Área de Projecto



Figura 12 - Sítios arqueológicos próximos da Área de Projecto

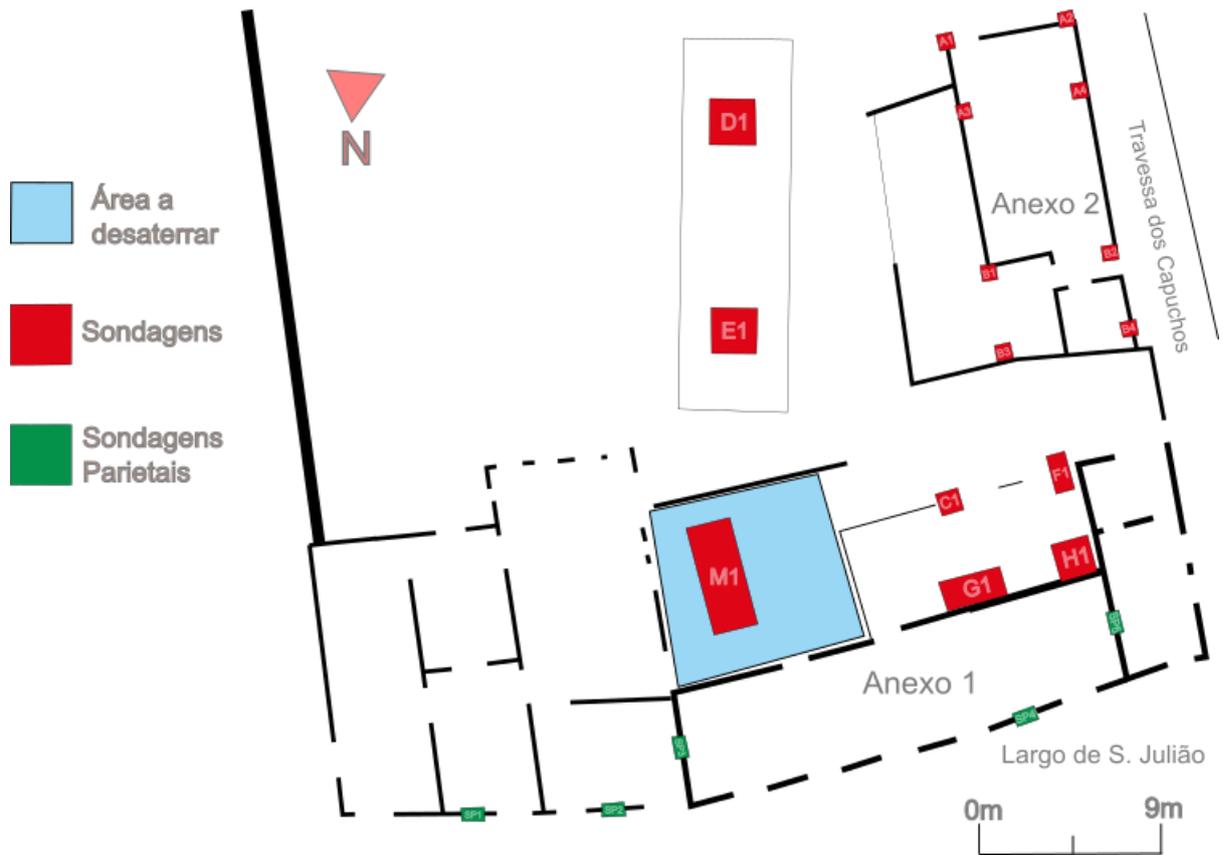


Figura 13 - Distribuição inicial das sondagens na Área de Projecto

Localização das sondagens na Área de Projecto

— Sondagens
— Área de Projecto



0 10 20 30 m

Autor: Miguel Jóia

Figura 14 - Posição das Sondagens na Área de Projecto

Traçado Medieval de parte da Cidade de Santarém



Figura 15 - Traçado Medieval de Santarém com localização das Igrejas de S. Julião e S. Lourenço (adaptado de: Beirante, 1990: 67)

Ficha de Unidade Estratigráfica



ARQUEO
SCALLABIS

Sítio [U.E.] _____ Projecto _____ Fase _____

[U.E.] _____ Sondagem _____ Ambiente _____ Quadrado _____ Nivel Artificial _____

Tipo _____ Natureza _____ Estrutura _____

DESCRIÇÃO

Orientação _____

Dimensões (C x L x A/E) _____

Estado de Conservação _____

Deturpação _____

INTERPRETAÇÃO

OBSERVAÇÕES

CRITÉRIOS DE DIFERENCIAÇÃO

Compactação _____ Crivagem _____

Cor _____ Malha _____

Estruturação _____ Nº Amostra [U.E.] _____

Outro _____ Nº Amostra Componentes _____

RELAÇÕES ESTRATIGRÁFICAS

Cobre _____

Coberta por _____

Enche _____

Cheia por _____

Equivale _____

Integra _____

Encosta a _____

Encostada por _____

Corta _____

Cortada por _____

Integrada em _____

COMPONENTE ORGÂNICA

COMPONENTE ARTEFACTUAL

COMPONENTE GEOLÓGICA

METODOLOGIA DIFERENCIADA DE ESCAVAÇÃO/ANÁLISE

CROQUI

GUIA DE PREENCHIMENTO

DEPÓSITOS: Tipo de Contexto (depósito, estrutura positiva/negativa); Descrição do Depósito (compactação, cor, homogeneidade); Composição (Argiloso, Arenoso, Humoso, Areno-Argiloso, Cascalho, Concheiro, etc); Deturpação (Raízes, Tocas Animais, maquinaria).

COMPOSIÇÃO ORGÂNICA: Fauna/Flora (Sementes, Ossos, Conchas, etc); **ARTEFACTUAL:** Cerâmica, Vidro, Mat. Construção, etc; **GEOLÓGICA:** Cálcarios, Xistos, Calcites, etc).

ESTRUTURA POSITIVA: Tipo (Parede, Muro, Piso, Alicerces, etc); Materiais de Construção (Alverania, Cantaria, etc) e sua dimensão genérica; Acabamento Pétreo (Afeiçãoado, Aparelhado, Sem acabamento, etc); Distribuição (Base, Miolo, Homogénea, Freqüente, etc); Ligante (Argamassa, Cimento, etc) e Elementos Reutilizados; Forma (Rectangular, Circular, Oval, Linear, Irregular, etc).

ESTRUTURA NEGATIVA: Tipo (Fossa, Sepultura, Silo, etc); Disposição (Diagonal, Paralelo, Circular, Antropomórfica, etc); Paredes (Rectas, Côncavas, Convexas, Regulares, Irregulares, etc); Secção Transversal e Longitudinal; Planta da Base.

Data e Ass. _____

Planos _____

Alçados _____

AS/RC/0003.vs1

Figura 16 - Exemplo da Ficha de [UE]

Sondagem 1



Figura 17 - Sondagem 1 Plano Inicial



Figura 18 - Sondagem 1 (Arco) (Secção)



Figura 19 - Sondagem 1 (Arco) (Secção)



Figura 20 - Sondagem 1 [101] - [103]



Figura 21 - Sondagem [104], [105]



Figura 22 - Sondagem 1 Plano Intermédio



Figura 23 - Sondagem 1 [100] (Alargamento)



Figura 24 - Sondagem 1 [103] (Alargamento)



Figura 25 - Sondagem 1 [105] (Alargamento)



Figura 26 - Sondagem 1 [105], [106], [107]



Figura 27 - Sondagem 1 (Arco) (Plano Intermédio) (Secção)



Figura 28 - Sondagem 1 (Arco) (Plano Intermédio) (Secção)



Figura 29 - Sondagem 1 [108]



Figura 30 - Sondagem 1 (extensão do Arco)



Figura 31 - Sondagem 1 Plano Final



Figura 32 - Sondagem 1 Plano Final (Arco)



Figura 33 - Sondagem 1 Corte Este (Pormenor)



Figura 34 - Sondagem 1 Corte Este



Figura 35 - Sondagem 1 Corte Oeste



Figura 36 - Sondagem 1 Corte Norte (Secção)



Figura 37 - Sondagem 1 Corte Norte (Secção)

Sondagem 2



Figura 38 - Sondagem 2 Plano Inicial



Figura 39 - Sondagem 2 Plano Final

Sondagem 3



Figura 40 - Sondagem 3 [301]



Figura 41 - Sondagem 3 [302]-[304]



Figura 42 - Sondagem 3 [302]-[303], [305]



Figura 43 - Sondagem 3 Corte Sul



Figura 44 - Sondagem 3 Corte Oeste



Figura 45 - Sondagem 3 Corte Norte



Figura 46 - Sondagem 3 Corte Este



Figura 47 - Sondagem 3 [305] (Pormenor)

Sondagem 4



Figura 48 - Sondagem 4 Plano Inicial



Figura 49 - Sondagem 4 [401]



Figura 50 - Sondagem 4 Plano Final

Sondagem 5



Figura 51 - Sondagem 5 Plano Inicial



Figura 52 - Sondagem 5 Plano Final



Figura 53 - Sondagem 5 Corte Este



Figura 54 - Sondagem 5 Corte Norte



Figura 55 - Sondagem 5 Corte Oeste



Figura 56 - Sondagem 5 Corte Sul



Figura 57 - Sondagem 5 (pormenor, estrutura negativa)

Sondagem 6



Figura 58 - Sondagem 6 Plano Inicial



Figura 59 - Sondagem 6 [600] - [602], [603]



Figura 60 - Sondagem 6 [602], [603], [604]



Figura 61 - Sondagem 6 [604] - [607]



Figura 62 - Sondagem 6 [604], [605], [607] - [610]



Figura 63 - [604], [605]; [609]



Figura 64 - Sondagem 6 [605] - [609], [611]



Figura 65 - Sondagem 6 [611]



Figura 66 - Sondagem 6 [612], [613], [615]



Figura 67 - Sondagem 6 [612] - [615]



Figura 68 - Sondagem 6 Plano Final

Sondagem 7



Figura 69 - Sondagem 7 Plano Inicial



Figura 70 - Sondagem 7 [700], [702] - [704]



Figura 71 - Sondagem 7 [703] - [706]



Figura 72 - Sondagem 7 [705]



Figura 73 - Sondagem 7 [707], [708]



Figura 74 - Sondagem [709]



Figura 75 - Sondagem 7 Plano Final



Figura 76 - Sondagem 7 Corte Norte



Figura 77 - Sondagem 7 Corte Este



Figura 78 - Sondagem 7 Corte Sul



Figura 79 - Sondagem 7 Corte Oeste

Sondagem 8



Figura 80 - Sondagem 8 Plano Inicial



Figura 81 - Sondagem 8 [801], [802]



Figura 82 - Sondagem 8 [801], [803] - [804]



Figura 83 - Sondagem 8 [801], [804]



Figura 84 - Sondagem 8 [804], [805]



Figura 85 - Sondagem 8 [801], [806], [807]



Figura 86 - Sondagem [807] - [809]



Figura 87 - Sondagem 8 Corte Norte



Figura 88 - Sondagem 8 Corte Este



Figura 89 - Sondagem 8 Corte Sul



Figura 90 - Sondagem 8 Corte Oeste

Sondagem 9



Figura 91 - Sondagem 9 (Parietal)

Sondagem 10



Figura 92 - Sondagem 10 (Parietal)

Sondagem 11



Figura 93 - Sondagem 11 (Parietal)



Figura 94 - Sondagem 11 (pormenor)



Figura 95 - Sondagem 11 (pormenor)



Figura 96 - Sondagem 11 (pormenor)

Sondagem 12



Figura 97 - Sondagem 12 (Parietal)

Desenhos dos Alçados

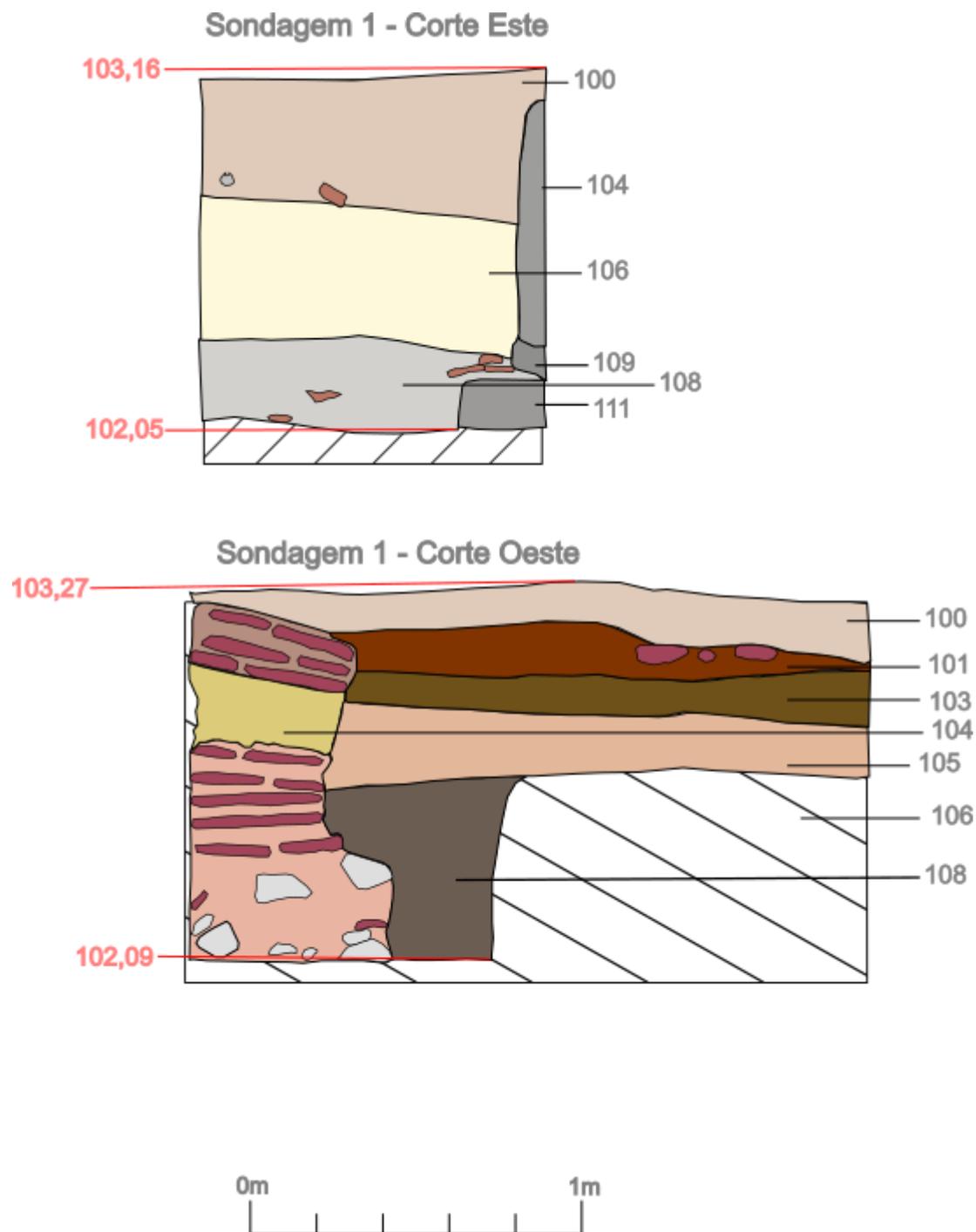


Figura 98 - Alçados da Sondagem 1

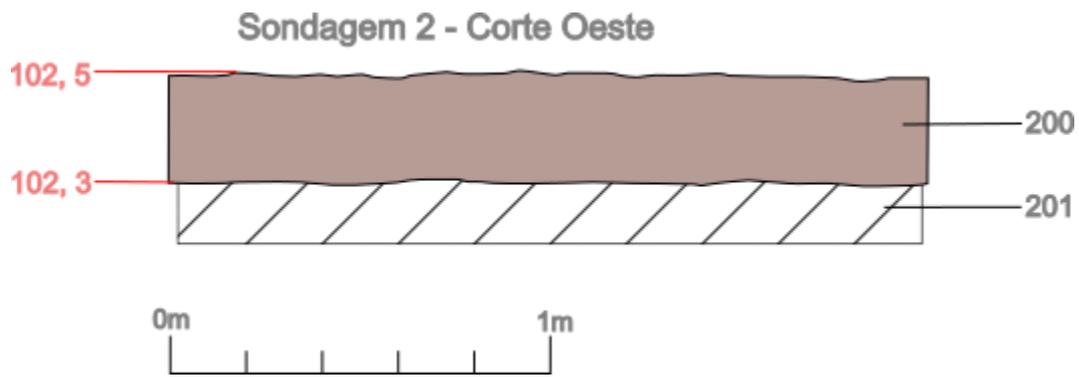


Figura 99 - Alçado da Sondagem 2

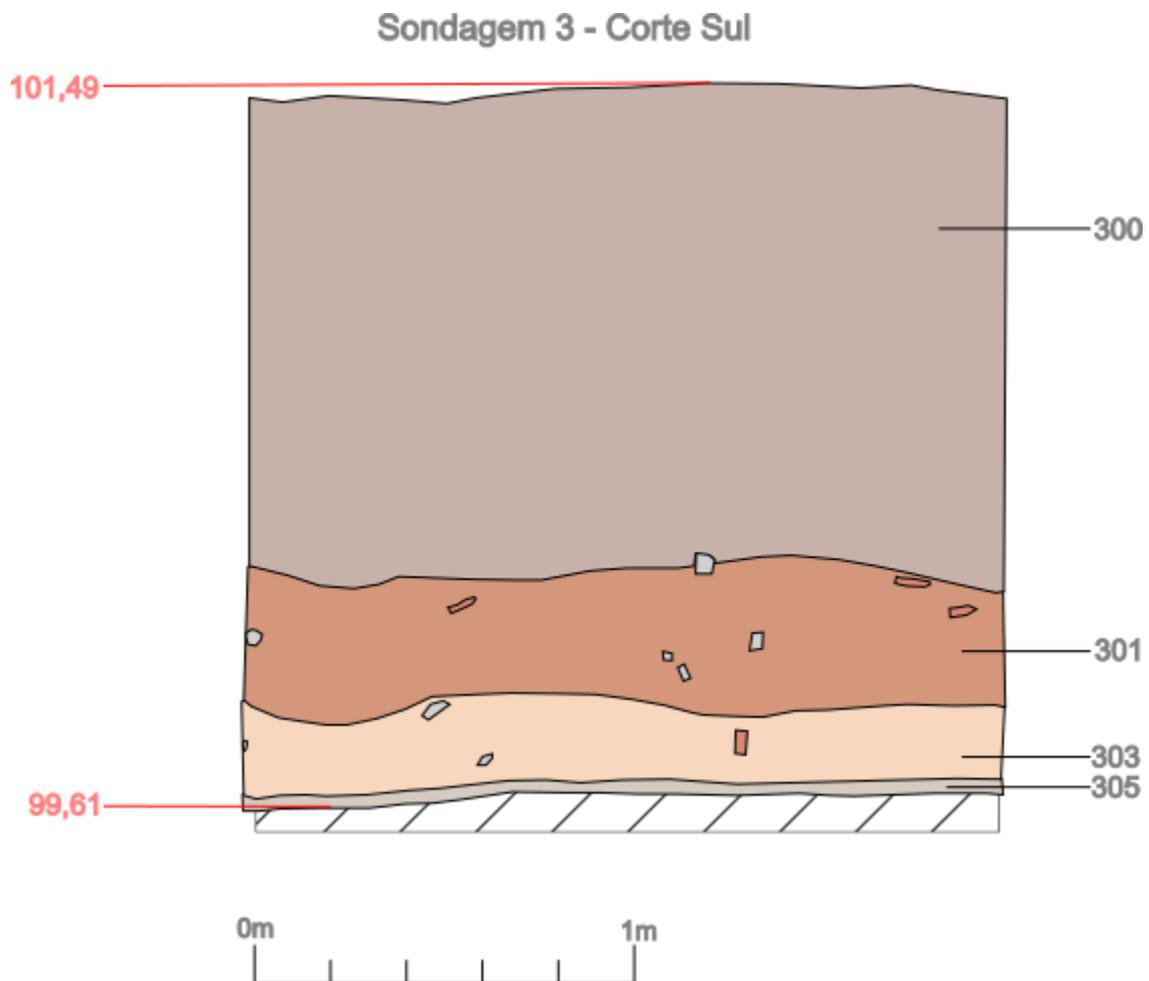


Figura 100 - Alçado Sul da Sondagem 3

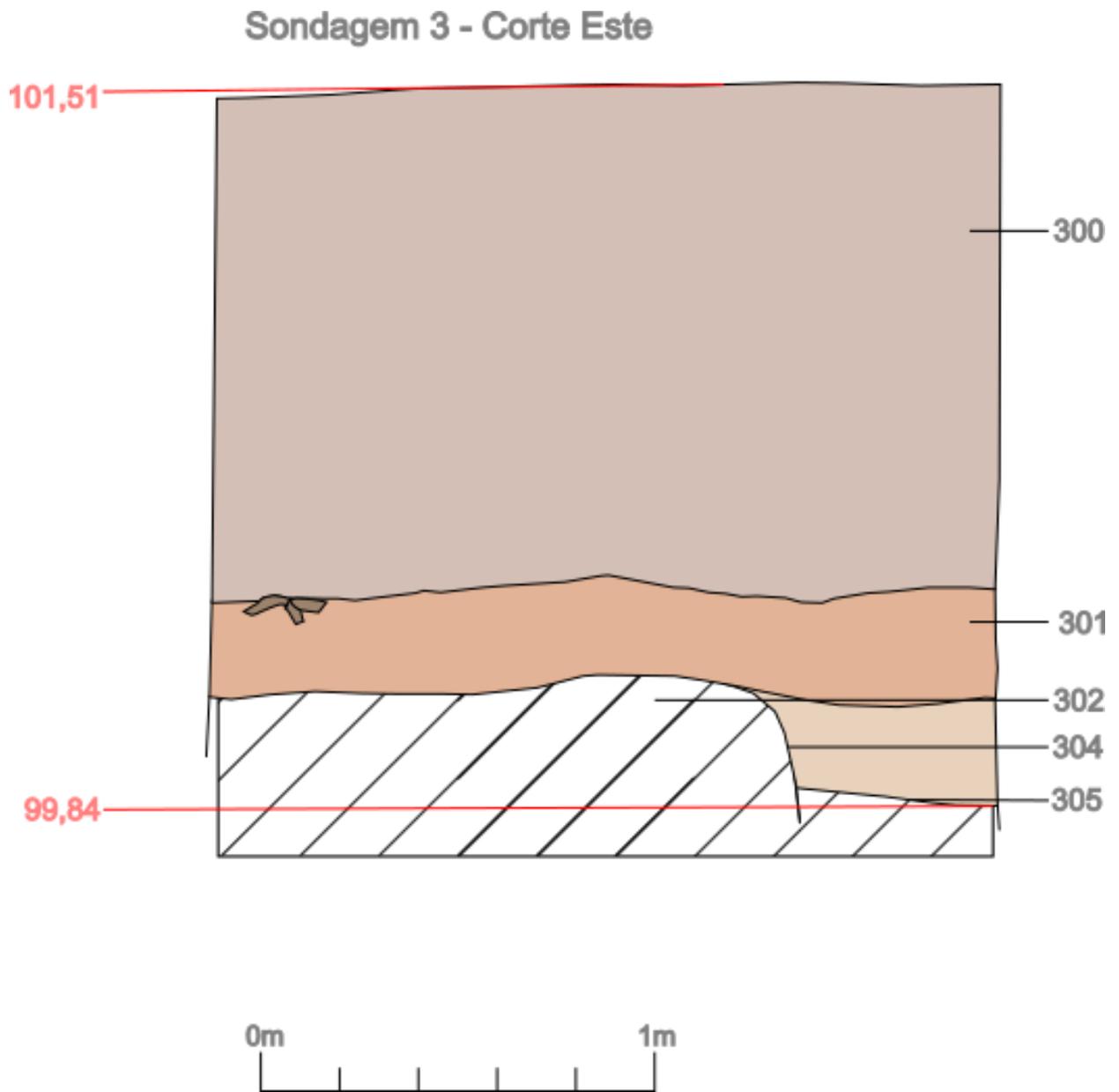


Figura 101 - Alçado Este da Sondagem 3

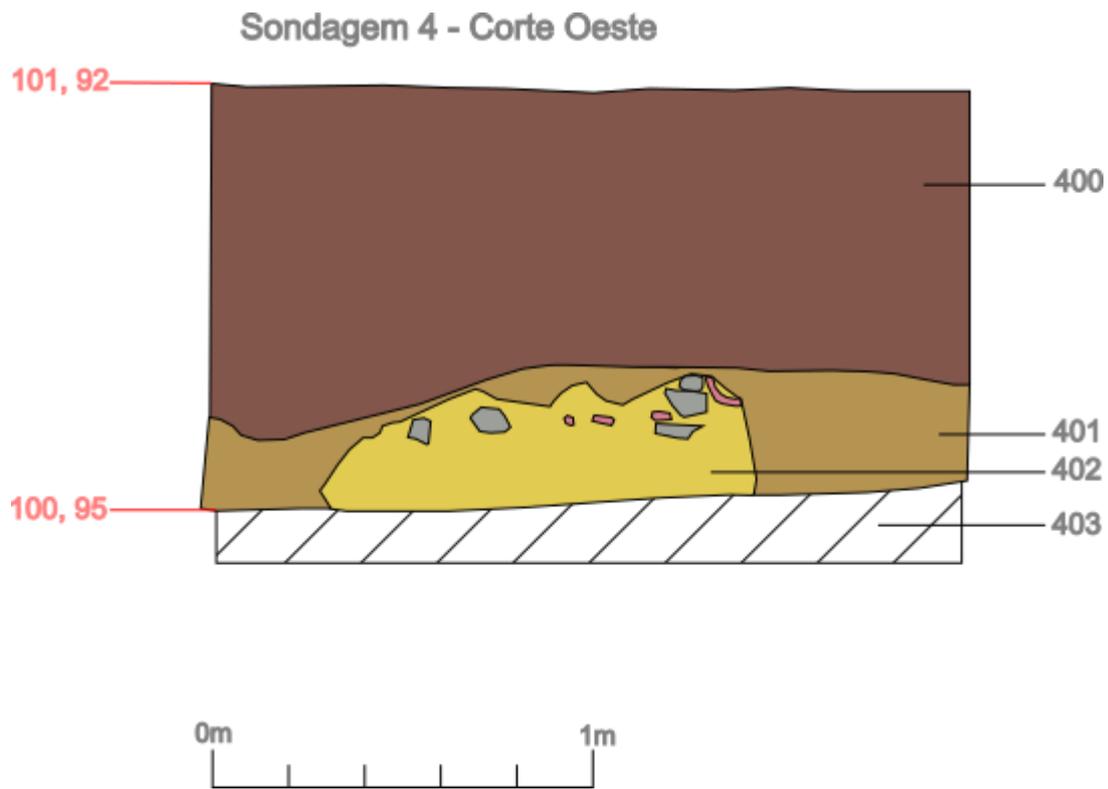


Figura 102 - Alçado Oeste da Sondagem 4

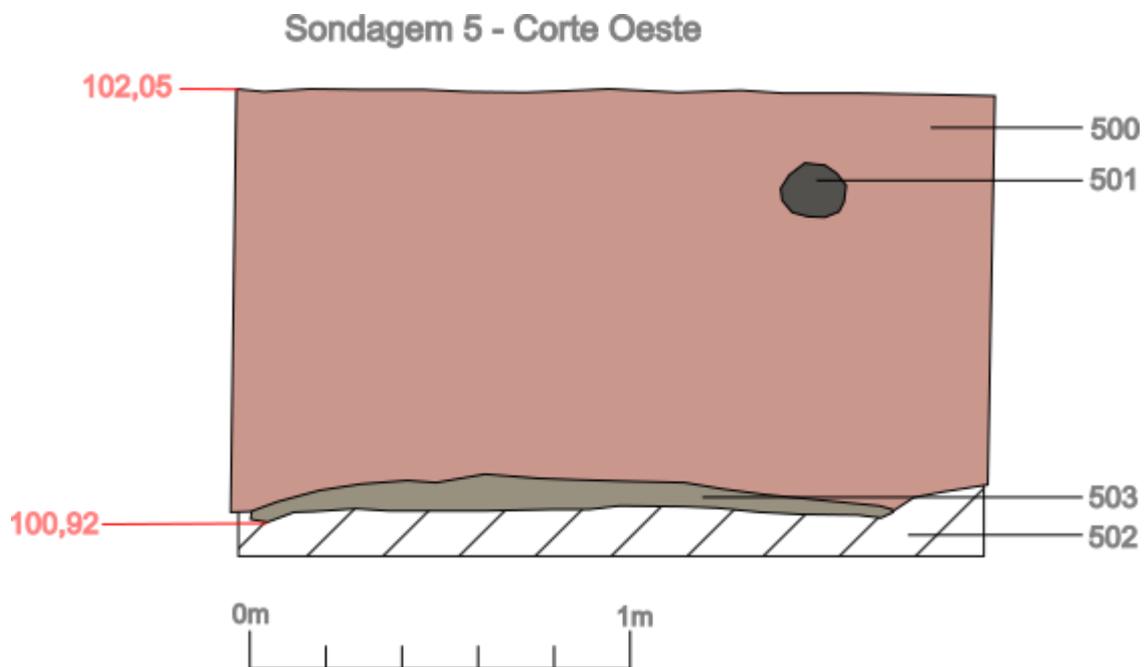


Figura 103 - Alçado Oeste da Sondagem 5

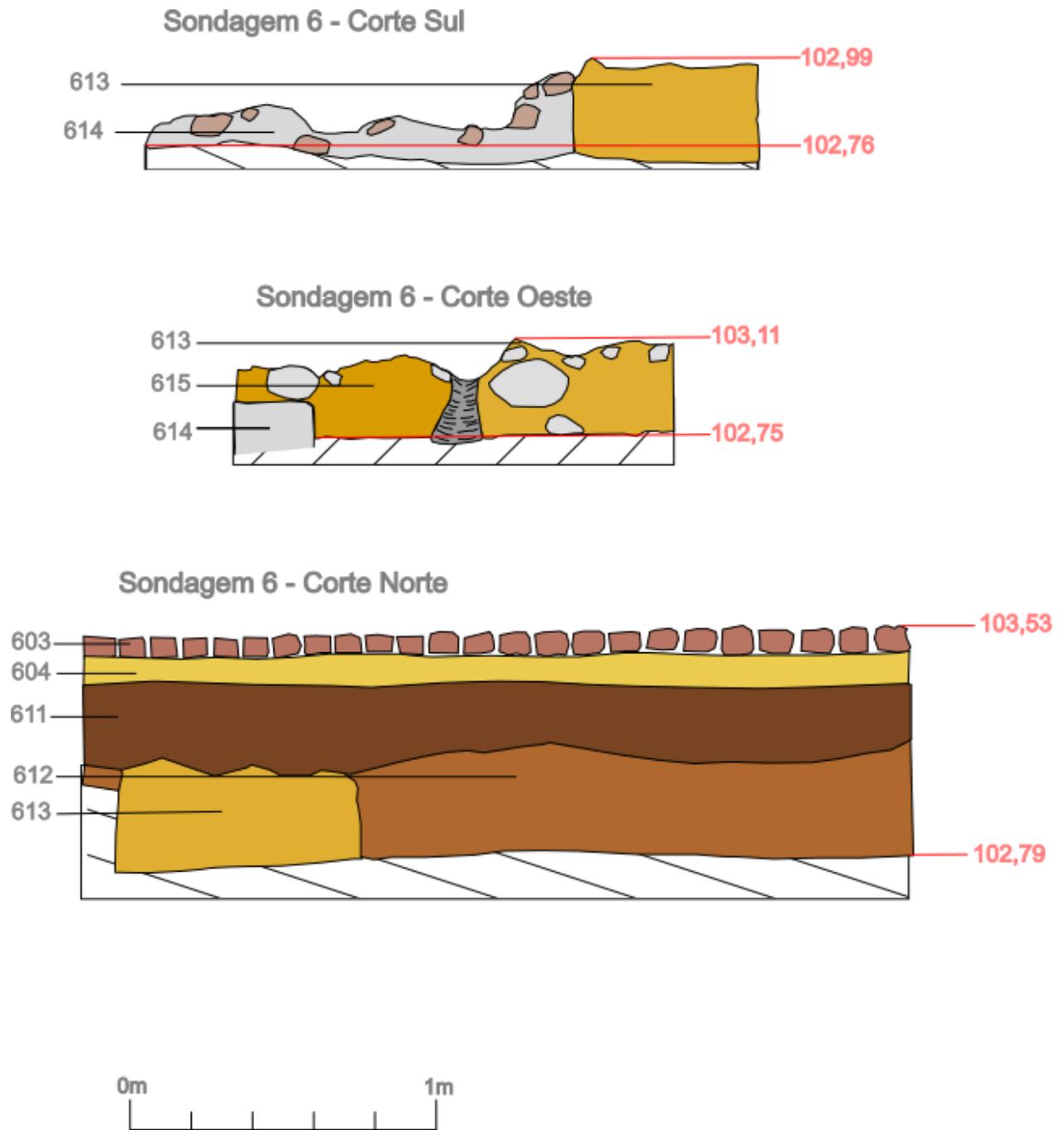


Figura 104 - Alçados da Sondagem 6

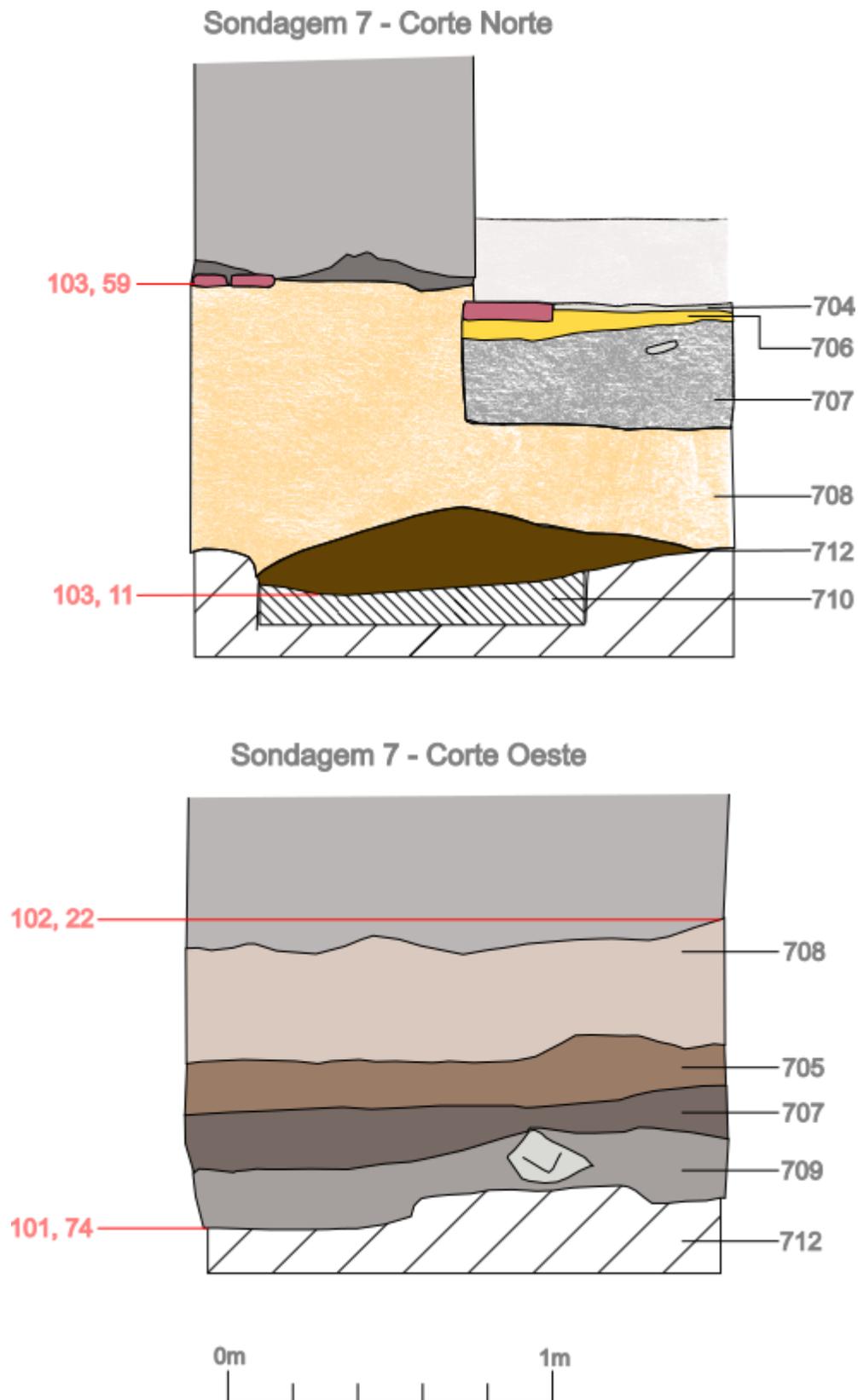
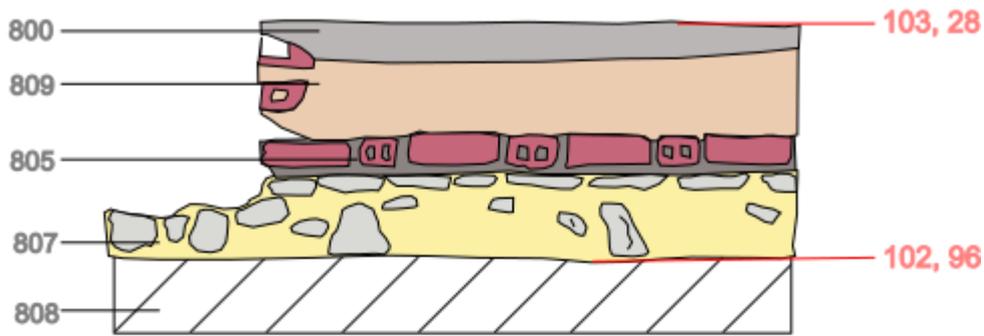


Figura 105 - Alçados da Sondagem 7

Sondagem 8 - Corte Oeste



Sondagem 8 - Corte Norte

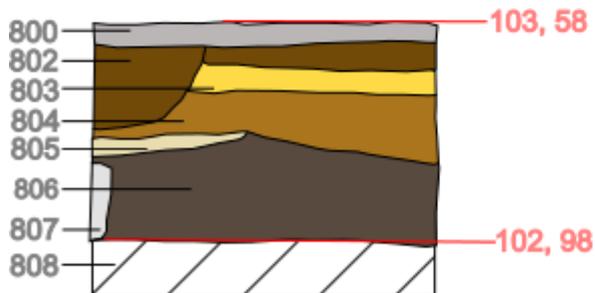


Figura 106 - Alçados da Sondagem 8

Sondagem Parietal 9

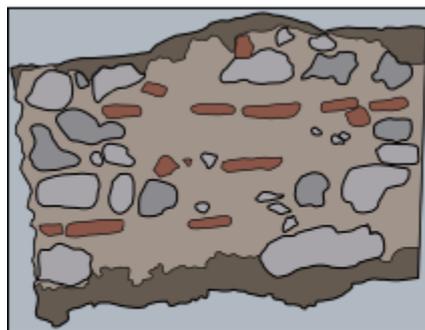


Figura 107 - Sondagem Parietal 9

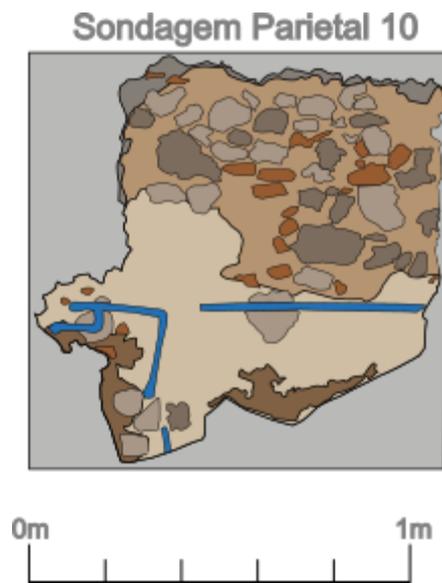


Figura 108 - Sondagem Parietal 10

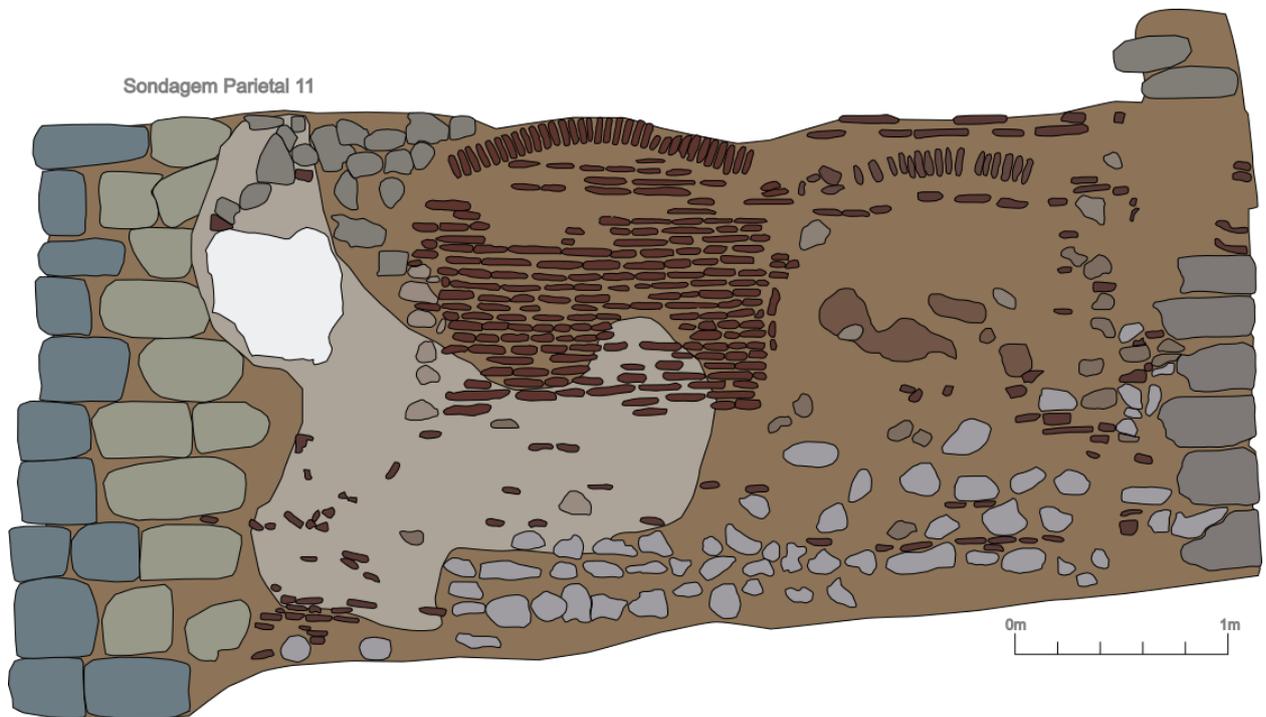


Figura 109 - Sondagem Parietal 11

Sondagem Parietal 12

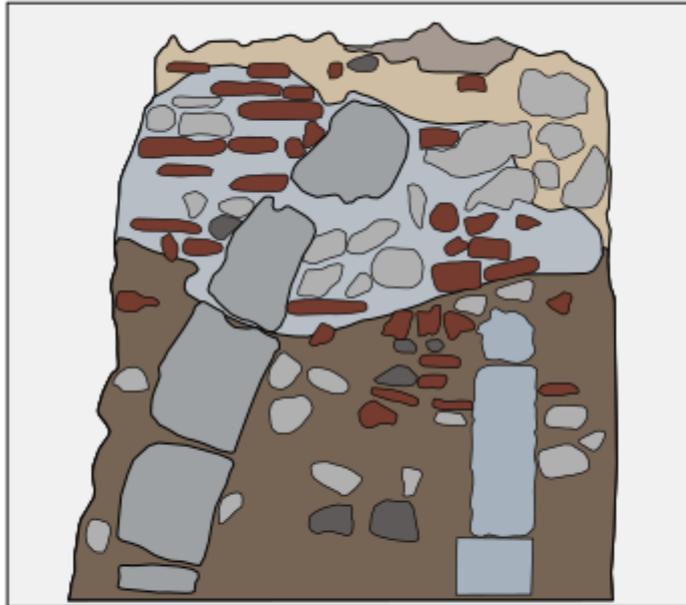


Figura 110 - Sondagem Parietal 12

Planos das Sondagens

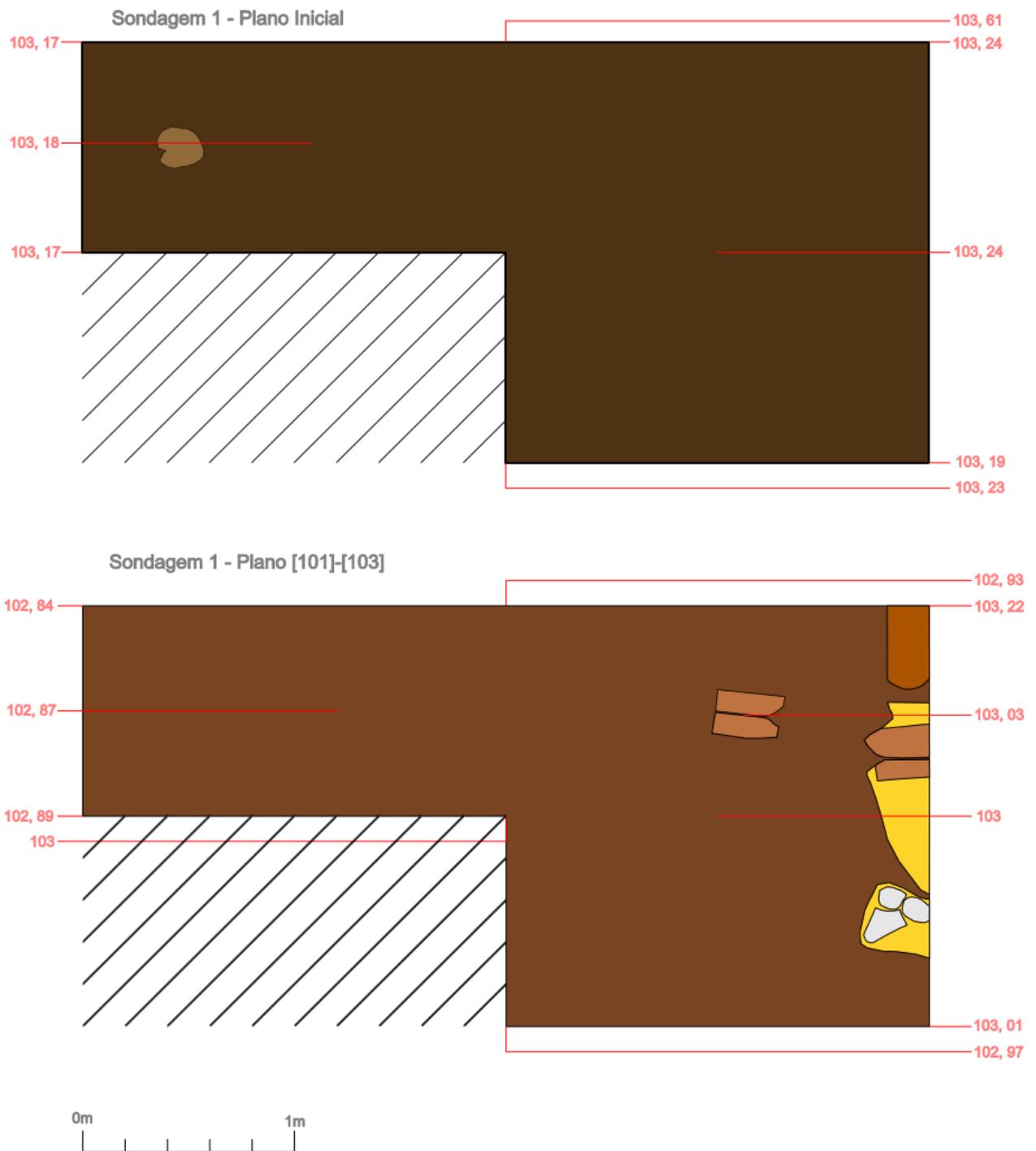


Figura 111 -Planos da Sondagem 1 ([100] a [103])

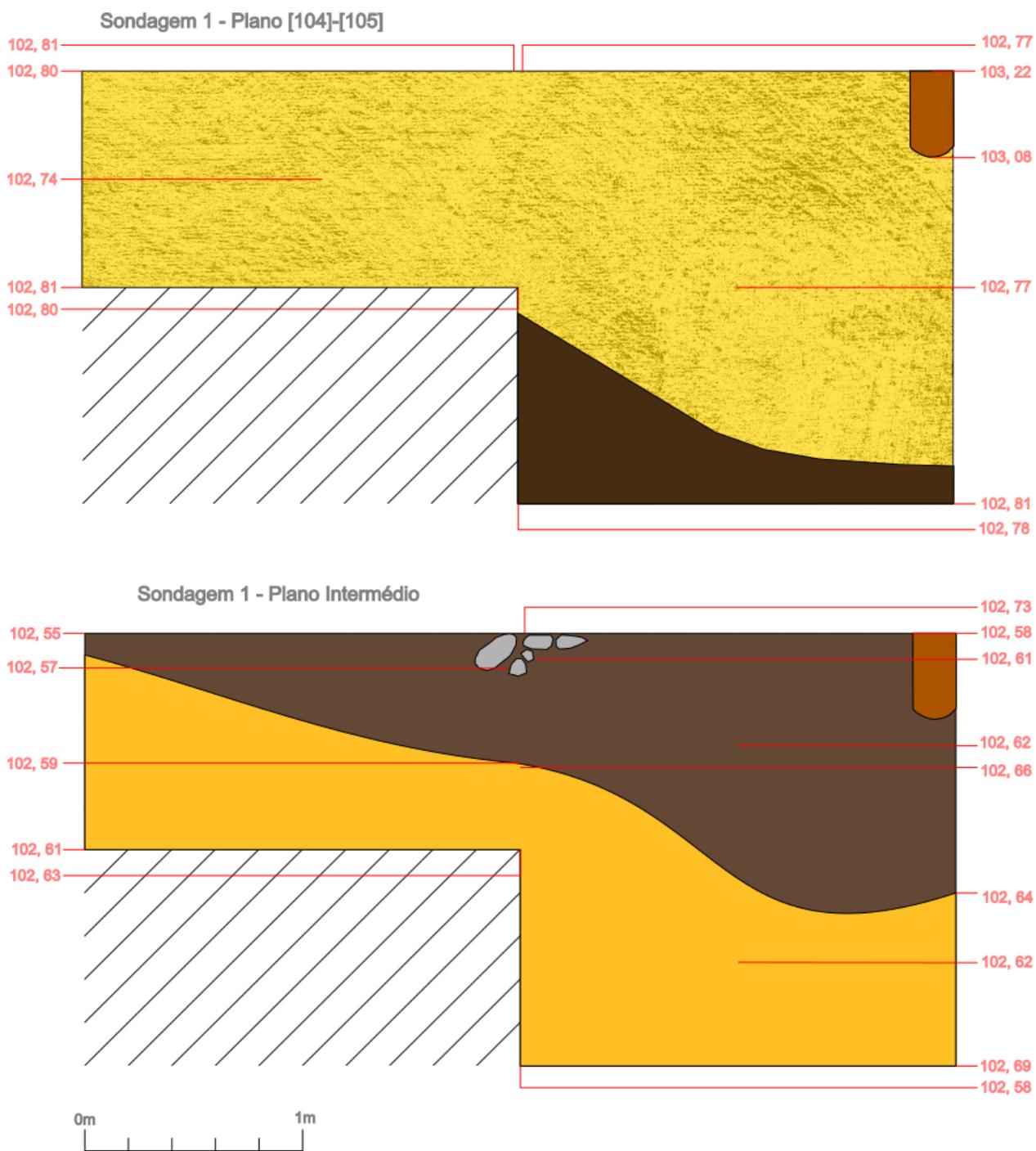


Figura 112 - Planos da Sondagem 1 ([104] a [107])

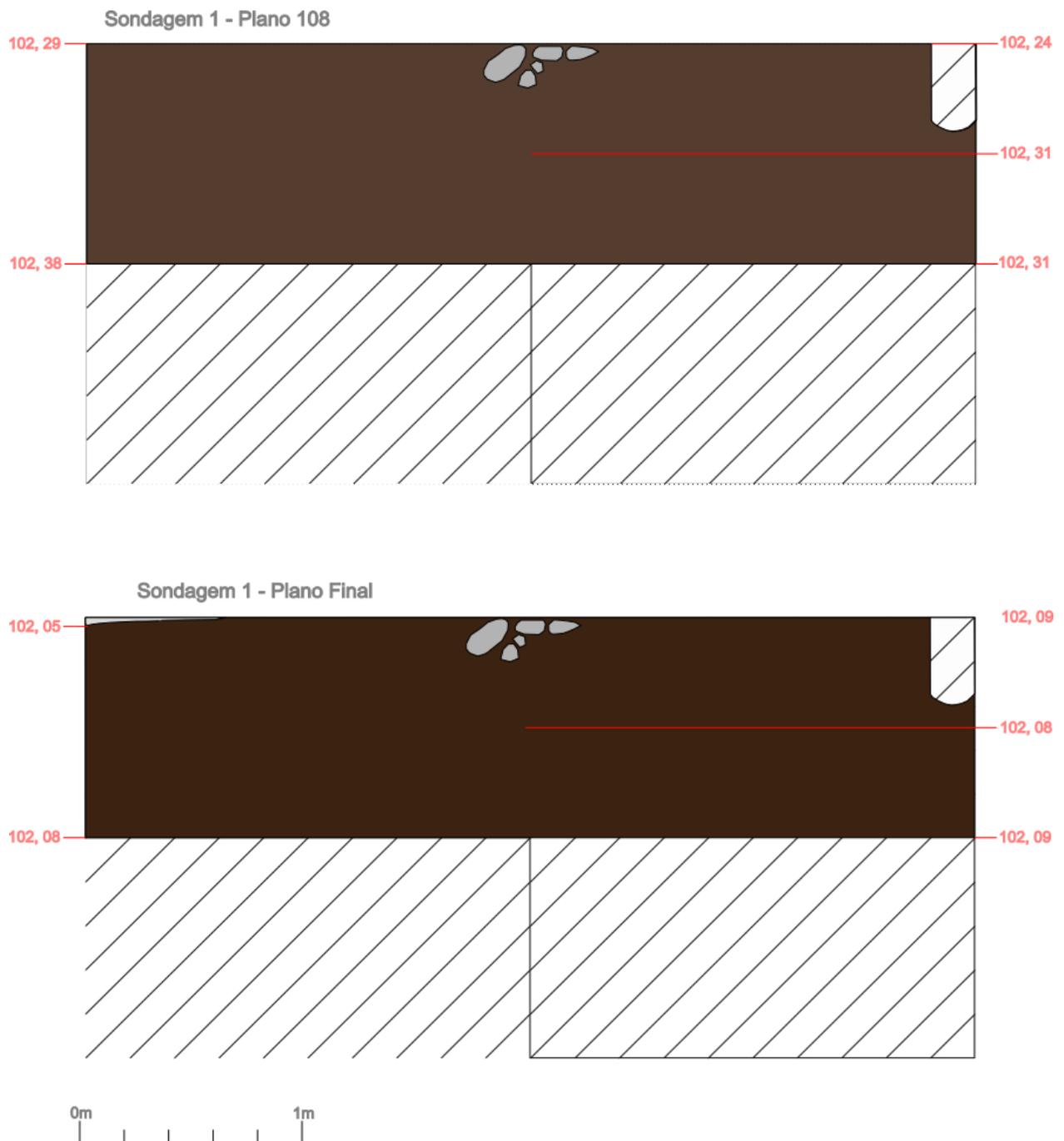


Figura 113 -Planos da Sondagem 1 ([108] a [110])

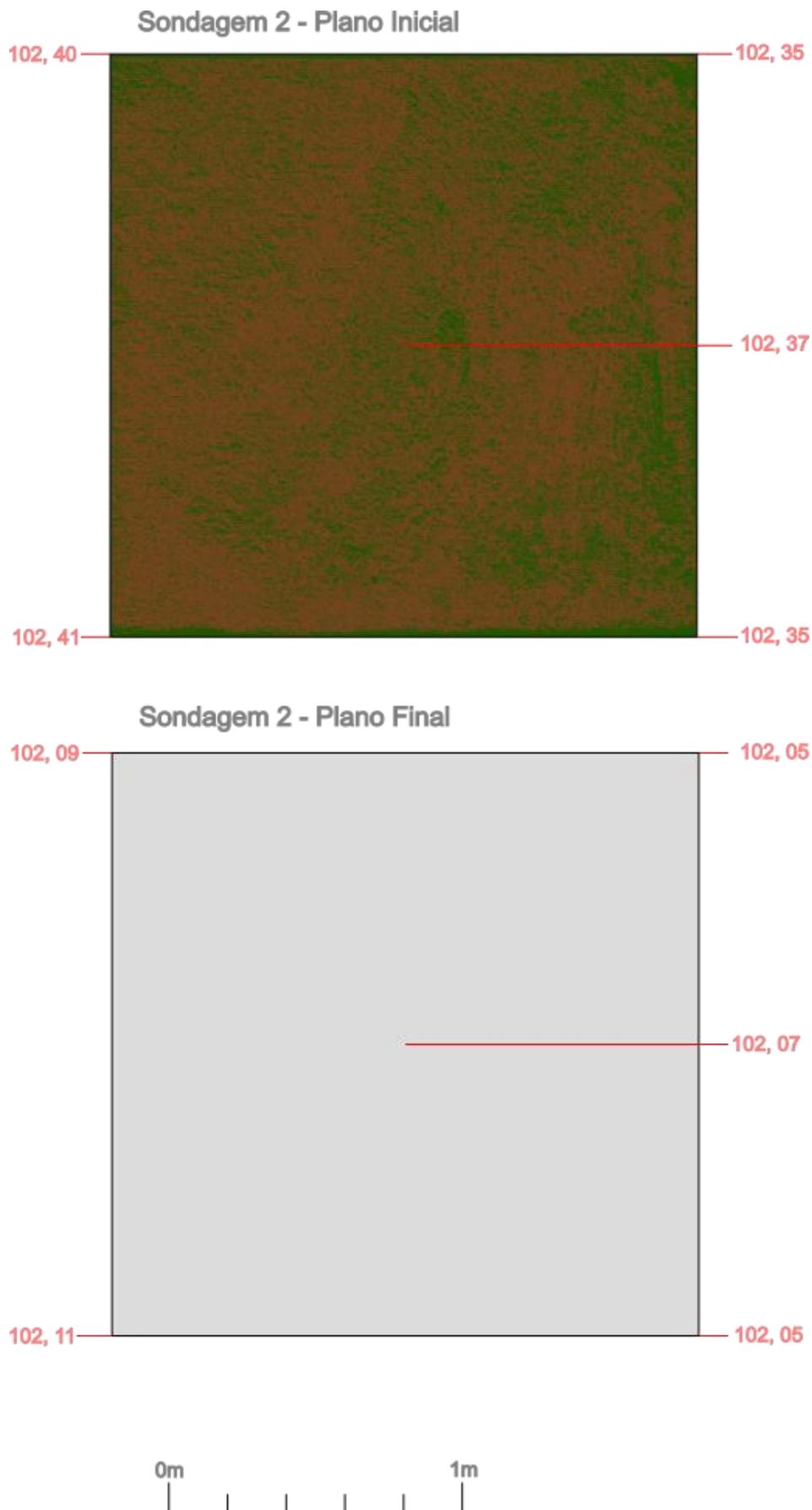


Figura 114 - Planos da Sondagem 2 ([200] a [201])

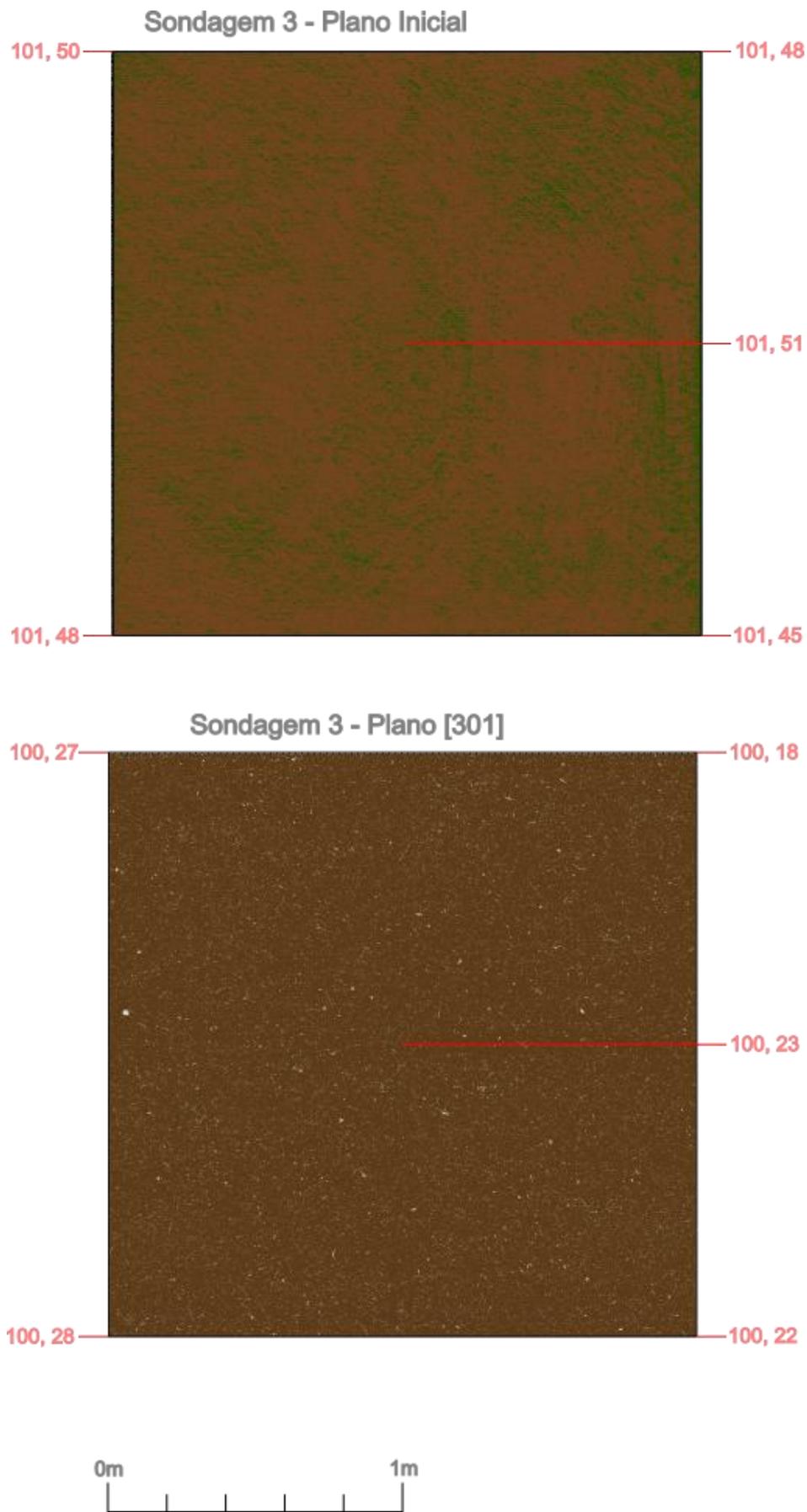


Figura 115 - Planos da Sondagem 3 ([300] a [301])

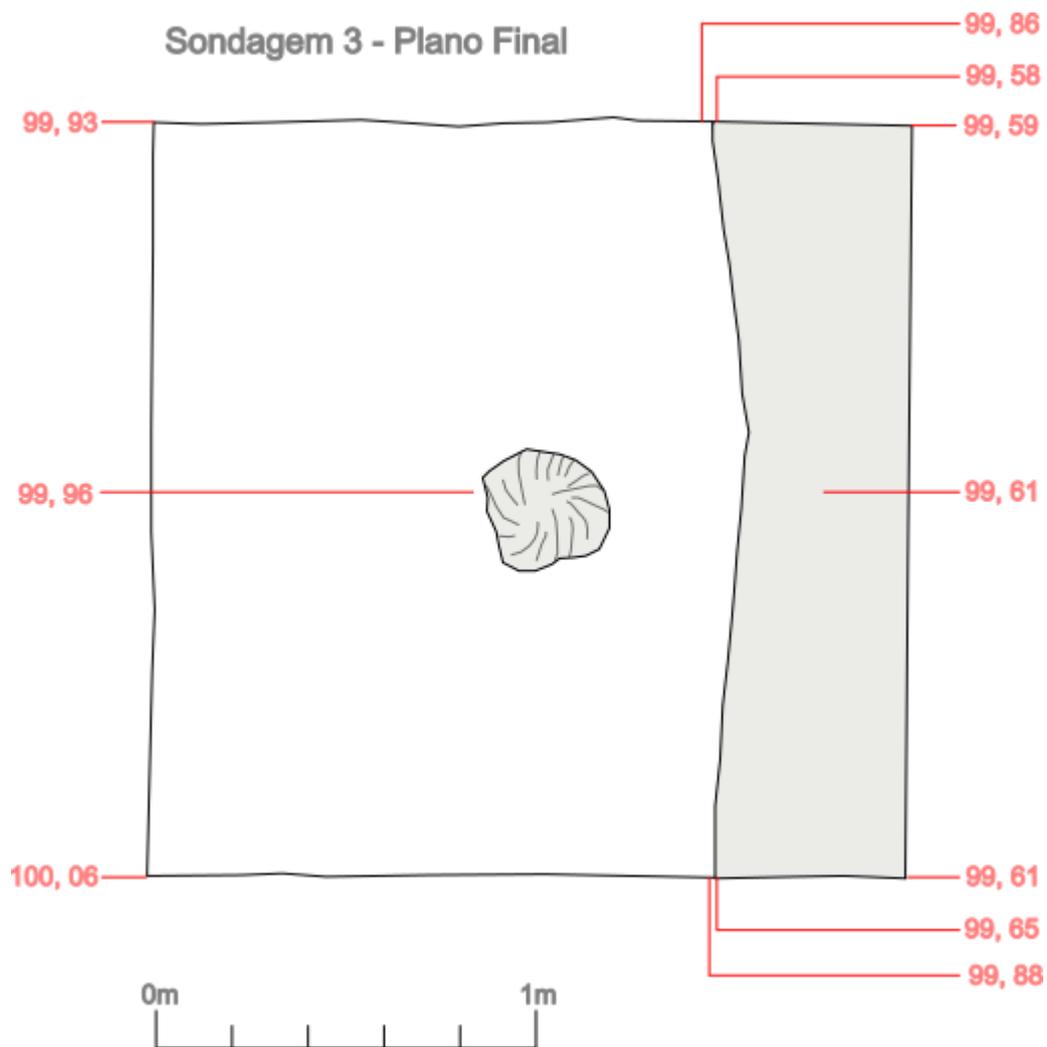


Figura 116 - Planos da Sondagem 3 ([302] a [305])

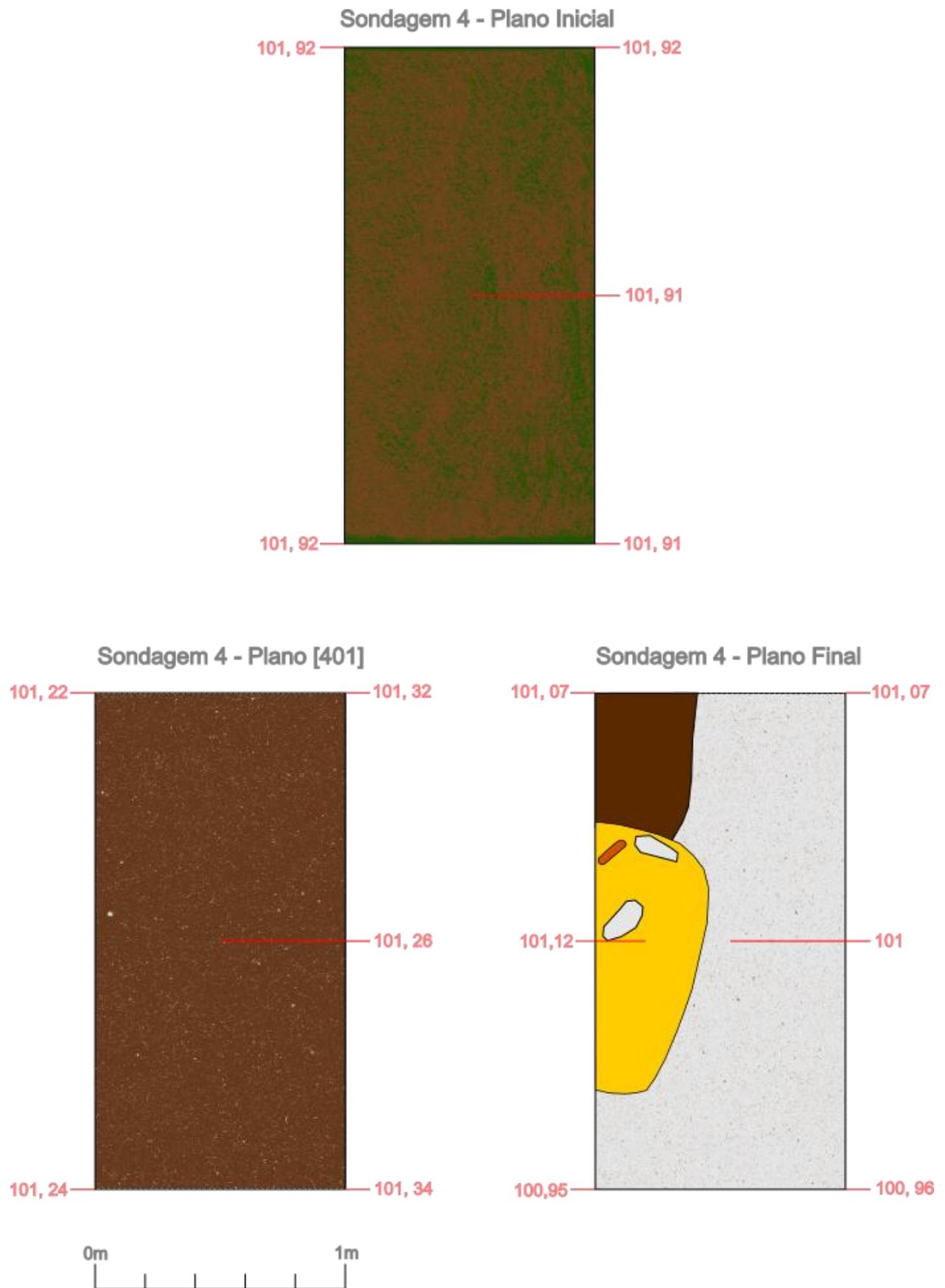


Figura 117 - Planos da Sondagem 4 ([400] a [403])

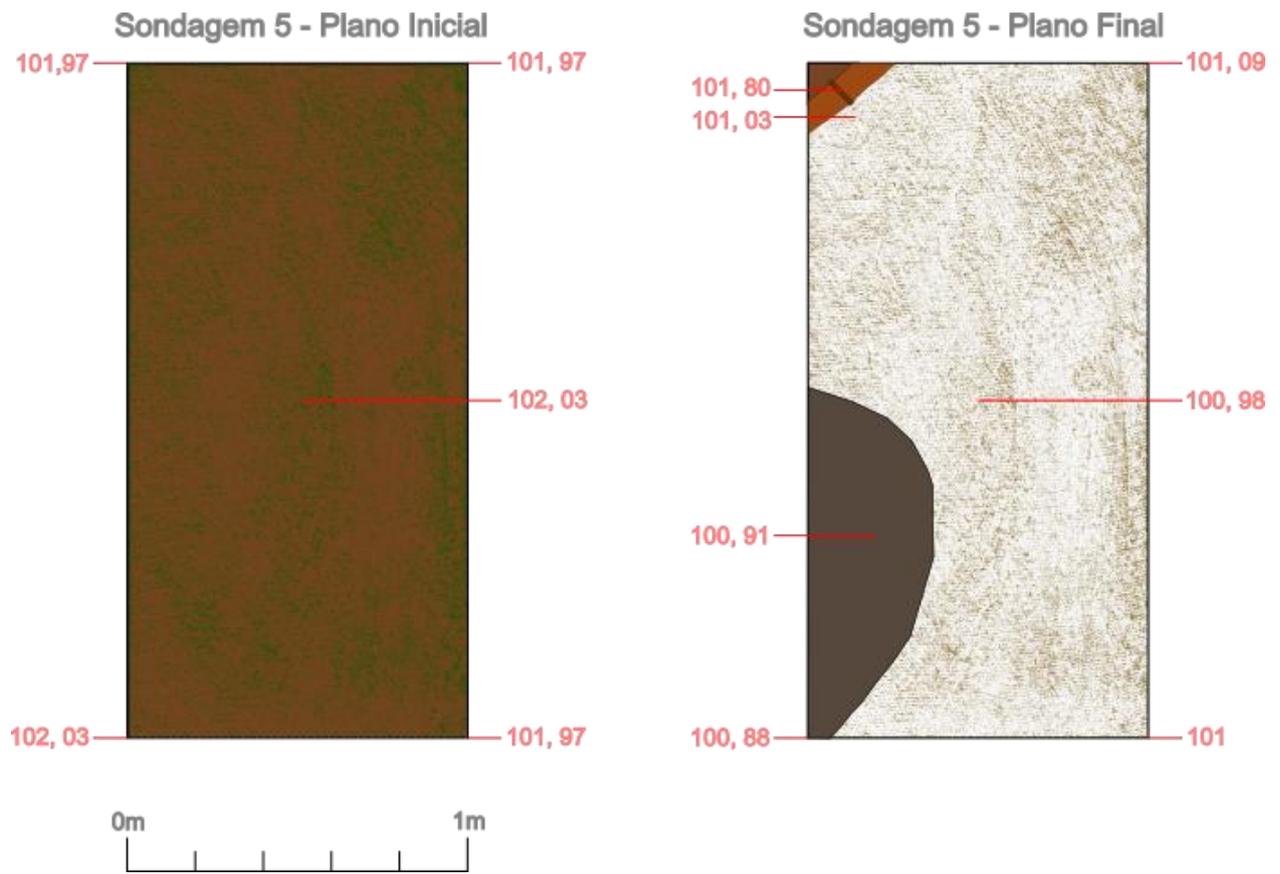


Figura 118 - Planos da Sondagem 5 ([500] a [505])

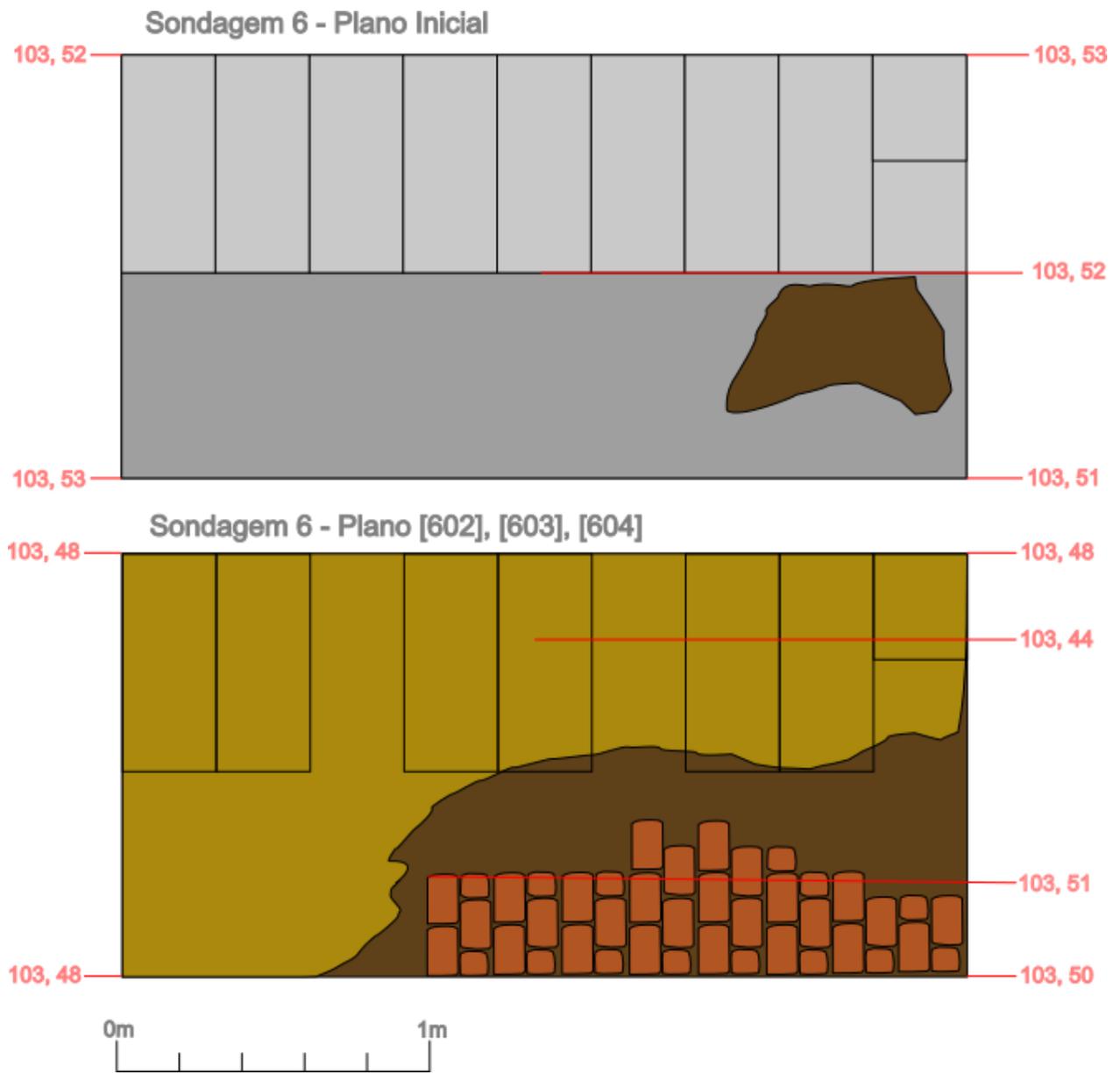


Figura 119 - Planos da Sondagem 6 ([600] a [604])

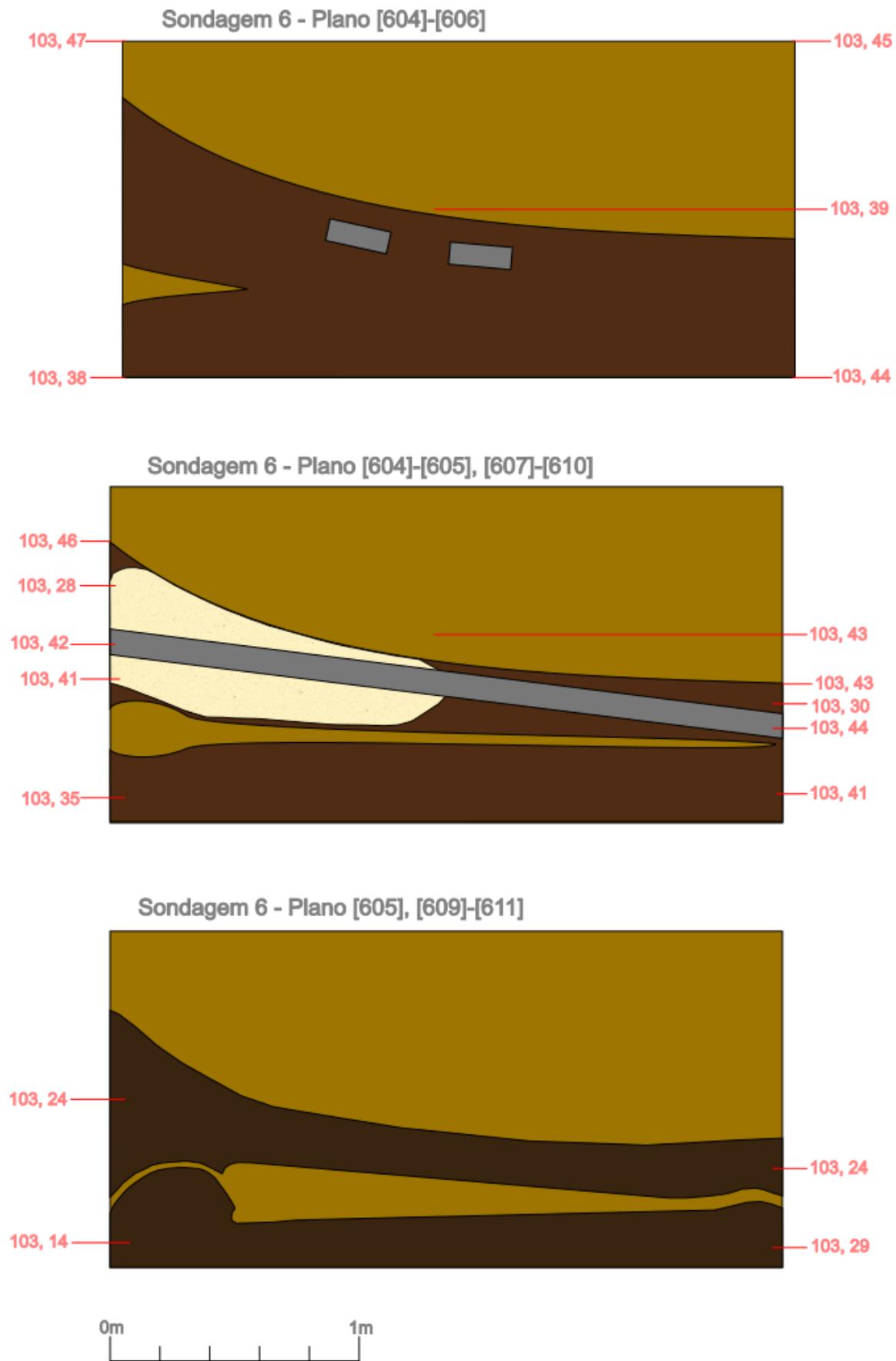


Figura 120 - Planos da Sondagem 6 ([604] a [611])

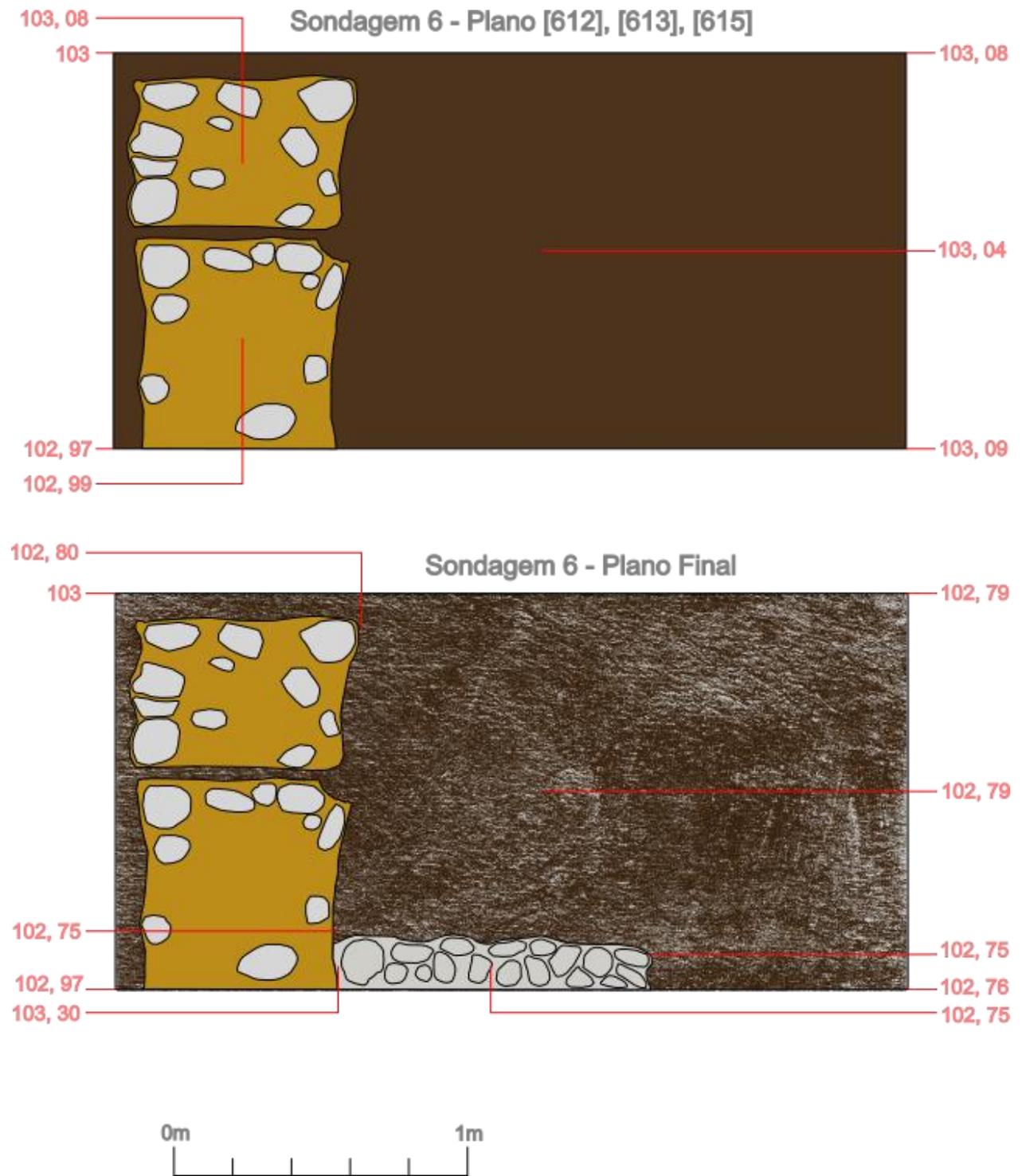


Figura 121 - Planos da Sondagem 6 ([612] a [615])

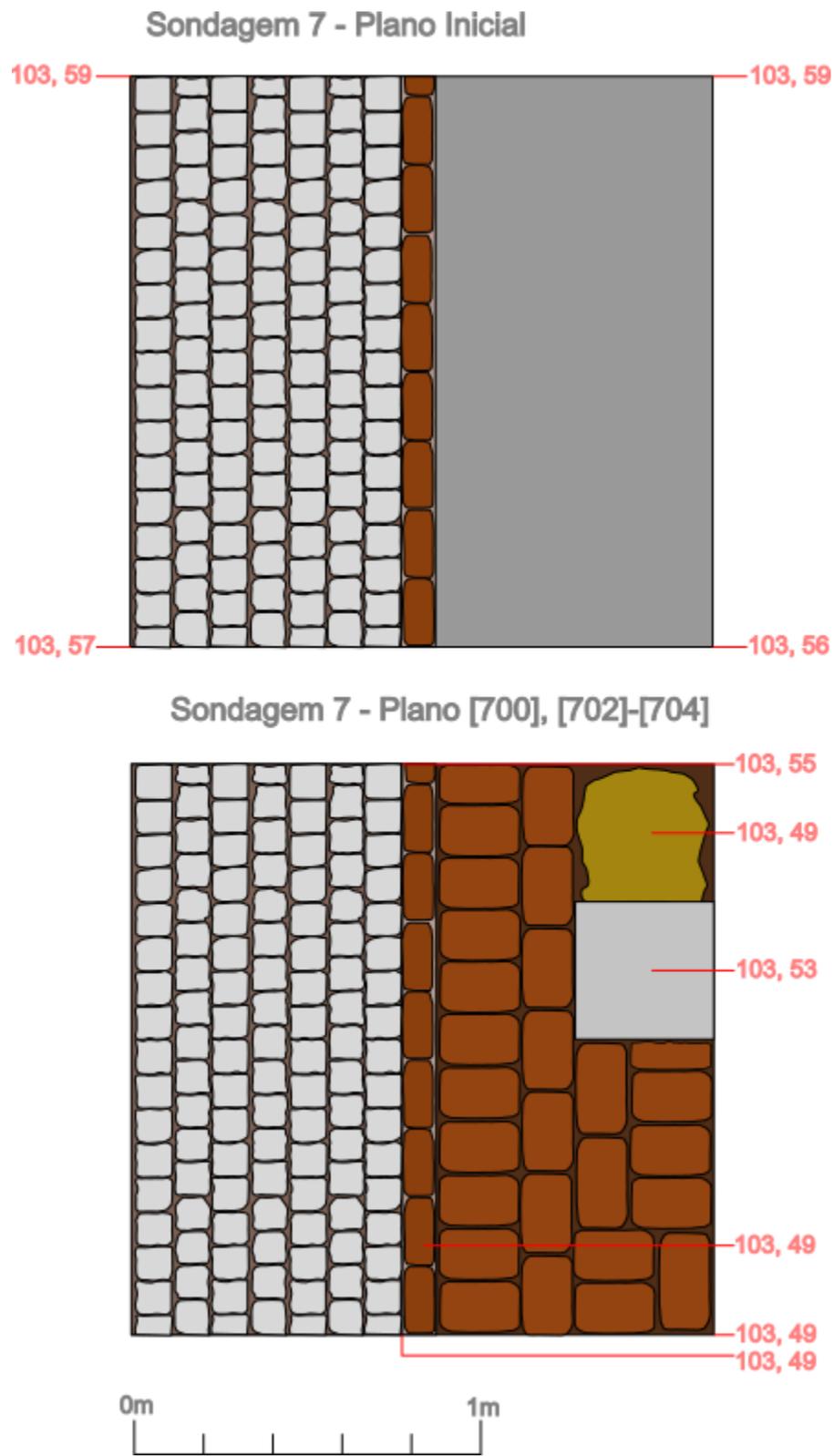


Figura 122 - Planos da Sondagem 7 ([700] a [704])

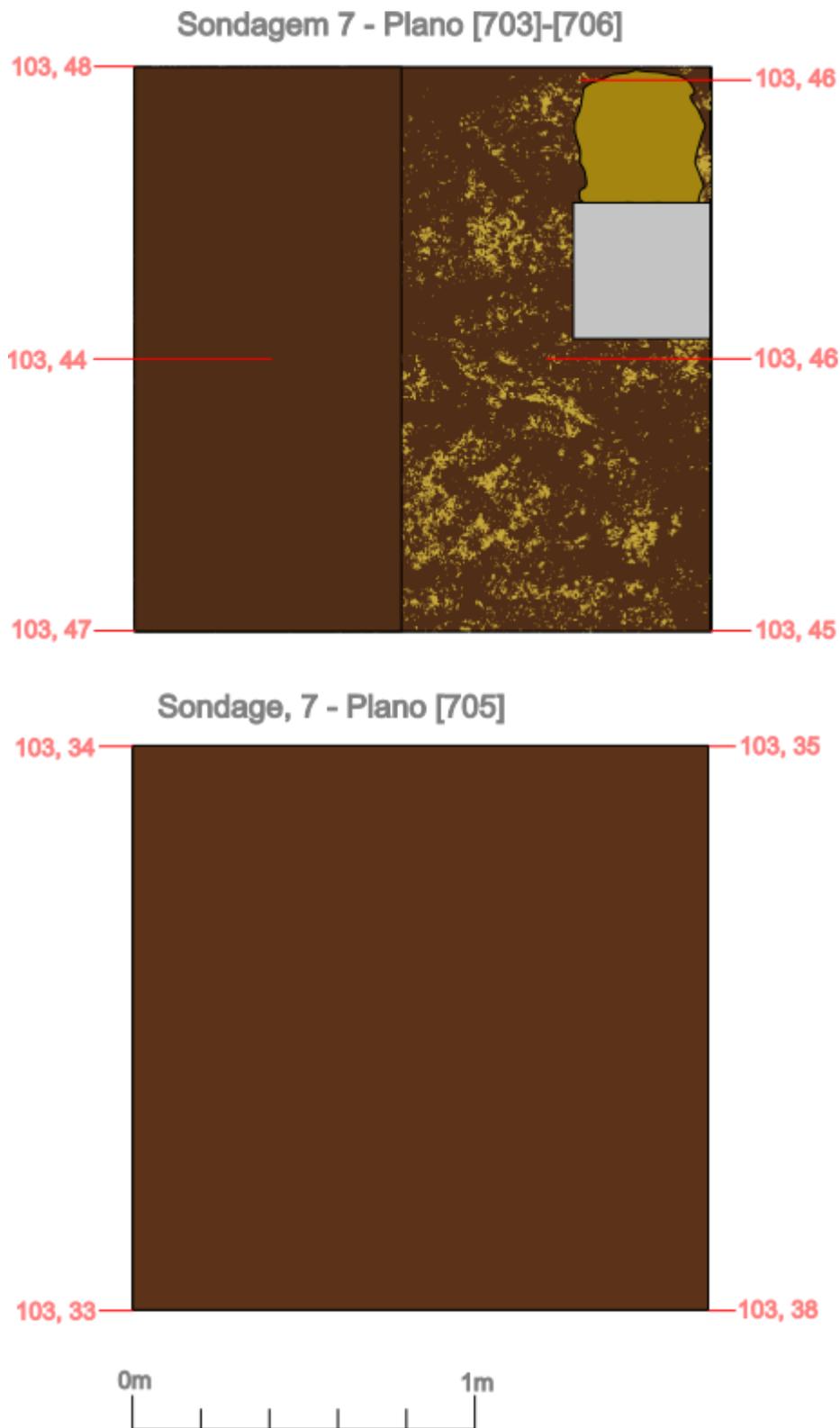


Figura 123 - Sondagem 7 ([703] a [706])

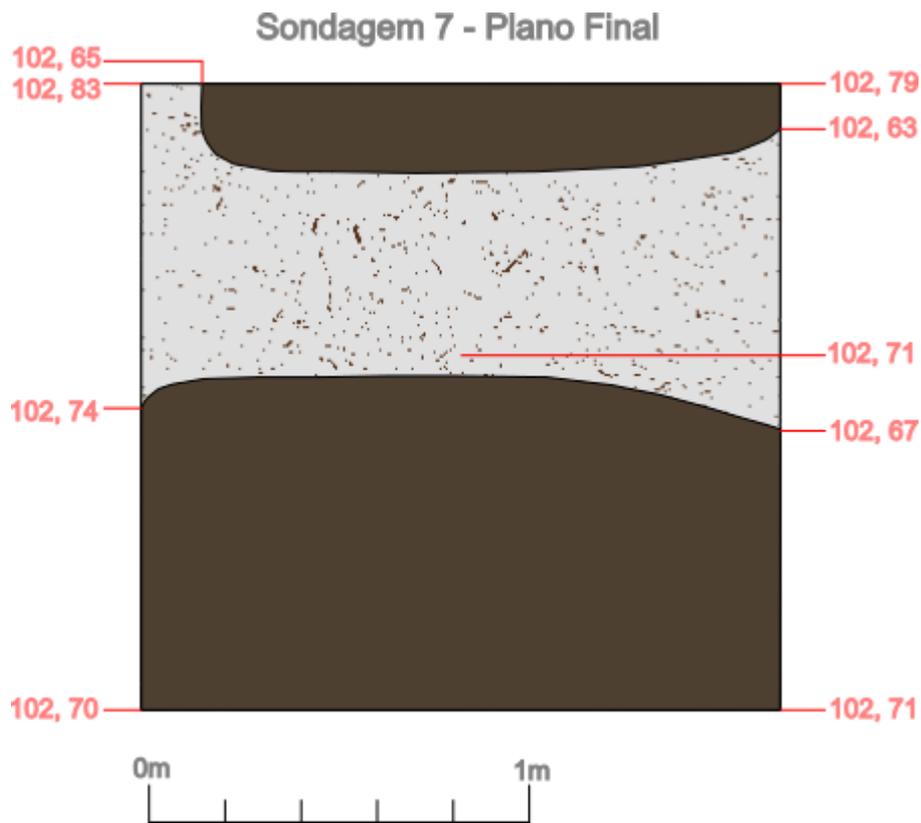


Figura 125 - Plano da Sondagem 7 ([710] a [714])

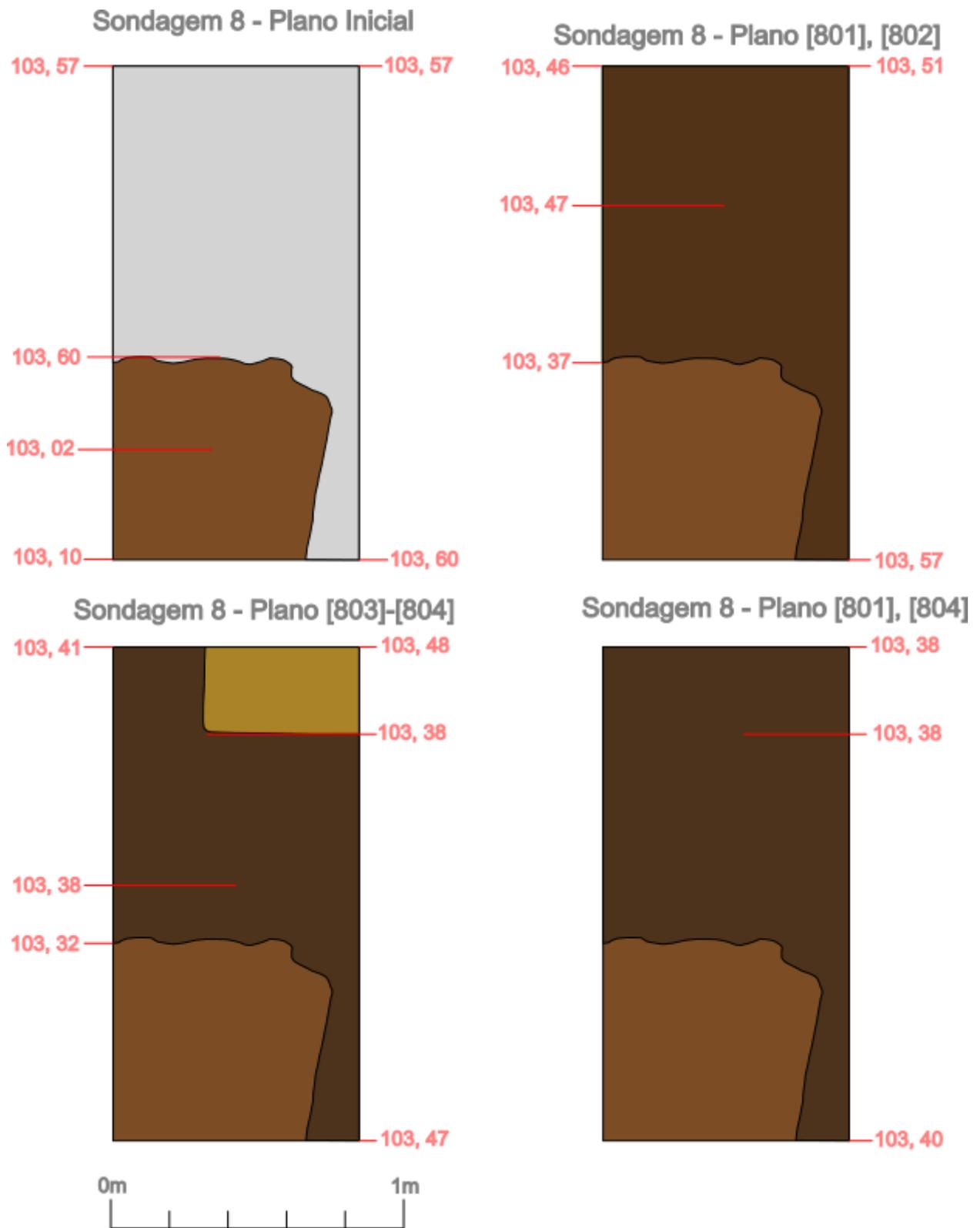


Figura 126 - Planos da Sondagem 8 ([800] a [804])

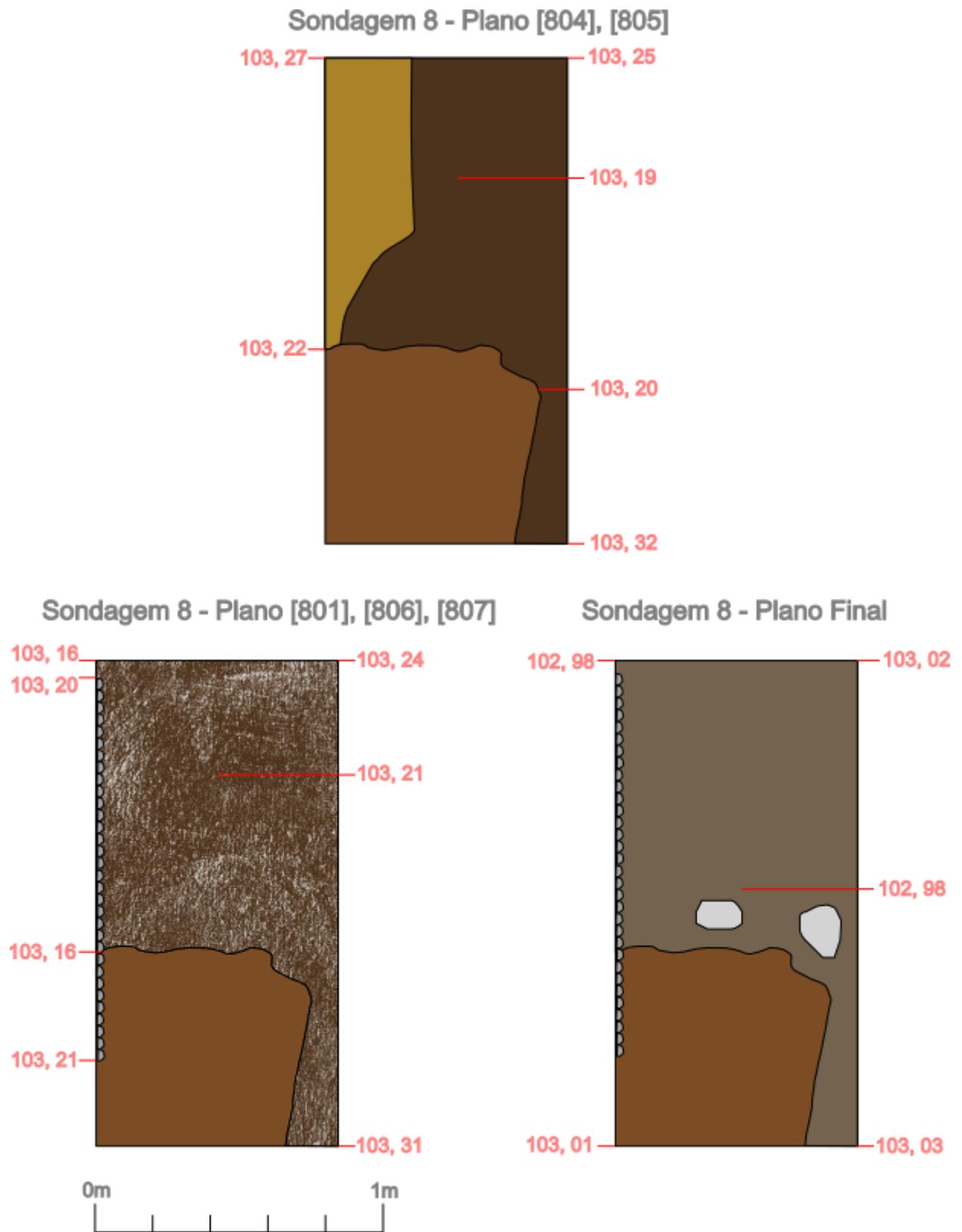


Figura 127 - Planos da Sondagem 8 ([801] a [808])

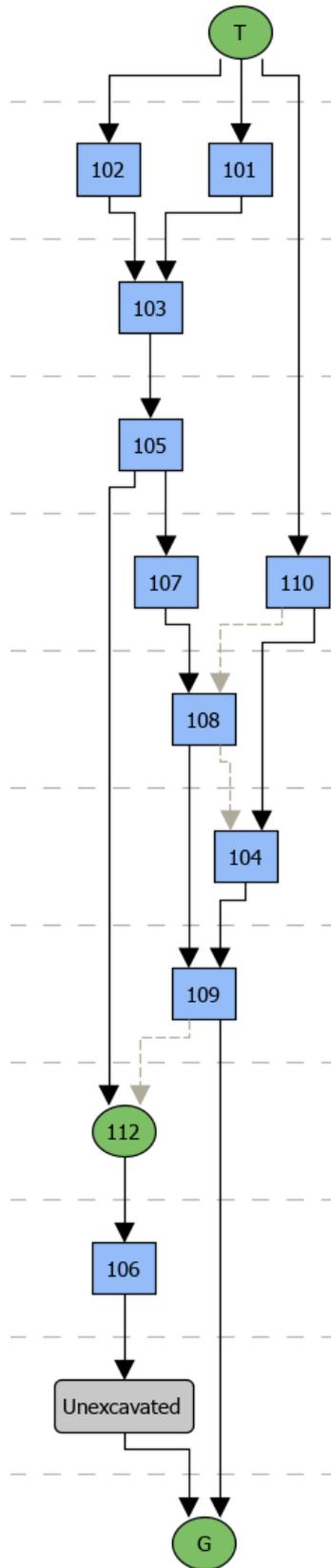


Figura 128 - Matriz de Harris da Sondagem 1

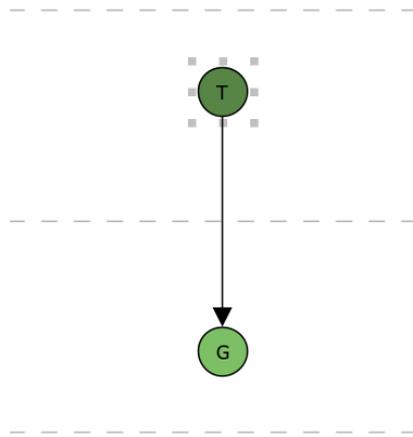


Figura 129 - Matriz de Harris da Sondagem 2

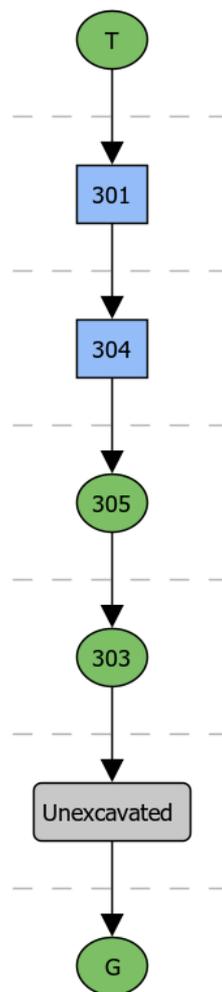


Figura 130 - Matriz de Harris da Sondagem 3

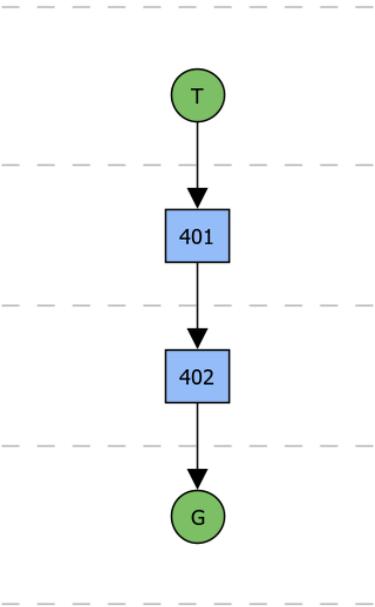


Figura 131 - Matriz de Harris da Sondagem 4

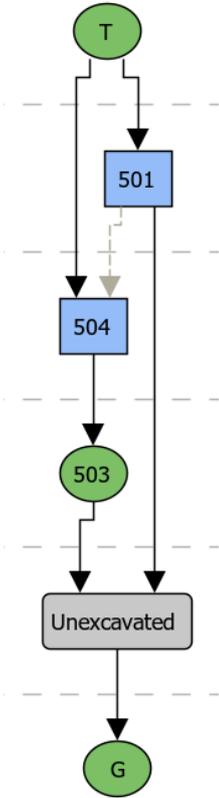


Figura 132 - Matriz de Harris da Sondagem 5

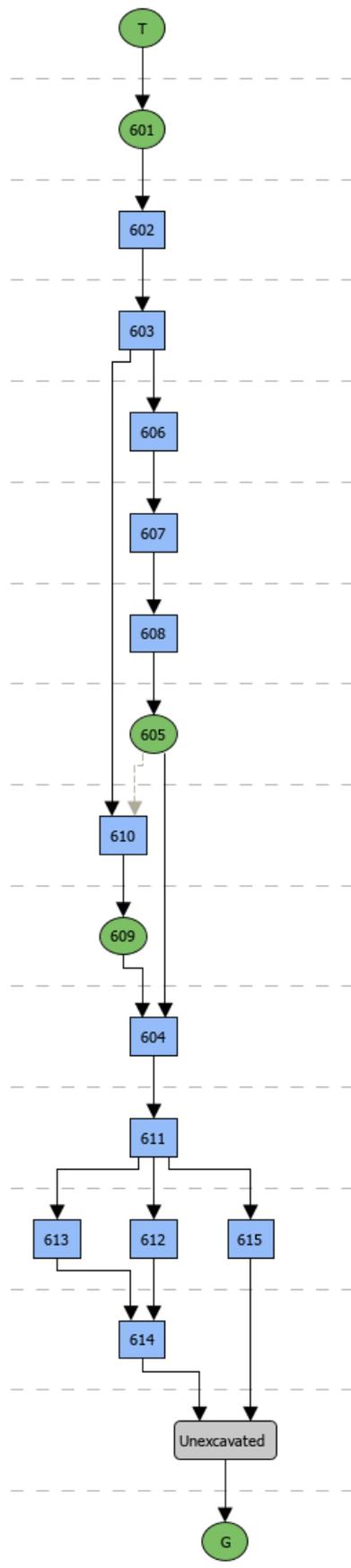


Figura 133- Matriz de Harris da Sondagem 6

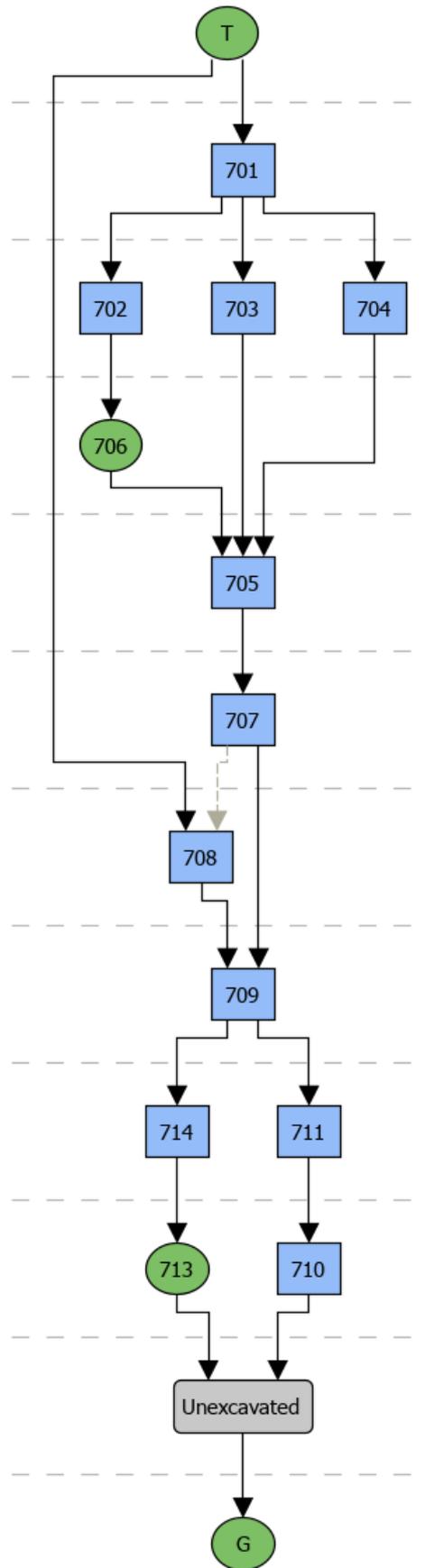


Figura 134 - Matriz de Harris da Sondagem 7

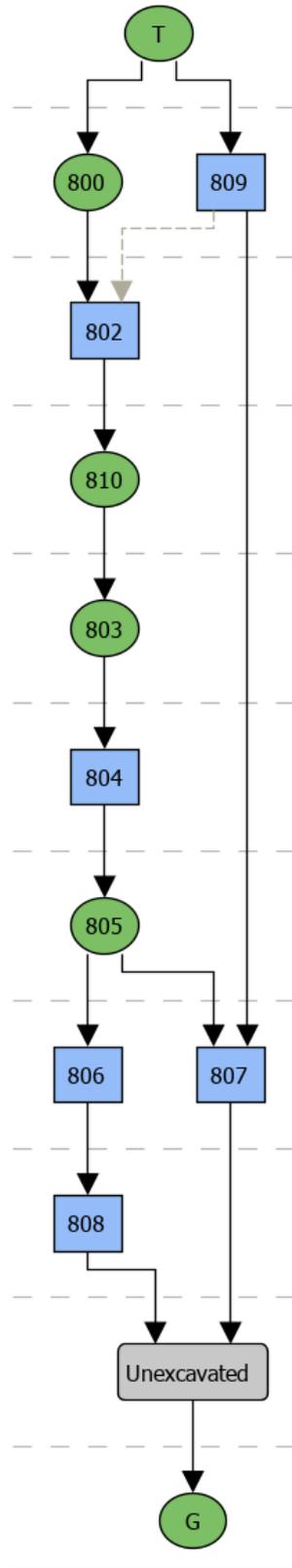


Figura 135 - Matriz de Harris da Sondagem 8

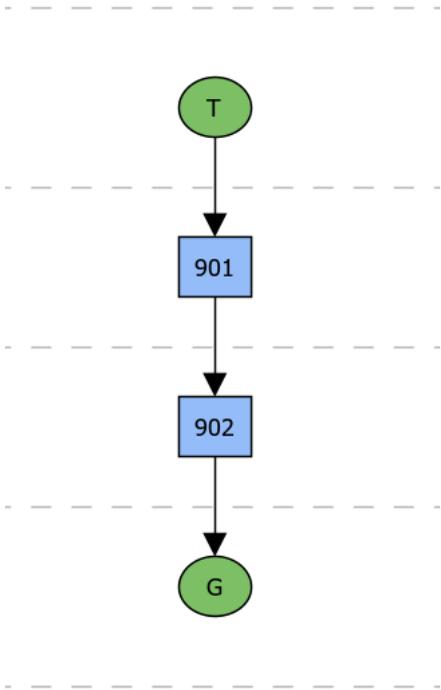


Figura 136 - Matriz de Harris da Sondagem 9

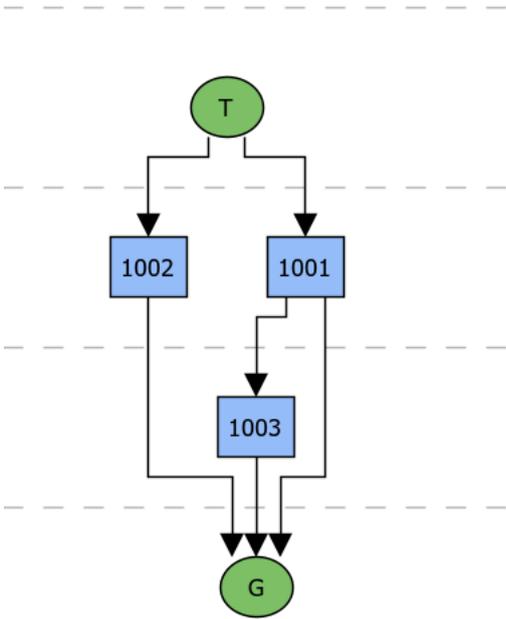


Figura 137 - Matriz de Harris da Sondagem 10

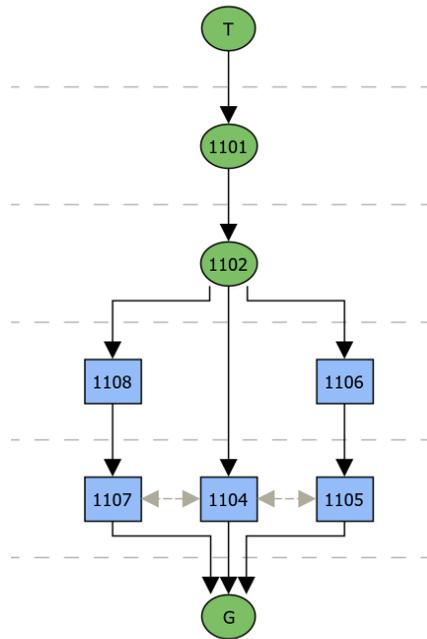


Figura 138 - Matriz de Harris da Sondagem 11

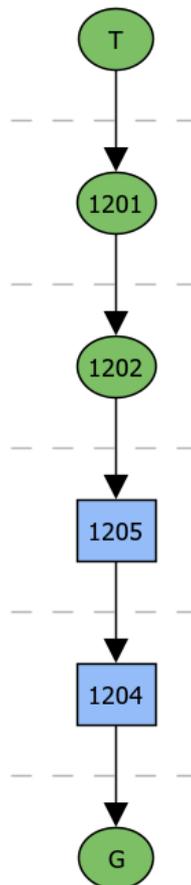


Figura 139 - Matriz de Harris da Sondagem 12

Anexos II- Inventário do Espólio Exumado

Anexos II**Sondagem 1 [108]**

Descrição das pastas	
Identificação	Descrição
A1	Pasta laranja escura, média compacta, com muitas inclusões de pequena e média dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes.
B1	Pasta laranja, compacta, com inclusões frequentes de pequena dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes.
C1	Pasta laranja compacta, com poucas inclusões de pequena dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes.
D1	Pasta laranja escura compacta, com poucas inclusões de pequena e média dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes.
E1	Pasta laranja clara compacta, com inclusões frequentes de pequena dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes.
F1	Pasta laranja, média compacta, com poucas inclusões de pequena dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes.
G1	Pasta laranja, compacta, com inclusões frequentes de pequena e média dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes.
H1	Pasta castanha clara média compacta, com inclusões frequentes de pequena e média dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes. Vestígios de carbonização.

Nº de Inventário	Tipologia	Cronologia	Fragmento	Forma	Descrição	Paralelo encontrado em:
1	Cerâmica Comum	Medieval	Fundo	Bilha	Base plana de assentamento discoidal. Pasta A1. 12cm de diâmetro.	(Mendes <i>et al.</i> , 2002: 268,nº2)
2	Cerâmica Comum	Medieval	Bojo com asa	Bilha	Arranque de asa plana. Pasta A1	(Mendes <i>et al.</i> , 2002: 268,nº4)
3	Cerâmica Comum	Medieval	Fundo	Cântaro	Base plana de assentamento discoidal. Pasta A1. 14cm de diâmetro.	(Mendes <i>et al.</i> , 2002: 269,nº8)
4	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo com asa	Fogareiro	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado voltado para o interior, asa oval que arranca do lábio e termina no colo. Pasta B1. Apresenta vestígios de carbonização. 26cm de diâmetro.	(Casimiro; Gomes, 2022:290,fig.2 ,nº28)

5	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo com asa	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado vertical, asa oval que arranca no lábio. Pasta C1. 12cm de diâmetro.	(Boavida <i>et al.</i> , 2013: 944, fig.4, nº11)
6	Cerâmica Comum	Indeterminada	Asa	Indeterminada	Asa plana. Pasta C1.	
7	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Bordo com asa	Panela	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio direito vertical, asa plana que arranca no lábio e termina no colo. Pasta D1. Apresenta vestígios de cal internamente. 18cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999:152,nº5)
8	Cerâmica Comum	Medieval	Fundo	Malga	Base côncava, assentamento anelar com o pé desenvolvido. Pasta F1. 6cm de diâmetro.	(Casimiro; Gomes, 2022:290, fig.2, nº17)
9	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Fundo	Cântaro	Base plana, assentamento discoidal. Pasta G1. 10cm de diâmetro.	(Liberato, 2011: Anexo VI, S.5OUT.2-8.07 [829]-6975)
10	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Bordo com asa	Panela	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio direito vertical, asa plana que arranca no lábio e termina no colo. Pasta D1. 16cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999:152,nº5)
11	Cerâmica Comum	Medieval	Fundo	Púcaro	Base plana, assentamento discoidal com engrossamento externo. Pasta G1. 4cm de diâmetro.	(Casimiro <i>et al.</i> , 2018: 30,fig.8, nº2)
12	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Bordo com asa	Cântaro	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio direito inclinado para o interior, asa com depressão longitudinal que arranca no lábio. Pasta C1. 20cm de diâmetro.	(Silva, 2019:49,fig.III.15, 3855.22)
13	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Bordo com asa	Panela	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio direito vertical, asa plana que arranca no lábio e termina no colo. Pasta D1. 16cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999:152,nº5)
14	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo com asa	Panela	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio arredondado vertical, asa redonda que arranca no lábio. Pasta C1. 18cm de diâmetro.	(Boavida <i>et al.</i> , 2013:944,fig.4 ,nº11)

15	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo com asa	Fogareiro	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado voltado para o interior, asa oval que arranca do lábio e termina no colo. Pasta B1. Apresenta vestígios de carbonização. 22cm de diâmetro.	(Casimiro; Gomes, 2022:290, fig.2, nº28)
16	Cerâmica Comum	Medieval	Bojo com asa	Púcaro	Asa plana que arranca no bojo. Pasta E1.	(Silva, 2019:115, fig.19)
17	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Asa	Cântaro	Asa com depressão longitudinal. Pasta C1.	(Silva, 2019:49,fig.III .15, 3855.22)
18	Cerâmica Comum	Indeterminada	Asa	Indeterminada	Asa plana. Pasta B1.	
19	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Bordo	Panela	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio triangular vertical com carena debaixo do lábio. Pasta B1. 12cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 100, nº28)
20	Cerâmica Comum	Islâmico	Bordo	Alguidar	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo recto. Pasta H1. 30cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 171,nº3)
21	Cerâmica Comum	Islâmico	Bordo	Panela	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo convexo, duas carenas decorativas no lábio. Pasta H1. Vestígios de carbonização. 18cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 154,nº2)
22	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo com asa	Tacho	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo convexo, asa triangular. Pasta C1. Vestígios de carbonização. 20cm de diâmetro.	(Pires, 2021:29,nº18)
23	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo	Púcaro	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado vertical, três carenas decorativas. Pasta C1. Vestígios de carbonização. 8cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 117,nº16)
24	Cerâmica	Medieval	Bordo com	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado	(Pires, 2021:

	Comum		asa		inclinado para o interior com perfil externo convexo, com duas carenas decorativas. Pasta B1. Vestígios de carbonização. 20cm de diâmetro.	29, nº7)
25	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Bordo	Caçoila	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado vertical com carena decorativa. Pasta B1. Vestígios de carbonização. 24cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013:101, nº48)
26	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Garrafa	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular vertical com carena debaixo do lábio. Pasta B1. 3cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013:105, nº61)
27	Cerâmica Comum	Medieval	Bojo	Fogareiro	Pasta B1. Vestígios de carbonização. 16cm de diâmetro.	(Pires, 2021: 29,nº2)
28	Cerâmica Comum	Indeterminada	Asa		Asa plana. Pasta C1.	
29	Cerâmica Comum	Medieval	Fundo	Púcaro	Base plana de assentamento discoidal. Pasta B1. 8cm de diâmetro.	(Casimiro <i>et al.</i> , 2018: 27,fig. 5,nº1)
30	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo	Caçoila	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado inclinado para o interior com perfil externo convexo, com três carenas decorativas. Pasta B1. Vestígios de carbonização. 20cm de diâmetro.	(Silva, 2019: 34, fig.III.1,3855. 19)
31	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo	Caçoila	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado inclinado para o interior com perfil externo convexo, com três carenas decorativas. Pasta B1. Vestígios de carbonização. 16cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 102,nº47)
32	Cerâmica Comum	Medieval	Bojo com asa	Cântaro	Asa com depressão longitudinal. Pasta C1.	(Silva, 2019: 49,III.15, 3855.22)
33	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo	Alguidar	Bordo extrovertido com inflexão dupla, lábio boleado inclinado para o interior com perfil externo convexo. Pasta G1. 40cm de diâmetro.	(Pires, 2021: 46,nº74)
34	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo	Caçoila	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado inclinado para o interior com perfil externo convexo, três	(Cardoso, 2013: 102,nº47)

					carenas decorativas no bordo. Pasta G1. 22cm de diâmetro.	
35	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Bordo com fundo	Caçoila	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo convexo, base plana de assentamento discoidal. Pasta H1. Vestígios de carbonização. 20cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 101,nº35)
36	Cerâmica Comum		Lábio	Caçoila	Lábio boleado com carena decorativa. Pasta H1. 20cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 101,nº36)
37	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo	Alguidar	Bordo extrovertido com inflexão dupla, lábio boleado inclinado para o interior com perfil externo convexo. Pasta G1. 36cm de diâmetro.	(Pires, 2021: 46,nº74)
38	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Bordo	Cântaro	Bordo introvertido com inflexão com ressalto, lábio direito vertical. Pasta G1. 10cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 99,nº1)
39	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo	Panela	Bordo extrovertido com inflexão com ressalto, lábio direito vertical, lábio com duas carenas decorativas. Pasta G1. 14cm de diâmetro.	(Silva, 2014: 83,fig.2, A, nº7)
40	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Bordo	Cântaro	Bordo introvertido com inflexão com ressalto, lábio direito vertical. Pasta laranja G1. 9cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 99,nº1)
41	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo com fundo?	Tacho	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo convexo. Pasta G1. Vestígios de carbonização. 18cm de diâmetro.	(Pires, 2021:29,nº18)
42	Cerâmica Comum	Medieval	Bordo com asa	Tacho	Bordo extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado inclinado para o interior com perfil externo convexo, asa triangular. Pasta G1. Vestígios de carbonização. 14cm de diâmetro.	(Pires, 2021:29,nº18)
43	Cerâmica Comum	Islâmica/Medieval	Bordo com fundo	Taça	Bordo extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado vertical com perfil externo convexo, base plana de assentamento discoidal. Pasta	(Cardoso, 2013: 108,nº102)

					C1. 12cm de diâmetro.	
44	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo com fundo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular inclinado para o interior, base plana de assentamento discoidal. Pasta G1. Vestígios de carbonização interna e externa. Vestígios de cal interna. Duas carenas no bordo e uma no colo.15cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 100,nº20)
45	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular, inclinado para o interior. Pasta G1. Vestígios de carbonização interna e externa. 12cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 100,nº20)
46	Cerâmica Comum	Islâmica	Lábio	Caçoila	Lábio boleado, asa triangular. Pasta G1. Vestígios de carbonização externa. 13 cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 137,nº12)
47	Cerâmica Comum	Indeterminada	Asa	Indeterminada	Asa plana. Pasta G1.	
48	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo com fundo	Caçoila	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o interior, asa triangular, base plana de assentamento discoidal. Pasta G1. Vestígios de carbonização interior e exterior.16cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 149,nº8)
49	Cerâmica Comum	Islâmica	Peça completa	Caçoila	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio arredondado voltado para o interior, asa triangular, base plana de assentamento discoidal. Pasta G1. Vestígios de carbonização interna e externa. 24cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 142,nº3)
50	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo com asa	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular inclinado para o interior, asa plana que arranca no lábio. Pasta G1. Vestígios de carbonização interna. 18cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152,nº11)
51	Cerâmica Comum	Islâmica	Lábio com asa	Panela	Lábio triangular, asa plana. Pasta G1.18cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152,nº4)

52	Cerâmica Comum	Indeterminada	Asa	Indeterminada	Asa com depressão longitudinal. Pasta B1.	
53	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo com asa	Caçoila	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o interior, asa triangular. Pasta B1. Vestígios de carbonização externa. 24cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 142,nº6)
54	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo com asa	Caçoila	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o interior, asa triangular. Pasta B1. Vestígios de carbonização externa. 20cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 142,nº6)
55	Cerâmica Comum	Islâmica	Bojo com fundo	Panela	Arranque de asa oval no bojo, base plana de assentamento discoidal. Pasta B1. 8cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 154,nº13)
56	Cerâmica Comum	Islâmica	Fundo	Tijela	Base plana de assentamento discoidal. Pasta B1. 10cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 149,nº9)
57	Cerâmica Comum	Finais do séc. XIII- inícios do séc. XIV	Fundo	Cântaro	Base plana de assentamento discoidal. Pasta D1. Vestígios de argamassa de cal. 12cm de diâmetro.	(Liberato, 2011: Anexo VI, S.5OUT.2-8.07 [829]-6975)
58	Cerâmica Comum	Islâmica	Fundo	Caçoila	Base plana de assentamento discoidal. Pasta G1. Vestígios de carbonização interna e externa. 12cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 101,nº42)
59	Cerâmica Comum	Islâmica	Fundo	Taça	Base plana alargada de assentamento discoidal. Pasta G1. 4cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 137,nº4)
60	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo com fundo	Prato	Bordo extrovertido com inflexão, lábio direito inclinado para o interior. Pasta G1. 21cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 137,nº10)
61	Cerâmica Comum	Islâmica	Fundo	Taça	Base plana alargada de assentamento discoidal. Pasta G1. 10cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 137,nº6)
62	Cerâmica Comum	Islâmica	Fundo	Jarrinha	Base plana de assentamento discoidal. Pasta G1. Vestígios de carbonização externa. 10cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 115,nº1)
63	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Alguidar	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com	(Viegas; Arruda, 1999: 137,nº6)

					perfil externo recto. Pasta G1. 30cm de diâmetro.	171,nº3)
64	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular inclinado para o interior. Pasta G1. Duas carenas decorativas no lábio. 10cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 154,nº15)
65	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado vertical. Pasta G1. Duas carenas decorativas debaixo do lábio. 10cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152,nº9)
66	Cerâmica Comum	Indeterminada	Bojo com asa	Indeterminada	Arranque de asa plana no bojo. Pasta G1.	
67	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular. Pasta G1. Duas carenas decorativas debaixo do lábio. 10cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152,nº6)
68	Cerâmica Comum	Islâmica	Fundo	Taça	Base plana de assentamento discoidal. Pasta B1. 8cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 137,nº4)
69	Cerâmica Comum	Islâmica	Lábio	Panela	Lábio boleado. Pasta B1. 17cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152,nº9)
70	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado vertical. Pasta G1. Duas carenas decorativas debaixo do lábio. 12cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152,nº9)
71	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Caçoila	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular inclinado para o interior. Pasta G1. 20cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 102,nº46)
72	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Caçoila	Bordo extrovertido com inflexão com ressalto, lábio boleado inclinado para o interior. Pasta G1. 26cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 142, nº3)
73	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Alguidar	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio arredondado pendente voltado para o exterior. Pasta B1. 34cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 171, nº2)
74	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Alguidar	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio arredondado pendente voltado para o exterior. Pasta D1. 40cm de	(Viegas; Arruda, 1999: 171, nº2)

					diâmetro.	
--	--	--	--	--	-----------	--

Sondagem 1 [108]

Descrição das pastas	
Identificação	Descrição
A2	Pasta branca, compacta, poucas inclusões de pequena dimensão.

Nº de Inventário	Tipologia	Cronologia	Fragmento	Forma	Descrição	Paralelo encontrado em:
75	Faiança	1520-1610	Fundo	Taça	Base côncava com assentamento em pé anelar. Pasta A2. 7cm de diâmetro.	(Casimiro; Sequeira, 2016: 262, fig.1,B)
76	Faiança	1520-1610	Bordo com fundo	Taça	Bordo extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio inclinado para o exterior com perfil externo côncavo, base côncava com assentamento em pé anelar. Pasta A2. 14cm de diâmetro.	(Casimiro; Sequeira, 2016: 262, fig.1,B)
77	Faiança	1520-1610	Bordo	Taça	Bordo extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio inclinado para o exterior com perfil externo côncavo. Pasta A2. 14cm de diâmetro.	(Casimiro; Sequeira, 2016: 262,fig.1,B)
78	Faiança	1610-1635	Bordo	Taça	Bordo extrovertido com inflexão com ressalto, lábio inclinado para o exterior com perfil externo côncavo. Pasta A2, pintada em azul claro com decorações em azul-escuro. 14cm de diâmetro.	(Casimiro, 2013: 357, fig.5)
79	Faiança	1570-1610	Bordo	Prato	Bordo extrovertido com inflexão com ressalto, lábio voltado para o exterior. Pasta	(Casimiro, 2013: 355,

					A2 com decoração em azul-escuro. 18cm de diâmetro.	fig.3)
80	Faiança	1610-1635	Bordo	Taça	Bordo extrovertido sem inflexão sem ressalto, lábio arredondado inclinado para o exterior com perfil externo côncavo. Pasta A2 com decoração em azul-escuro. 14cm de diâmetro.	(Casimiro, 2013: 357, fig.5)
81	Faiança	1610-1635	Bordo	Taça	Bordo extrovertido com inflexão com ressalto, lábio inclinado para o exterior com perfil externo côncavo. Pasta A2 com decoração em azul-escuro. 11cm de diâmetro.	(Casimiro, 2013: 357, fig.5)

Sondagem 1 [108]

Descrição das pastas	
Identificação	Descrição
A3	Pasta laranja, compacta, com frequentes inclusões de pequena e média dimensão.
B3	Pasta bege clara, média compacta, com poucas inclusões de pequena dimensão.

Nº de Inventário	Tipologia	Cronologia	Fragmento	Forma	Descrição	Paralelo encontrado em:
82	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Bordo com fundo	Tijela	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio arredondado voltado para o exterior, base plana de assentamento discoidal. Vidrado amarelo interno. Pasta A3. 20cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 134, nº11)
83	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Bordo com asa	Caçoila	Bordo extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado inclinado para o interior com perfil externo convexo, asa plana que arranca e termina no lábio. Pasta A3. Vidrado bege interno e externo. Apresenta vestígios de	(Viegas; Arruda, 1999: 134, nº2)

					carbonização externos. 20cm de diâmetro.	
84	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Bordo	Grande Salgadeira	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio pendente voltado para o exterior. Pasta A3. Vidrado verde interno. 34cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 137,nº3)
85	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Bordo	Tijela	Bordo extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio voltado para o exterior com extremo moldurado. Pasta A3. Vidrado bege interno e verde externa. Duas carenas decorativas no bojo. 14cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 134,nº11)
86	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Bojo com asa	Panela	Arranque de asa em rolo. Pasta A3. Vidrado verde externo e bege interno. Bojo apresenta três carenas decorativas.	(Viegas; Arruda, 1999: 154,nº13)
87	Cerâmica Vidrada	Indeterminada	Bojo	Indeterminada	Pasta B3. Vidrado verde interno e pintura branca externa.	
88	Cerâmica Vidrada	Indeterminada	Fundo com arranque de asa	Indeterminada	Arranque de asa plana, base côncava de assentamento anelar com pé. Pasta B3. Vidrado Verde externo. 4cm de diâmetro.	
89	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Lábio	Tijela	Lábio triangular. Pasta A3. Vidrado verde externo. 14cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 149,nº6)
90	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Fundo	Alguidar	Base plana de assentamento discoidal. Pasta B3. Vidrado verde interno. 36cm de diâmetro.	(Cardoso,2013: 103,nº59)
91	Cerâmica Vidrada	Indeterminada	Bojo		Pasta B3. Vidrado verde interno. Pode estar associado a 58.	
92	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Fundo	Alguidar	Base plana de assentamento discoidal. Pasta A3. Vidrado verde interno. 42cm de diâmetro.	(Cardoso,2013: 103,nº59)
93	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Bordo	Caçoila	Bordo extrovertido com inflexão, lábio pendente voltado para o interior. Pasta A3. Vidrado verde interno. 30cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 149,nº3)
94	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Bordo	Caçoila	Bordo extrovertido com inflexão, lábio pendente voltado para o interior. Pasta A3.	(Viegas; Arruda, 1999: 149,nº3)

					Vidrado verde interno. Vestígios de carbonização externa. 22cm de diâmetro.	149,nº3)
95	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Fundo	Grande Salgadeira	Base plana de assentamento discoidal. Pasta B3. Vidrado verde interno.	(Viegas; Arruda, 1999: 149,nº9)
96	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Bordo	Caçoila	Bordo extrovertido com inflexão, lábio pendente voltado para o exterior. Pasta A3. Vidrado verde interno. Vestígios de carbonização externa. 24cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 149,nº1)
97	Ferro	Indetermina da			Presilha de cinto	

Sondagem 1 [105]

Nº de Inventário	Tipologia	Cronologia	Fragmento	Forma	Descrição	Paralelo encontrado em:
98	Numisma	1885		Moeda	X reis. /D. Luiz I el Rei de Portugal. Imediatamente debaixo do derrube	(Vaz; Salgado, 1987/1988: 475)
99	Numisma	Séc. XV		Moeda	Ceitel de D. Manuel I (possivelmente proveio de algum aterro realizado ao terreno)	(Vaz; Salgado, 1987/1988:177)
100	Numisma	Séc. XV		Moeda	Ceitel de D. Manuel I (possivelmente proveio de algum aterro realizado ao terreno)	(Vaz; Salgado, 1987/1988: 177)
101	Alfinete	Indetermina da				

Sondagem 7 [709]

Descrição das pastas	
Identificação	Descrição
A7	Pasta alaranjada, compacta, com poucas inclusões de pequena dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes.

B7	Pasta laranja escura, compacta, com inclusões frequentes de pequena dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes.
C7	Pasta cinzenta, compacta, com inclusões frequentes de pequena dimensão, cozedura e arrefecimento redutores.
D7	Pasta negra, compacta, com algumas inclusões de pequena e média dimensão, cozedura e arrefecimento redutores.

Nº de Inventário	Tipologia	Cronologia	Fragmento	Forma	Observações	Paralelo encontrado em:
102	Cerâmica Comum	Islâmica	Peça completa	Aquamanil	Bordo introvertido sem ressalto com banda decorativa, lábio boleado inclinado para o exterior trilobado, asa oval que arranca no bordo e termina no ombro, duas carenas decorativas no ombro, base plana de assentamento discoidal. Pasta A7. Apresenta vestígios de carbonização. 3cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 129, nº12)
103	Cerâmica Comum	Islâmica	Fundo	Panela	Base plana de assentamento discoidal. Pasta B7. Apresenta vestígios de carbonização. 12cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152, nº1)
104	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio semi circular voltado para o exterior. Pasta C7. Apresenta vestígios de carbonização. 14cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152, nº9)
105	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Púcaro	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular vertical. Pasta D7. 10cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 106, nº71)
106	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular vertical. Pasta C7. Duas carenas no ombro e uma no colo. 16cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152, nº4)

Sondagem 7 [705]

Descrição das pastas

Identificação	Descrição
A8	Pasta branca, compacta, poucas inclusões de pequena dimensão.

Nº de Inventário	Tipologia	Cronologia	Fragmento	Forma	Descrição	Paralelo encontrado em:
107	Fauna Malacológica	Indeterminada	Concha		Concha de Ostra	
108	Faiança	1886-1887	Peça completa	Prato de servir	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo côncavo, base plana de assentamento discoidal. Pasta A8. 24cm de diâmetro.	(Câmara Municipal de Loures, 2016: 27)
109	Faiança	1886-1887	Bordo com fundo	Açucareiro	Bordo introvertido com ressalto, lábio boleado pendente voltado para o interior, base côncava com assentamento anelar com pé. Pasta A8. 10cm de diâmetro.	(Câmara Municipal de Loures, 2016: 27)
110	Faiança	Moderna	Bojo		Motivo vegetalista em azul elevadamente estilizado. Pasta A8.	(Casimiro, Sequeira, 2016: 269)
111	Faiança	1886-1887	Bordo com fundo	Açucareiro	Bordo introvertido com ressalto, lábio boleado pendente voltado para o interior, base côncava com assentamento anelar com pé. Pasta A8. 10 cm de diâmetro.	(Câmara Municipal de Loures, 2016: 27)
112	Faiança	1886-1887	Bordo com fundo	Prato de servir	Base plana de assentamento discoidal. Pasta A8. 26 cm de diâmetro.	(Câmara Municipal de Loures, 2016: 27)
113	Faiança	1886-1887	Bordo com fundo	Prato de servir	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo côncavo, base plana de assentamento discoidal. Pasta A8. 26cm de diâmetro.	(Câmara Municipal de Loures, 2016: 27)
114	Faiança	1886-1887	Bordo com fundo	Prato de servir	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo côncavo, base plana de assentamento	(Câmara Municipal de Loures, 2016: 27)

					discoidal. Pasta A8. 26cm de diâmetro.	
115	Faiança	1886-1887	Bordo com fundo	Prato de servir	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo côncavo, base plana de assentamento discoidal. Pasta A8.26 cm de diâmetro.	(Câmara Municipal de Loures, 2016: 27)
116	Faiança	1886-1887	Bordo com fundo	Prato de servir	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo côncavo, base plana de assentamento discoidal. Pasta A8. 28cm de diâmetro.	(Câmara Municipal de Loures, 2016: 27)

Sondagem 7 [705]

Descrição das pastas	
Identificação	Descrição
A9	Pasta laranja escura, compacta, com poucas inclusões de pequena dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes.

Nº de Inventário	Tipologia	Cronologia	Fragmento	Forma	Descrição	Paralelo encontrado em:
117	Cerâmica vidrada	Séc. XIX	Bordo	Alguidar	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado voltado para o exterior. Pasta A9. Vestígios de carbonização externa. Vidrado bege interior. 46cm de diâmetro.	(Reis, 2021: 133, nº22)
118	Cerâmica vidrada	Séc. XIX	Bordo	Alguidar	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado voltado para o exterior. Pasta A9. Vidrado bege interior. 44cm de diâmetro.	(Reis, 2021: 133, nº22)
119	Cerâmica vidrada	Séc. XIX	Bordo	Alguidar	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado voltado para o exterior. Pasta A9. Vidrado laranja interior. 30cm de diâmetro.	(Reis, 2021: 133, nº22)

120	Cerâmica vidrada	Séc. XIX	Bordo com asa	Tacho	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado vertical, asa mamilar. Pasta A9. Vidrado laranja interno e externo. Vestígios de carbonização externa. 28cm de diâmetro.	(Reis, 2021: 120, nº4)
121	Cerâmica vidrada	Séc. XIX	Bordo	Frigideira	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado vertical. Pasta A9. Vidrado laranja interno. 26cm de diâmetro.	(Reis, 2021: 132, nº21)

Sondagem 7 [705]

Descrição das pastas	
Identificação	Descrição
A10	Pasta laranja, compacta, com poucas inclusões de pequena e média dimensão, cozedura e arrefecimento oxidantes.

Nº de Inventário	Tipologia	Cronologia	Fragmento	Forma	Descrição	Paralelo encontrado em:
122	Cerâmica Comum	Séc. XIX	Lábio com asa	Pote	Lábio boleado, asa plana. Pasta A10. 22cm de diâmetro.	(Reis, 2021: 122, nº7)
123	Cerâmica Comum	Indeterminada	Asa	Indeterminada	Asa com depressão longitudinal. Pasta A10.	
124	Cobre	Indeterminado			Trinco de porta	
125	Azulejo	1740-1790			Azulejo Rococó. Motivos vegetalistas em azul.	Principais momentos da azulejaria portuguesa https://redeazulejo.letas.ulisboa.pt/timeline/
126	Azulejo	1490-1550			Azulejo Hispano-Mourisco. Motivos geométricos.	Principais momentos da azulejaria portuguesa

						https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/timeline/
127	Numisma	Séc. XV	Moeda		Ceitel de D. Manuel I	(Vaz; Salgado, 1987/1988: 177)

Sondagem 6 [612]

Descrição das pastas	
Identificação	Descrição
A11	Pasta branca, compacta, poucas inclusões de pequena dimensão
B11	Pasta laranja escura compacta, com poucas inclusões, de pequena dimensão, cozedura e arrefecimento oxidante.

Nº de Inventário	Tipologia	Cronologia	Fragmento	Forma	Descrição	Paralelo encontrado em:
128	Ferro	Indeterminada			Elemento de plaina	
129	Ferro	Indeterminada			Prego	
130	Ferro	Moderna/Contemporânea			Parte frontal de um ferro de engomar a carvão.	
131	Ferro	Indeterminada			Indeterminado	
132	Azulejo	1600-1700			Azulejo de Padrão. Pintura azul e amarela com motivos indeterminados	Principais momentos da azulejaria portuguesa https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/timeline/

133	Azulejo	1750-1790			Azulejo Róccó. Pintura azul com motivos vegetalistas	Principais momentos da azulejaria portuguesa https://redeazu.letas.ulisboa.pt/timeline/
134	Faiança	Moderna	Fundo	Tijela	Base côncava, assentamento anelar com o pé desenvolvido, faiança de estampa verde de inspiração romântica. Pasta A9. 16cm de diâmetro.	(Vigário, 2017: 26, fig.43 C)
135	Faiança	Moderna	Bojo	Tijela	Faiança de estampa verde, associado ao item anterior. Pasta A9.	(Vigário, 2017: 26, fig.43 C)
136	Faiança	Moderna	Bordo	Pote	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado, pendente voltado para o exterior, decorado com uma linha azul. Pasta A9. 20cm de diâmetro.	(Casimiro; Sequeira, 2016: 269, fig.5 G)
137	Faiança	Indeterminada	Asa		Asa redonda. Pasta A9.	
138	Vidro	Moderna/Contemporânea			Fragmento indeterminável de vidro translúcido de coloração azul	
139	Vidro	Moderna/Contemporânea			Fragmento indeterminável de vidro translúcido de coloração azul	
140	Vidro	Moderna/Contemporânea			Fragmento indeterminável de vidro translúcido de coloração azul	
141	Vidro	Moderna/Contemporânea			Fragmento indeterminável de vidro translúcido de coloração azul	
142	Cerâmica Vidrada	Séc. XIX	Bordo	Alguidar	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio arredondado voltado para o exterior. Pasta B9. Vidrado amarelo interno. 36cm de diâmetro.	(Reis, 2021: 133, n°22)
143	Cerâmica Vidrada	Séc. XIX	Bordo com fundo	Taça	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo convexo. Pasta B11. Vidrado laranja interno e	(Reis, 2021: 131, n°20)

					externo. 14cm de diâmetro.	
--	--	--	--	--	----------------------------	--

Sondagem 3 [301]

Descrição das pastas	
Identificação	Descrição
A10	Pasta castanha escura, compacta, com poucas inclusões, de pequena dimensão, cozadura e arrefecimento oxidantes.
B10	Pasta alaranjada, compacta, com poucas inclusões, de pequena dimensão, cozadura e arrefecimento oxidantes.
C10	Pasta bege, compacta, com poucas inclusões de pequena dimensão, cozadura redutora e arrefecimento oxidante.
D10	Pasta laranja clara compacta, com poucas inclusões de pequena dimensão, cozadura e arrefecimento oxidante
E10	Pasta cinzenta compacta, com poucas inclusões de pequena dimensão, cozadura e arrefecimento redutores

Nº de Inventário	Tipologia	Cronologia	Fragmento	Forma	Descrição	Paralelo encontrado em:
144	Cerâmica Comum	Islâmica	Fundo	Salgadeira grande	Base plana, assentamento discoidal. Pasta A10. 20cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 149, nº9)
145	Cerâmica Comum	Islâmica	Fundo	Taça	Base plana, assentamento discoidal. Pasta B10. 8cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 137, nº4)
146	Cerâmica Comum	Islâmica	Fundo	Caçoila	Base plana, assentamento discoidal. Pasta B10. Apresenta vestígios de carbonização exterior. 14cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 101, nº41)
147	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo com asa	Panela	Bordo extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado vertical, asa plana. Pasta B10. Apresenta vestígios de carbonização. 16cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152, nº9)
148	Cerâmica Comum	Indeterminado	Bojo com asa	Indeterminado	Asa plana. Pasta B10.	

149	Cerâmica Comum	Islâmica	Bojo com asa	Cântaro	Asa com depressão longitudinal. Pasta C10.	(Viegas; Arruda, 1999: 162, nº2)
150	Cerâmica Comum	Islâmica	Bojo com asa	Jarrinha	Asa oval. Pasta C10.	(Viegas; Arruda, 1999: 115, nº3)
151	Cerâmica Comum	Islâmica	Peça completa	Peso	Peso de pesca ou de tear. Pasta B10.	(Viegas; Arruda, 1999: 173, nº14)
152	Cerâmica Comum	Islâmica	Peça completa	Peso	Peso de pesca ou de tear. Pasta B10.	(Viegas; Arruda, 1999: 173, nº14)
153	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular vertical. Pasta C10. Lábio pintado de branco. Exterior escuro. 10cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152, nº9)
154	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular vertical. Pasta E10. Lábio e parte do interior apresenta tinta branca. 14cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 100, nº27)
155	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Taça	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo côncavo. Pasta B10. Apresenta vestígios de carbonização interna. 16cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 137, nº6)
156	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular vertical. Pasta E10. 20cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 100, nº21)
157	Cerâmica Comum	Islâmica	Fundo	Panela	Base plana alargada com assentamento discoidal. Pasta C10. Vestígios de carbonização externa. 20cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152, nº10)
158	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo com asa	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular vertical. Asa plana. Pasta B10. Apresenta vestígios de carbonização. 14cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 100, nº21)
159	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão com ressalto, lábio boleado vertical. Pasta C10. Apresenta vestígios de carbonização. 20cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152, nº9)

160	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio boleado inclinado para o exterior com perfil externo côncavo. Pasta C10. Vestígios de carbonização externa. 22cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152, n°5)
161	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Taça	Bordo extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular vertical. Pasta B10. 20cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 137, n°4)
162	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular. Pasta B10. Carena decorativa no bojo. 12 cm de diâmetro.	(Cardoso, 2013: 100, n°21)
163	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Caçoila	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio arredondado inclinado para o exterior com perfil externo côncavo com extremo moldurado. Pasta D10. Apresenta vestígios de carbonização externa. 28cm de diâmetro	(Viegas; Arruda, 1999: 149, n°6)
164	Cerâmica Comum	Islâmica	Bordo	Cântaro	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio triangular vertical. Pasta C10. 12cm de diâmetro	(Cardoso, 2013: 99, n°10)
165	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Bordo	Tijela	Bordo extrovertido sem inflexão, lábio arredondado inclinado para o interior com perfil externo convexo. Pasta C10. Vidrado bege interno e externo. 14cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 134, n°6)
166	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Bordo com asa	Panela	Bordo introvertido com inflexão sem ressalto, lábio boleado vertical, asa plana. Pasta C10. Vidrado verde externo. 10cm de diâmetro.	(Viegas; Arruda, 1999: 152, n°9)
167	Cerâmica Vidrada	Islâmica	Fundo	Taça	Base plana alargada, assentamento discoidal com engrossamento externo. Pasta C10. Vidrado verde externo. Elemento decorativo indeterminado. 12cm de diâmetro	(Cardoso, 2013: 107, n°97)
168	Ferro	Indeterminada	Presilha			
169	Ferro	Indeterminada	Presilha			

170	Ferro	Indeterminada	Prego			
171	Fauna Malacológica	Indeterminada	Concha			

Anexos III- Registo Fotográfico do Espólio

Anexos III

Sondagem 1, [108]



Foto 1- Nº de Inventário 1



Foto 2- Nº de Inventário 2

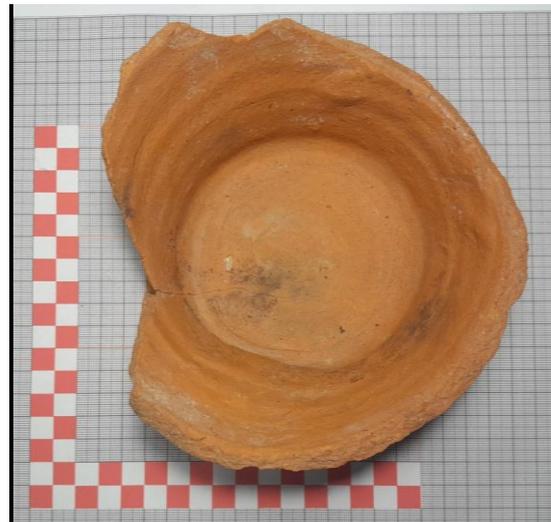


Foto 3- Nº de Inventário 3



Foto 4- Nº de Inventário 4, 5



Foto 7- Nº de Inventário 13-16

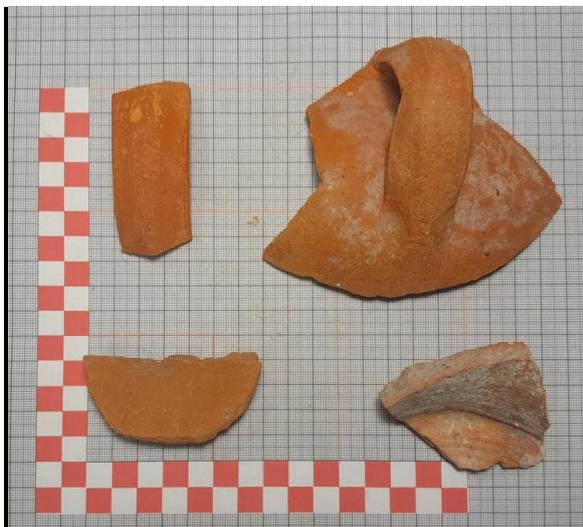


Foto 5- Nº de Inventário 6-9



Foto 8- Nº de Inventário 17, 18



Foto 6- Nº de Inventário 10-12



Foto 9- N° de Inventário 19-24



Foto 12- N° de Inventário 34, 35



Foto 10- N° de Inventário 25-29



Foto 13- N° de Inventário 36-40



Foto 11- N° de Inventário 30-33



Foto 14- N° de Inventário 41-43



Foto 15- Nº de Inventário 44



Foto 16- Nº de Inventário 45



Foto 17- Nº de Inventário 46, 47



Foto 18- Nº de Inventário 48



Foto 19- Nº de Inventário 49



Foto 22- Nº de Inventário 54



Foto 20- Nº de Inventário 50-52



Foto 23- Nº de Inventário 55



Foto 21- Nº de Inventário 53



Foto 24- Nº de Inventário 56-59



Foto 25- N° de Inventário 60



Foto 27- N° de Inventário 64-69



Foto 26- N° de Inventário 61-63



Foto 28- N° de Inventário 70-73

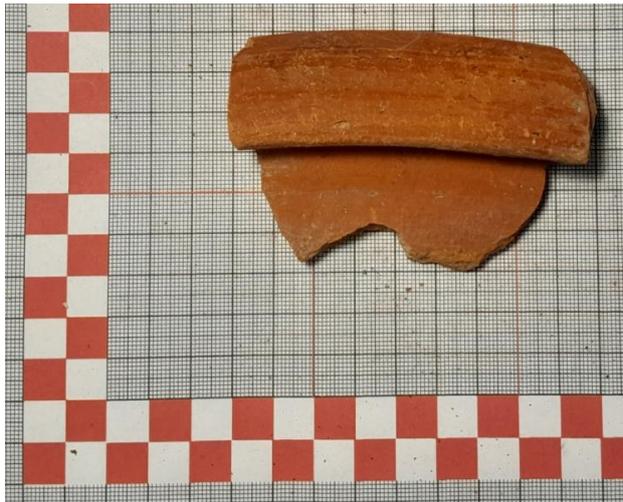


Foto 29- Nº de Inventário 74



Foto 32- Nº de Inventário 82



Foto 30- Nº de Inventário 75, 76



Foto 33- Nº de Inventário 83

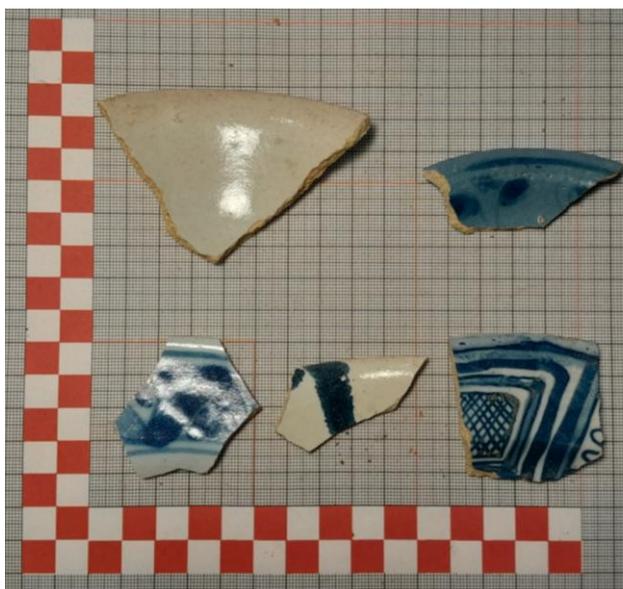


Foto 31- Nº de Inventário 77-81



Foto 34- Nº de Inventário 84-86



Foto 35- Nº de Inventário 87-89



Foto 37- Nº de Inventário 92



Foto 36- Nº de Inventário 90, 91



Foto 38- Nº de Inventário 93, 94



Foto 39- Nº de Inventário 95-96

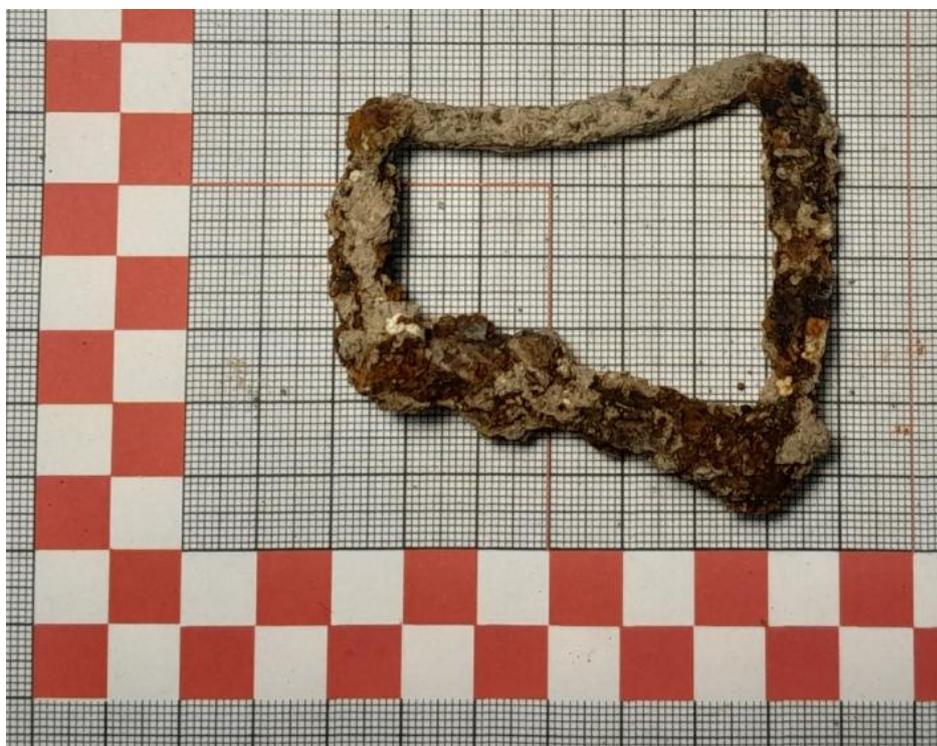


Foto 40- Nº de Inventário 97

Sondagem 1, [105]

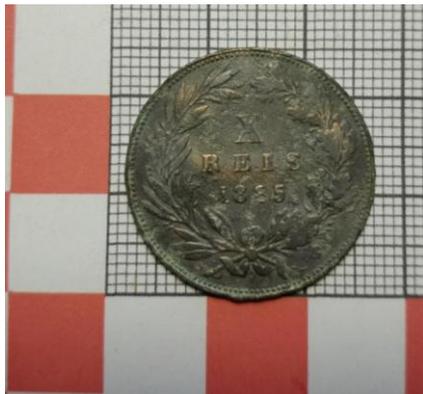


Foto 41- Nº de Inventário 98



Foto 42- Nº de Inventário 99



Foto 43- Nº de Inventário 100



Foto 44- Nº de Inventário 101



Sondagem 7, [709]



Foto 45- Nº de Inventário 102



Foto 46- Nº de Inventário 103



Foto 47- Nº de Inventário 104-106

Sondagem 7, [705]



Foto 48- Nº de Inventário 107



Foto 50- Nº de Inventário 109-112



Foto 49- Nº de Inventário 108



Foto 51- Nº de Inventário 113



Foto 52- Nº de Inventário 114-116



Foto 54- Nº de Inventário 120, 121

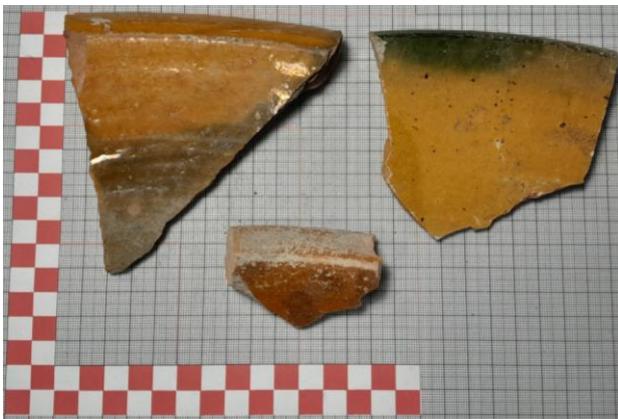


Foto 53- Nº de Inventário 117-119



Foto 55- Nº de Inventário 122, 123



Foto 56- Nº de Inventário 124



Foto 58- Nº de Inventário 127



Foto 57- Nº de Inventário 125, 126

Sondagem 6, [612]



Foto 59- Nº de Inventário 128-130



Foto 61- Nº de Inventário 132, 133



Foto 60- Nº de Inventário 131



Foto 62- Nº de Inventário 134-136



Foto 63- Nº de Inventário 137



Foto 65- Nº de Inventário 142, 143

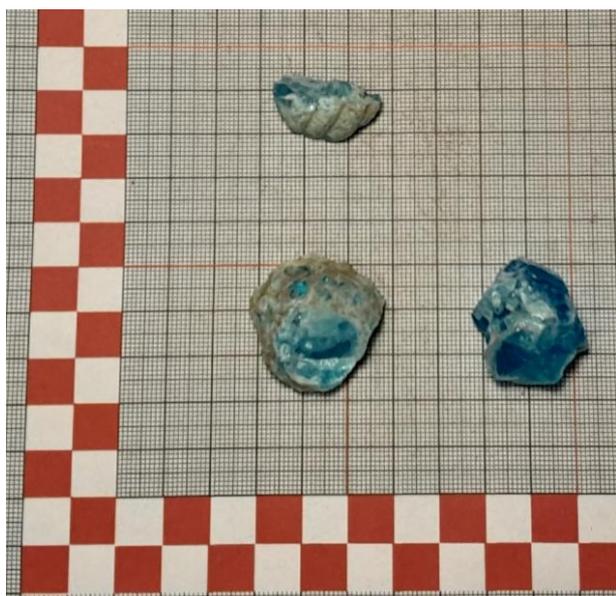


Foto 64 - Nº de Inventário 138-141

Sondagem 3, [301]



Foto 66- Nº de Inventário 144-146



Foto 68- Nº de Inventário 151, 152



Foto 67- Nº de Inventário 147-150



Foto 69- Nº de Inventário 153-158



Foto 70- N° de Inventário 159-164



Foto 72- N° de Inventário 168-170

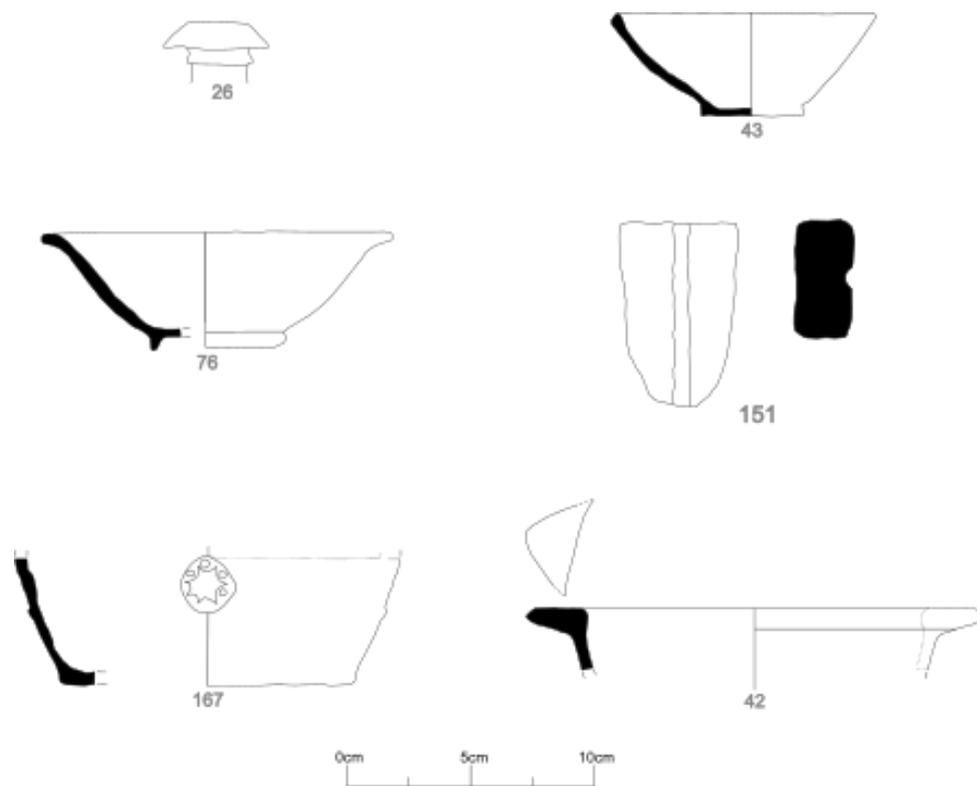


Foto 71- N° de Inventário 165-167

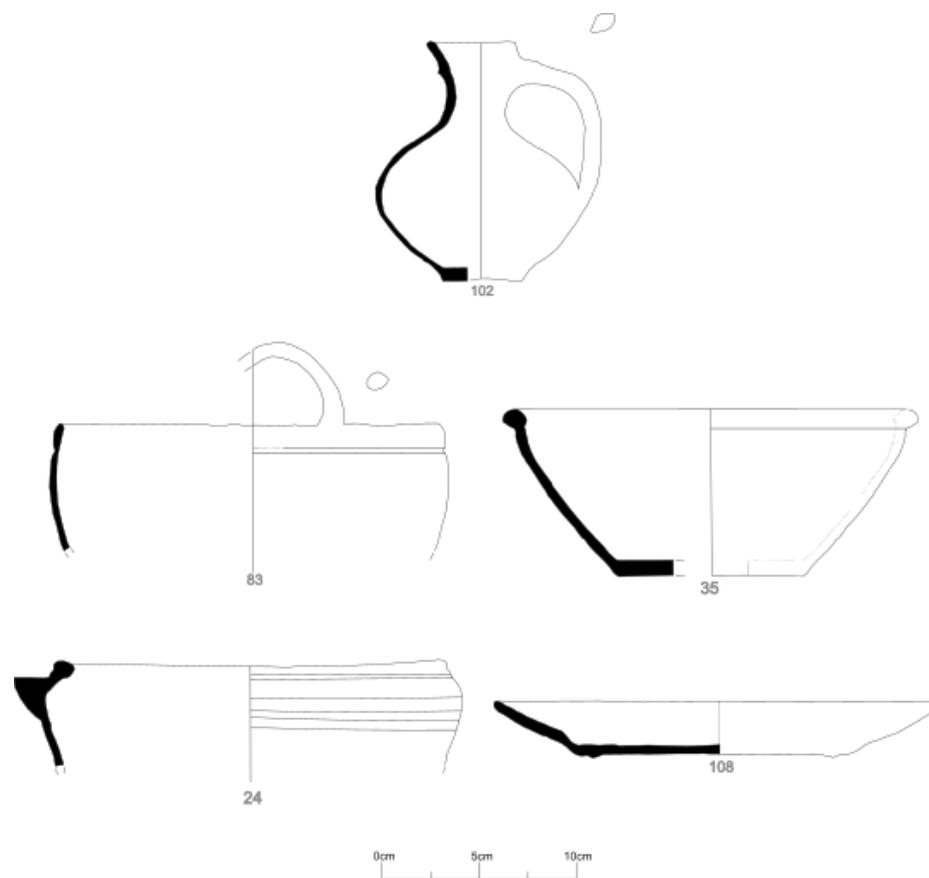


Foto 73- N° de Inventário 171

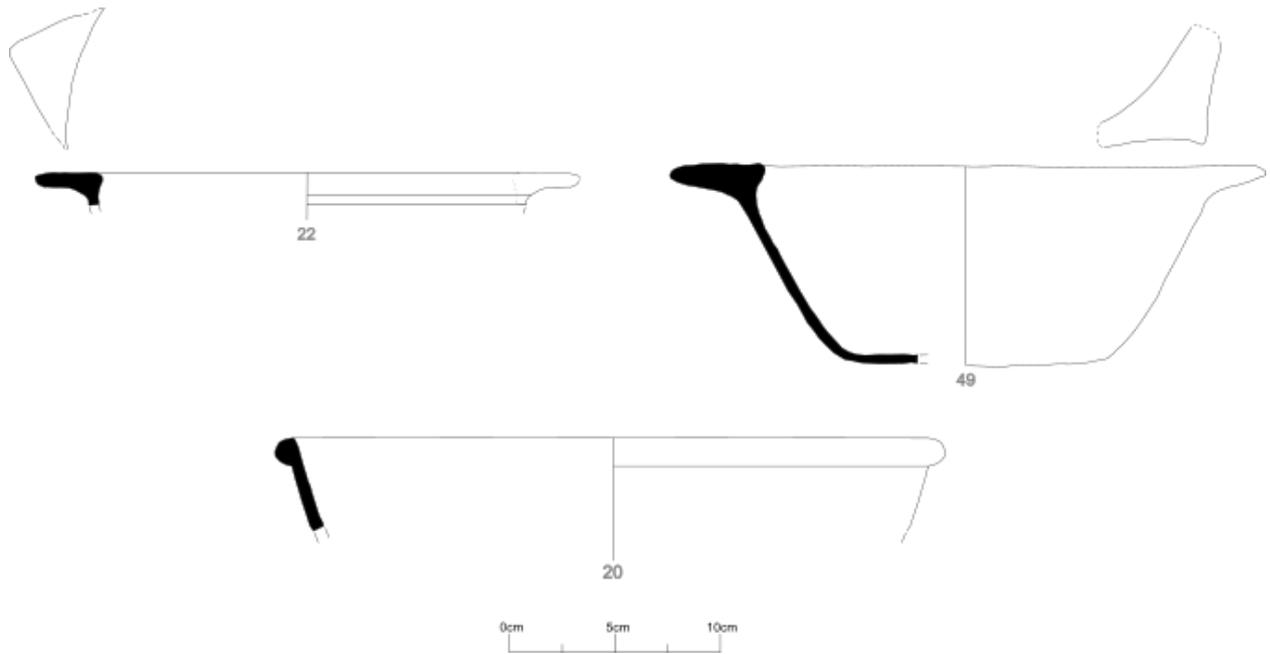
Anexos IV- Registo gráfico do espólio



Estampa 1 - Gargalo de Garrafa (26), Taça (43), Taça (76), Peso (151), Taça (167), Tacho (42)



Estampa 2 - Aquamanil (102), Caçoila (83), Caçoila (35), Painha (24), Prato (108)



Estampa 3 - Tacho (22), Caçoila (49), Alguidar (20)



Estampa 4- Fundo do Prato nº108